

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

**MÃOS TRÊMULAS E LINHAS TORTAS:
OS RELATÓRIOS CONFIDENCIAIS DO SERVIÇO POSTAL
E AS CARTAS CENSURADAS DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1944-1945)**

NITERÓI
2023

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

LINHA DE PESQUISA:
SOCIEDADE, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E DE CULTURAS.

**MÃOS TRÊMULAS E LINHAS TORTAS:
OS RELATÓRIOS CONFIDENCIAIS DO SERVIÇO POSTAL
E AS CARTAS CENSURADAS DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1944-1945)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientação: Profa. Dra. Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias.

Bolsista CAPES.

NITERÓI
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Moreira, Florence Alencar.

M838 Mãos trêmulas e linhas tortas: os relatórios confidenciais do serviço postal e as cartas censuradas da força expedicionária brasileira (1944-1945). / Florence Alencar Moreira. -- Niterói, RJ, 2023.

xv, 1-95p. il.; tabs.

Numeração da publicação: [i] – xv, 1-95p].

Referência(s): P. 81-89.

Anexo(s): P. 90-95.

Orientador: PhD. Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2023.

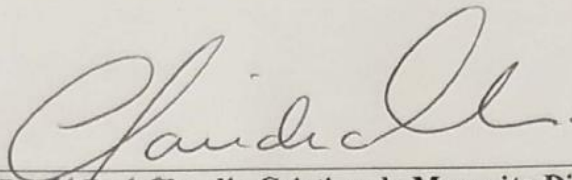
1. Brasil – Exército - Força Expedicionária Brasileira. 2. Serviço Postal. 3. Correspondência. 4. Censura. 5. TÍTULO.

CDD 940.53481

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

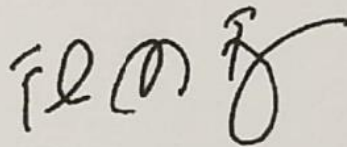
**“MÃOS TRÊMULAS E LINHAS TORTAS: OS RELATÓRIOS
CONFIDENCIAIS DO SERVIÇO POSTAL E AS CARTAS CENSURADAS DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1944-1945).”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 03 de fevereiro de 2023 pela banca examinadora, composta pelos professores:



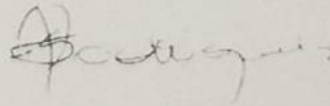
Prof.ª Dr.ª Claudia Cristina de Mesquita Dias

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz

Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL)



Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

“Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.”

Sir Isaac Newton, 1676.

Com carinho, a todos que agradeço.

Agradecimentos

A dedicação que tenho nos dias de hoje para estudar a Força Expedicionária Brasileira não nasceu de um dia para o outro – isso é importante para constatar para mim mesma, e para os leitores desse estudo, de que as coisas mais bonitas de nossa vida levam tempo para serem construídas.

Antes de entrar na faculdade de História, a FEB era, para mim, uma grande lacuna a ser preenchida. Para esboçar, em resumo, como fui encontrada por esse tema tão sensível, farei um memorial e aproveitarei essa oportunidade para agradecer àqueles que estiveram junto a mim nessa caminhada.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pois me sinto realizada de ter a oportunidade de continuar esse projeto de estudos sobre a FEB, que mais uma vez, tem mudado a minha vida e minha essência. Lembro-me que, desde pequena, meus pais sempre incentivaram a mim e a meu irmão a termos contato com diversos livros, documentários, filmes e desenhos sobre a História de uma maneira geral. À minha família, agradeço pelo apoio, sobretudo nos momentos de minha ausência para que o empenho em meu trabalho fosse eficiente.

Em um curto período da minha trajetória, tive maior contato com a minha avó materna, que, dentre suas características marcantes enquanto pessoa, me acordava às seis horas da manhã nos desfiles de 7 de setembro para assistir à formatura dos militares pela televisão. Confesso que eu nunca entendi o porquê ela me despertava tão cedo nos feriados dizendo “Florzinha, acorde para ver os pracinhas!”. Até que com o passar dos anos, em uma dessas celebrações, já com certa maturidade e talvez um pouco irritada por acordar tão cedo em um feriado, eu perguntei a ela quem eram os tais “pracinhas”. Em uma sonora resposta, ainda viva na minha memória ela disse: “Não ensinam isso nas escolas? Pergunte à sua professora.” Isso sempre me deixou com uma pulga atrás da orelha e ela nunca me respondeu.

Com o passar dos anos, dentre outras escolhas, iniciei o curso de licenciatura em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro pela Universidade Aberta do Brasil, acreditando que estudar História seria apenas decorar fatos, já que estes não mudariam. Não iniciei a faculdade com grandes expectativas – tão menos tinha a noção de que iria me deparar com a FEB no meio do caminho – porém pedi a Deus que me abençoasse nesse projeto de vida. Por esse e outros motivos, e hoje, enquanto historiadora, percebo que tudo é questão de tempo.

Nos eventos acadêmicos que passei a frequentar, conheci pessoas maravilhosas que me ajudaram a evoluir e, por esse motivo, relembro a célebre frase de sir Isaac Newton em 1676: “Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.”

Nesse momento, gostaria de agradecer àqueles que integram a minha jornada. Ao Prof. Dr. Fabio da Silva Pereira, pelas pesquisas que desenvolvemos juntos e pela amizade de sempre. Ao Prof. Dr. Fernando Rodrigues, por suas orientações, pelo convite para integrar o grupo de pesquisa “História Militar, Política e Fronteiras”, e um agradecimento especial por aceitar fazer parte da minha banca de mestrado.

À Prof. Dra. Cláudia Mesquita, por aceitar ser minha orientadora do mestrado, confiando e incentivando o meu trabalho ao longo desse período. À Profa. Dra. Vivian Zampa, atual coordenadora de nosso PPGH e orientadora do meu trabalho de conclusão de curso da graduação, motivo de alegria, por conquistarmos preciosa vitória com uma colocação no prêmio “Santos Dumont”, evento do Ministério da Defesa e do Ministério da Educação.

Ao Prof. Dr. Francisco Ferraz, estudioso ao qual me inspirei na graduação ao ler seu livro “A guerra que não acabou”, por sua especial atenção no referido evento em Brasília, e, com efeito, por também aceitar fazer parte da minha banca de mestrado. Confesso que me esforcei ao máximo para colocar nessa bagagem chamada dissertação somente o que seria necessário.

Ao Prof. Me. Álvaro Alves, pelos direcionamentos no Arquivo Histórico do Exército e à equipe da Associação Nacional de Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro, pela ajuda com as fontes utilizadas nessa pesquisa. Ao Prof. Dr. Fábio Freire pelos ensinamentos sobre a história do Exército brasileiro e sua orientação no meu estágio de docência.

Também direciono meus agradecimentos às instituições que propiciaram a qualidade desse estudo. À Universidade Salgado de Oliveira, seu corpo docente e administrativo, por seu programa de bolsas de estudos, a qual usufrui nesses dois anos, e pela qualidade das aulas que não foram prejudicadas no período da pandemia.

A todos os meus professores, inclusive, agradeço pelos novos aprendizados e pelo incentivo nos novos estudos. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por minha bolsa de estudos no mestrado. Aos Arquivos supracitados, pela qualidade da minha recepção enquanto pesquisadora.

Por fim, ressalto que tive a honra de conhecer alguns expedicionários em um Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira.

Ainda que outros pesquisadores já tenham esse esclarecimento antes de mim, ressalto que o sentimento de tenho é que todos os expedicionários sejam reconhecidos de alguma forma, por terem feito parte da construção da nossa história.

Com carinho, agradeço a Deus e a todos.

Desistir não é opção.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2022.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AHEX: Arquivo Histórico do Exército

AIB: Ação Integralista Brasileira

BBC: British Broadcasting Corporation

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CPB: Censura Postal Brasileira

CPOR: Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

DIE: Divisão de Infantaria Expedicionária

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

EB: Exército Brasileiro

ECCPB: Escola de Censores da Censura Postal Brasileira

EMR: Escola Militar do Realengo

EUA: Estados Unidos da América

FEB: Força Expedicionária Brasileira

GT: Grupamento Tático

ISPFEB: Instruções do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira

LBA: Legião Brasileira de Assistência

MG: Ministério da Guerra

NPOR: Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva

RGSPFEB: Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira

RI: Regimento de Infantaria

SP: Serviço Postal

Lista de Quadros

Quadro 1- Análise do relatório confidencial nº 457.....	90
Quadro 2- Análise do relatório confidencial nº 467.....	91
Quadro 3- Análise do relatório confidencial nº 412.....	92
Quadro 4- Análise da carta censurada de (S. M. S.).	93
Quadro 5- Análise da carta censurada de (J. R. S.).....	94
Quadro 6- Glossário sobre tópicos analisados no trabalho.	95

Lista de Figuras

Figura 1- A estruturação da Força Expedicionária Brasileira e o seu Serviço Postal	10
Figura 2- Relatório Geral do Serviço Postal da FEB: “De esposa a marido expedicionário”.	22
Figura 3- Relatório Confidencial nº 457	31
Figura 4- Relatório Confidencial nº 467.	33
Figura 5- Relatório Confidencial nº 412.	37
Figura 6- Envelope da carta censurada de (S. M. S.), 3 de abril de 1945	50
Figura 7- Carta censurada de (S. M. S.), 3 de abril de 1945.	50
Figura 8- Envelope da carta censurada de (J. R. S.), 19 de maio de 1945.	53
Figura 9- Carta censurada de (J. R. S.), 19 de maio de 1945.	54
Figura 10- José Jerônimo de Mesquita	62
Figura 11- Genealogia da família Mesquita	62
Figura 12- Foto do aspirante Mesquita e cópia da identificação militar	64
Figura 13- Desenho da 1ª carta de 30 de setembro de 1944 e recorte de carta censurada.	70
Figura 14- Desenhos da segunda carta, de 30 de setembro de 1944 – um combatente no fox-hole	71

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a estrutura da censura no Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira, por meio de relatórios confidenciais institucionais e cartas censuradas dos combatentes em fins da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do Estado Novo (1937-1945). Para o referencial teórico, nos embasamos em estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira e sobre a censura postal militar. No tocante ao amparo metodológico, utilizamos instruções de como estudar correspondências e documentos impressos como fontes históricas. A realização dessa pesquisa foi possível devido à consulta nos acervos da Associação de Ex-Combatentes do Brasil-RJ, do Arquivo Histórico do Exército brasileiro e do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, desenvolvendo-se um estudo de cunho qualitativo e descritivo. A problemática envolve a análise do teor das cartas escritas aos combatentes e sua repercussão na sociedade da época, sobretudo por representarem um impacto no moral dos militares expedicionários da FEB.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Serviço Postal; Correspondências; Censura.

Abstract

This research aims to analyze the structure of censorship in the Postal Service of the Brazilian Expeditionary Force, through confidential institutional reports and letters censored by the combatants at the end of World War II (1939-1945) and the Estado Novo (1937-1945). For the theoretical framework, we are based on studies on the Brazilian Expeditionary Force and on military postal censorship. Regarding the methodological support, we use instructions on how to study correspondence and printed documents as historical sources. This research was possible due to the consultation in the collections of the Association of ex-combatants of Brazil-RJ, the Historical Archive of the Brazilian Army and the Reserve Officers Preparation Center, developing a qualitative and descriptive study. The problem involves the analysis of the content of the letters written to the combatants and their impact on the society of the time, especially because they represent an impact on the morale of the expeditionary military of the FEB.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Postal Service; Correspondence; Censorship.

Sumário

Considerações Iniciais	1
Capítulo I: O “pão espiritual dos soldados” e os relatórios confidenciais do Serviço Postal no Correio Coletor Sul	10
1.1. A censura nas correspondências e o moral dos soldados	12
1.2. O “pão espiritual dos soldados”	26
Capítulo II: A censura postal nas correspondências dos expedicionários	40
2.1. A escrita para elevar o moral do combatente	41
2.2. Cartas censuradas: uma análise necessária	46
Capítulo III: Os ecos da batalha: as cartas do aspirante José Jerônimo de Mesquita ...	58
3.1. Motivações para o estudo da vida do aspirante	58
3.2. A vida e o alistamento de José Jerônimo de Mesquita	60
3.3. A ida de José Jerônimo para a guerra e sua morte	66
Considerações Finais	77
Referências	81
Acervos visitados	81
Fontes	81
Bibliografia	84
Anexos	90
Anexo I: Análise resumida dos relatórios do Serviço Postal	90
Anexo II: Análise resumida das cartas censuradas	93
Anexo III: Glossário	95

Considerações Iniciais

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a censura do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em fins da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do Estado Novo (1937-1945). A problemática envolve a análise do teor das correspondências escritas aos combatentes, sobretudo por representarem um impacto no moral dos militares expedicionários que estavam na guerra.

Nossa análise entende que o Estado Novo era um período em que “domina a cena o Vargas identificado com o ideário autoritário”¹, e, embora não direcionemos o presente estudo para explicar as estruturas ideológicas ou políticas desse governo, nos concentramos em analisar a censura vigente. Chamamos a atenção para a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que aplicava a censura nos mais diferentes meios de comunicação, através das técnicas de persuasão desenvolvidas na Alemanha por Joseph Goebbels². Assim sendo, a troca de correspondências no conflito também passou por influência do DIP no que diz respeito à censura, sobretudo após a declaração de guerra ao Eixo realizada pelo Decreto-lei nº 10.358, em 31 de agosto de 1942³.

Em 1942, com os sucessivos torpedeamentos aos navios mercantes no litoral brasileiro pelos submarinos alemães, era possível constatar que “as dimensões gigantescas da Segunda Guerra Mundial e a dinâmica da evolução das táticas e das estratégias de combate definiu como prioridade a interdependência das unidades e armas.”⁴ Embora firmados os acordos para a aliança Brasil e Estados Unidos (EUA), “até o início de 1943, o Exército Brasileiro jamais tinha, formalmente, expressado qualquer desejo ou formalizado qualquer projeto de enviar tropas para lutar no exterior.”⁵

Ainda assim, a FEB foi estruturada “em 09 de agosto de 1943 pela Portaria Ministerial nº 4.744”⁶ ⁷, sendo composta pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e órgãos

¹ DINIZ, Eli. Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais in PANDOLFI, Dulce, *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 23.

² CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação in PANDOLFI, Dulce, *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 171-172.

³ BRASIL, *Decreto-lei nº 10.358* de 31 de agosto de 1942. Declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo. Distrito Federal, [1944].

⁴ RODRIGUES, Fernando da Silva. Organização, preparação e atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, *Análise Estratégica*, volume 12 (2) Mar/ Maio 2019, p. 45.

⁵ OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, Curitiba: Juruá, 2015, p. 158.

⁶ RODRIGUES, Op. Cit., 2019, p. 41-42.

⁷ BRASIL, *Portaria Ministerial nº 4.744* de 9 de agosto de 1943. Criação da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal, 1944.

não divisionários⁸. Ressaltamos que o nosso objeto de pesquisa está direcionado a um desses órgãos não divisionários, sendo este o Serviço Postal.

A FEB atuou no território italiano por “239 dias em um contato contínuo com unidades inimigas: no período que correspondeu entre 06 de setembro de 1944 a 02 de maio de 1945.”⁹ Teve em número de convocados em seus escalões: 1º Escalão: 5.075; 2º e 3º Escalões: 10.375; 4º Escalão: 4.691; 5º Escalão: 5.082; Chegados por via aérea: 111; Contando com um total de: 25.334¹⁰ pessoas convocadas para a se juntar à FEB. Nesses 239 dias de contínuos combates no teatro de operações italiano, podemos ressaltar, dentre outros combates, a atuação dos expedicionários em: Camaiole, Monte Prato, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collecchio, Fornovo.¹¹

Após uma atuação repleta de desafios, constatamos que houve uma sensação abandono aos combatentes após a rápida “dissolução da FEB, por meio do Aviso nº 217-185, de 06 de julho de 1945”¹², sendo esses excluídos da força terrestre, no qual “deixa claro o esquecimento, o quase ‘não estar na história’ de um grupo de 25.334 pessoas”¹³.

O órgão não divisionário, Serviço Postal da FEB, foi criado pelo Decreto-lei nº 6.438 em 26 de abril de 1944, e iniciou as suas atividades em 29 de julho do mesmo ano¹⁴. Cabia a esse setor analisar todas as correspondências destinadas ao pessoal da FEB, sendo que no Brasil recebiam rigorosa censura tanto no Correio Coletor Sul (no Rio de Janeiro, capital federal na época) e no Correio Coletor Norte (em Natal, Rio Grande do Norte).¹⁵ Nessa pesquisa buscamos analisar a censura que era empregada no Correio Coletor Sul, por meio de relatórios confeccionados por uma equipe de censores. O Correio Coletor Norte não está presente em nossa pesquisa.

A construção bibliográfica desse trabalho está embasada em estudos confeccionados por pesquisadores que analisaram a aliança Brasil-Estados Unidos, e com direcionamento para explicar a Força Expedicionária Brasileira. Esses trabalhos, por sua vez, são o ponto de partida para exprimir as nossas contribuições sobre o tema. Dentre outros autores consultados,

⁸ RODRIGUES, Op. Cit., 2019, p. 42.

⁹ MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*, tradução de Jayme Teddel e José Lívio Dantas, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 337-338.

¹⁰ MCCANN, Op. Cit., p. 337.

¹¹ MCCANN, Op. Cit., p. 338.

¹² FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina, Eduel, 2012, p. 104-105.

¹³ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 21.

¹⁴ AHEx. *Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul (RGSPFEB)*, 1944. Arquivo Histórico do Exército, 1944, p. 20.

¹⁵ AHEx. Op. Cit., p. 20

centraremos nosso enfoque para seis estudiosos que direcionaram suas análises para essa temática.

O brasilianista Frank D. McCann¹⁶ se interessou pelas questões diplomáticas entre Brasil e EUA em meados da década de 1960, período em que passou a escrever sobre as relações entre os dois países durante o Estado Novo. O livro nos traz explicações anteriores à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos norte-americanos, analisa a atuação brasileira no conflito e explica o desfecho da situação entre os dois países, sobretudo destacando a situação política e econômica brasileira. O ponto mais importante do estudo de McCann para a presente pesquisa foi constatado em um momento que o autor faz uma referência ao Serviço Postal da FEB e seus problemas¹⁷. O autor exemplifica como essa problemática afetou a atuação dos censores, em entender o que era ou não um segredo de guerra, com a preocupação de não deixar passar certas pistas ao inimigo, causando danos à tropa. Essa passagem nos permitiu o fôlego para consultar outras fontes que contribuiriam para o recolhimento de maiores informações sobre o objeto de estudo.

O historiador Dennison de Oliveira¹⁸, um dos pioneiros nos estudos acadêmicos brasileiros sobre a FEB, inspirado no estudo de McCann e tendo acesso ao seu acervo, realizou uma pesquisa nos EUA para delimitar um novo olhar sobre a aliança entre Brasil e EUA, com ênfase para os aspectos militares. A pesquisa revelou que a temática ainda desperta controvérsias sobre os financiamentos norte-americanos que beneficiaram o Brasil para a aquisição de bens militares. O autor destaca as pressões para a americanização do Exército brasileiro, a organização e assessoria à FEB e as questões sobre a sua consequente desmobilização. O que mais nos chamou a atenção nesse estudo foi a utilização de fontes de teor inédito para a construção de sua pesquisa – fator esse de inspiração para a nossa escrita. O historiador também mostra as fontes de seu livro em hiperlinks disponibilizados aos futuros pesquisadores, permitindo o acesso para esses conteúdos, de maneira a frutificar novos estudos sobre o tema.

O historiador Francisco Ferraz^{19 20}, referência acadêmica para a nossa pesquisa, dedicou-se a estudar a reintegração social dos veteranos da FEB em sua tese de doutorado. Dentre outras pesquisas que tivemos contato, o que mais se destacou foi livro publicado por Ferraz com o conteúdo de sua tese. Isso porque o autor buscou explicar a fundo as

¹⁶ MCCANN, Op. Cit., s/p.

¹⁷ MCCANN, Op. Cit., p. 334-335.

¹⁸ OLIVEIRA, Op. Cit., 2015, s/p.

¹⁹ FERRAZ, Op. Cit., 2012, s/p.

²⁰ FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

características das complexas relações entre os ex-combatentes e a sociedade brasileira, baseado nas memórias individuais e coletivas, com ênfase no pós-guerra até a contemporaneidade. O estudo supracitado permitiu-nos conhecer melhor a historiografia sobre a FEB, o que culminou no despertar para a pesquisa sobre as percepções dos expedicionários, bem como da sociedade, sobre a participação brasileira no conflito. Assim, podemos justificar nossa inspiração para analisar os aspectos que interligavam os combatentes à sua rede de sociabilidade, que no nosso caso, foi estudado a partir da escrita de missivas.

O historiador Fernando Rodrigues^{21 22} permitiu-nos, a partir do estudo de seus artigos, um contato inicial para começarmos a investigação sobre as características da FEB. Em nossas leituras, identificamos tópicos e preenchemos as lacunas necessárias que nos levaram a entender pontos essenciais para a organização e atuação dos militares expedicionários. No que diz respeito à apresentação de informações científicas, o historiador busca, com a contribuição dos autores supracitados e se amparando em uma análise documental, realizar sua pesquisa nos direcionando a entender os problemas e tensões da tropa. Passamos a entender com seus estudos o recorte geográfico de atuação da força terrestre, lacuna essa que carecia de respostas, sobretudo para explicar como funcionava o fluxo das cartas escritas pelos expedicionários. Ainda, com a apresentação dos documentos de uma forma acessível aos demais pesquisadores, passamos a compreender os desafios históricos que permearam as relações para a estruturação e atuação da FEB.

O historiador Fabio Pereira²³ demonstrou em seu estudo a possibilidade de entender fatores culturais sobre a FEB, sobretudo em função da mudança dos hábitos alimentares dos expedicionários. A pesquisa concentra-se em explicar os dissabores dos combatentes ao ter que se alimentar, sem adaptação, com refeições diferentes e sem o sabor habitual da culinária brasileira de meados de 1940. O autor destaca que fatores como o enjoo e insatisfação constante com o novo paladar abalavam o moral da tropa, causando-os o sentimento de indignação com a qualidade da comida, tanto nos navios, quanto nas rações norte-americanas distribuídas na linha de frente. A sutileza para entender as características culturais, a partir da alimentação dos indivíduos recrutados, nos despertou a curiosidade para pesquisar como outras mudanças repentinas abalaram o cotidiano desses militares.

²¹ RODRIGUES, Op. Cit., 2019, s/p.

²² RODRIGUES, Fernando da Silva. Desafios históricos para organização, preparação e emprego da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, *Análise Estratégica*, Vol 5 (2) Jul/ Dez 2018.

²³ PEREIRA, Fabio da Silva. O impacto cultural na alimentação dos soldados da FEB e a logística de suprimento na Itália (1944-1945), *Revista do Exército Brasileiro (REB)*, v. 156 n. 1, mai. 2020.

O historiador Marcos Costa²⁴, no seu estudo sobre a censura postal militar aplicada no Serviço Postal, explicou um pouco de como funcionava essa estrutura. O autor perpassa por tópicos como: a aplicabilidade da censura no período do Estado Novo pelo DIP, a questão do incentivo à escrita pelos militares, os fatores para o abalo do psicológico do expedicionário no ambiente hostil da guerra, e a forma como eram censuradas essas correspondências. Buscamos desenvolver assim, algumas lacunas que ainda não tinham sido respondidas nesse estudo, embora tenha-nos servido como base e direcionamento, pois não foram encontrados outros escritos específicos sobre o funcionamento do Serviço Postal da FEB.

O direcionamento teórico da presente pesquisa buscou desenvolver-se a partir da nova história militar, pois a entendemos com um “conceito histórico relativo e instrumental pautado por uma metodologia específica”²⁵. O historiador Paulo Parente²⁶ explica que essa nova metodologia do estudo da história militar vai além da narração de fatos da história batalha²⁷ e nos permite dialogar com, dentre outras, a história cultural. A interpretação da guerra, segundo o autor, é vista de maneira diferente por variadas sociedades²⁸ e, ainda que não nos concentremos a pesquisar a forma com que a sociedade brasileira, em sua totalidade, entendia a FEB, buscamos com a interdisciplinaridade das ciências humanas entender as experiências individuais dos militares brasileiros e sua percepção sobre a guerra.

A escrita da história está diretamente relacionada à história militar, pois é da “lembração de atos de coragem, desprendimento e sacrifício, perpetrados por soldados do passado e pelos seus antecessores, que o homem, contrariando seus impulsos naturais de fugir ou esconder-se, torna-se capaz de seguir em frente. E é da história que vem essa inspiração.”²⁹ Assim, buscamos entender a partir das obras anteriores como nos orientar para a melhor compreensão dos sujeitos de nosso estudo histórico.

Apesar de falarmos frequentemente em uma “História Econômica”, em uma “História Política”, em uma “História Cultural”, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas. Mas o ser humano, em sua ânsia de melhor compreender o mundo, acaba sendo obrigado a proceder a recortes e a operações simplificadoras, e é neste

²⁴ COSTA, Marcos Antônio Tavares da. A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB. In: *I Simpósio do Laboratório de História Política e Social - 70 Anos do Estado Novo*, Juiz de Fora: ICH, v. I., 2010, p. 1-11.

²⁵ PARENTE, Paulo André Leira. Uma nova História Militar? Abordagens e campo de investigação. *A defesa Nacional: ADN*, 3º quadrimestre de 2006, p. 64.

²⁶ PARENTE, Op. Cit., p. 65.

²⁷ PARENTE, Op. Cit., p. 66.

²⁸ PARENTE, Idem, p. 66.

²⁹ PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. A História Militar Tradicional e a “Nova História Militar”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011, p. 5-6.

sentido que devem ser considerados os compartimentos que foram criados pelos próprios historiadores para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos.³⁰

A historiografia tradicional, em suas análises documentais, estava direcionada a celebrar os grandes feitos e vitórias em combates, repleta de inspiração nacionalista. A nova história militar é utilizada com o objetivo de realizar uma releitura sobre a abordagem tradicional. Dentre outros fatores, busca-se analisar com essa reformulação, os vínculos de sociabilidade entre militares e civis.

Sobre a metodologia, nos amparamos nas instruções sobre o uso das correspondências como fontes históricas para desenvolvermos uma abordagem qualitativa sobre a percepção da individualidade dos missivistas. Não foram encontrados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estudos específicos sobre a escrita de cartas na FEB.

A historiadora Teresa Malatian³¹ evidencia, a partir de uma nova perspectiva historiográfica, como o estudo de cartas enquanto fontes históricas atua na revalorização do indivíduo, exprimindo na escrita de si sua posição reflexiva pertencente ao mundo e à história coletiva. A autora explica que, mesmo que a escrita de cartas seja uma prática habitual, passou a se constatar um papel mais relevante para que os indivíduos pudessem exprimir suas experiências, sentimentos e emoções³². A análise metodológica foi realizada a partir da identificação nas fontes documentais, respondendo as seguintes perguntas: “quem? quando? onde? como? e por que?”³³. As cinco perguntas essenciais para a o estudo de correspondências, levantadas pela historiadora, nos direcionam para a percepção do que o missivista gostaria de explicar aos seus correspondentes.

No envio de missivas, percebemos que o indivíduo, talvez de maneira involuntária, poderia fornecer informações que comprometeriam o cotidiano da sociedade, ou poderia até mesmo aplicar a autocensura, como meio de ter suas correspondências entregues. No nosso caso, buscamos entender como o monitoramento realizado pelo Serviço Postal tratava das informações de guerra e as distinguia das informações da vida privada. A análise dos conteúdos também se direciona a realizar uma ligação com os efeitos da escrita no moral dos combatentes.

³⁰ BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 15.

³¹ MALATIAN, Teresa. Cartas-Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

³² MALATIAN, Op. Cit., p. 196.

³³ MALATIAN, Op. Cit., p. 204.

Acerca das fontes históricas em estudo, são analisados: no primeiro capítulo, três relatórios classificados como confidenciais pelo Serviço Postal da FEB; no segundo capítulo, duas correspondências censuradas; e no terceiro capítulo, um livreto com o compilado de cartas de um aspirante morto em combate.

No primeiro capítulo, a motivação para o estudo das fontes se revela a partir da qualidade dos relatórios para a nossa análise, chamando a atenção para o tema direcionado pelos censores. De acordo com as buscas no portal de periódicos, podemos apresentá-las como inéditas, pois não foram encontrados outros estudos que trabalhassem com esses documentos institucionais.

No segundo capítulo, além das correspondências serem censuradas, afirmamos que são inéditas e nenhum outro pesquisador as utilizou para o desenvolvimento de algum tipo de análise. Isso porque os arquivistas da Associação Nacional de Ex-Combatentes-RJ encontraram as cartas dentro de uma caixa, em um local que pareceu estar intocado durante muitos anos. A caixa continha cinco correspondências, todavia, somente duas foram utilizadas nesse estudo em função da relação com a temática, isso porque nos despertou a atenção o fato das fontes serem manuscritas e expressarem os sentimentos dos combatentes no conflito. As outras três não foram utilizadas nesse trabalho pois não se encaixaram com a nossa análise de conteúdo.

No terceiro capítulo, a análise das cartas compiladas por Flávio Joppert³⁴, entre o aspirante José Jerônimo de Mesquita e seus parentes e amigos, nos permitiu observar o diálogo juvenil entre ambos. Assim como no primeiro capítulo, não foram encontrados estudos anteriores sobre essas fontes, então, podemos levantar a probabilidade de seu teor inédito de análise.

Embora as buscas por fontes tenham sido profícuas em termos de uma análise de conteúdo qualitativa, não foram encontrados documentos, materiais ou estudos científicos anteriores que trouxessem referências sobre a escola de censores³⁵ citada no Relatório Geral do Serviço Postal da FEB. Embora houvesse um processo de censura em todas as forças armadas com um risco militar de grande proporção, somente foi apresentada nesse relatório a informação que esses censores tiveram instrução de oficiais norte-americanos. Ainda sobre instrumentos para a análise das cartas, foi utilizado o método da paleografia para transcrever os textos manuscritos, pois ao início da pesquisa, tivemos inúmeras dúvidas de como trabalharíamos com essas fontes.

³⁴ JOPPERT, Flávio. *Vozes & ecos: cartas de guerra transcritas*. Niterói: Flávio Joppert, 2011.

³⁵ AHEX. Op. Cit., p. 20-21, grifo nosso.

O relato dos combatentes também é utilizado nesse trabalho como forma de entender o tempo e o lugar em que os expedicionários estavam inseridos, em uma perspectiva fatigante de “lama, chuva, neve e frio, [e] desafios diários a que se submeteu o combatente brasileiro, [que] soube manter sempre sua motivação para a luta.”³⁶ Ainda assim, no decorrer dos capítulos buscamos entender, conforme evidenciamos acima, as relações entre o indivíduo e sua coletividade, ou seja, seus vínculos de sociabilidade.

Seria difícil (...) tratar a história militar como algo inerentemente distinto da história mais ampla da sociedade de onde os soldados e oficiais são recrutados. (...) Não se pretende reduzir a compreensão da instituição militar a fenômenos sociais de outra ordem, que a determinariam, e sim prestar grande atenção à interação entre Forças Armadas e sociedade. Essas pesquisas estudam a origem social, os vínculos da sociabilidade, as operações formais e informais das hierarquias, os sistemas de progressão e punição operantes nos quartéis e destacamentos espalhados pelo país. Estudam também as ocasiões em que as Forças Armadas entraram em combate: as poucas guerras externas, a participação no processo de unificação territorial, a formação dos oficiais e os episódios de violência coletiva, especialmente as revoltas.³⁷

No Capítulo I, buscamos trabalhar com três relatórios classificados como confidenciais pelo Serviço Postal. Esses documentos foram elaborados pela equipe de censores do Correio Coletor Sul, com a supervisão do major chefe do Serviço Postal, João Wellisch Júnior. Temos como o objetivo explicar que muitos foram os desafios encontrados pelos censores, pois estes deveriam conciliar as exigências quanto à censura governamental, quanto à censura postal militar e também ao cumprimento da função que lhes foi designada.

No Capítulo II, analisamos as correspondências censuradas disponibilizadas pela Associação Nacional de Ex-Combatentes – RJ. Além de registrar essas fontes como uma forma de construir uma pesquisa sobre o cotidiano dos combatentes, cuidamos para que o leitor se atente para as percepções do indivíduo acerca dos traumas no ambiente hostil da guerra, sendo escritos em suas missivas. Nessa abordagem, buscamos evidenciar o cotidiano vivenciado pelos indivíduos, diferentemente dos trabalhos que nos direcionam a visualizar o contexto da coletividade.

No Capítulo III, de maneira complementar ao anterior, direcionamos nossas análises para o estudo de caso do aspirante José Jerônimo de Mesquita, primeiro oficial da FEB a morrer em combate na Itália, ainda em 1944. As percepções do aspirante formado pelo Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva em Niterói-RJ, ficaram registradas em suas

³⁶ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Editora Expressão e Cultura – Exped. Ltda., 2001, p. 141.

³⁷ CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p. 12-13.

cartas, repletas de confissões sobre seus sentimentos. As fontes são escritas por uma linguagem jovial, que fazem brincadeiras e pedidos aos seus correspondentes, tendo destaque também os desenhos elaborados pelo expedicionário com o intuito de ilustrar seus pensamentos e angústias.

Portanto, o objetivo geral dessa dissertação é analisar o moral como forma de expressar os sentimentos de alguns combatentes. São destacados, assim, três objetivos específicos. O primeiro objetivo é analisar como a sociedade brasileira na década de 1940 se comportava e era influenciada a pensar e agir. Tal fator passou a repercutir na atuação dos militares da FEB na Itália ao expressar, em suas atitudes, enquanto sujeitos históricos no período da guerra. O segundo objetivo visa analisar a atuação da FEB na Itália a partir dos relatos das experiências vividas pelos expedicionários, contendo suas visões de mundo e intenções na escrita das cartas. O terceiro objetivo é estudar o impacto da censura a partir das percepções dos expedicionários, analisando suas relações com suas respectivas redes de relacionamento e as consequências que foram permeadas por ações institucionais.

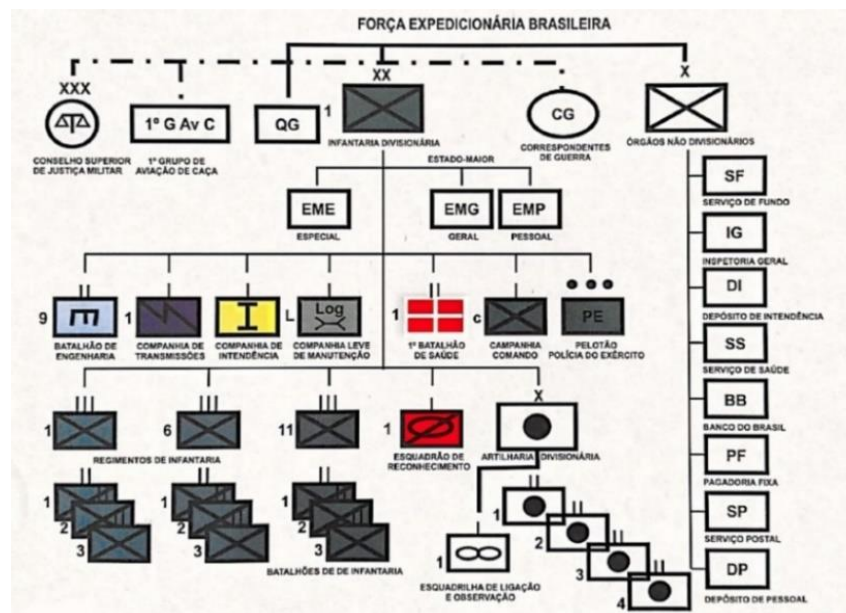
As hipóteses sobre o objetivo da pesquisa surgiram após a leitura de estudos anteriores. Trataremos de preencher uma lacuna acerca da percepção do fator psicológico do indivíduo frente às adversidades de um conflito bélico, pois os abalos psíquicos poderiam impossibilitar o coletivo de prosseguir em sua missão. Surgem então as nossas hipóteses: Existiria um abalo no moral militar com a precariedade do recebimento de correspondências? Será que a escrita de cartas para esses combatentes poderia fazê-los se sentir mais confiantes? Quando eles escreviam suas missivas, poderiam representar seus pensamentos sobre suas novas experiências? O Serviço Postal estaria encarregado de entregar um alimento espiritual para elevar o moral de um militar, cumprindo bem, ou não, a missão que lhes foi designada.

Capítulo I: O “pão espiritual dos soldados” e os relatórios confidenciais do Serviço Postal no Correio Coletor Sul

A Segunda Guerra Mundial reservou para o Brasil algumas transformações na sociedade da época, e, com o envio de tropas para a guerra na Itália, isso se intensificou. O que se pretende analisar nesse capítulo são as influências no que diz respeito ao impacto na moral dos soldados de acordo com as postagens e recebimento de cartas. Segundo nossos estudos, cada correspondência era avaliada por uma equipe de censores civis e militares que receberam instruções dos Estados Unidos da América (EUA) e do governo brasileiro. A problemática do capítulo está direcionada para entender em que medida foi aplicada a restrição da entrega das cartas aos combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.

Como vimos, a FEB foi composta pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e órgãos não divisionários. Concentraremos nosso foco de atuação em um desses órgãos não divisionários, mais precisamente, o seu Serviço Postal (SP). Na representação em forma de organograma a seguir, o SP pode ser visualizado no penúltimo quadrado inferior à direita:

Figura 1- A estruturação da Força Expedicionária Brasileira e o seu Serviço Postal



Fonte: EsPCEx³⁸.

³⁸ Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). VIII Seminário sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Campinas, São Paulo. 03 e 04 de maio de 2019, s/p.

Segundo o Relatório Geral do Serviço Postal, esse órgão não divisionário foi criado em 26 de abril de 1944³⁹, e iniciou as suas atividades em 29 de julho do mesmo ano. Os relatórios confidenciais do Serviço Postal em análise estão sob guarda do Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

A lei federal de arquivos⁴⁰ analisou os documentos públicos sigilosos em quatro categorias: I. ultra-secretos, que requeriam medidas excepcionais de segurança; II. secretos, que requeriam medidas rigorosas de segurança; III. confidenciais, que, caso divulgados, poderiam ser prejudiciais ao interesse do país; IV. reservados, que não deviam ser, imediatamente, de conhecimento do público. Mais adiante, nos informa a lei de que o documento somente poderia ser classificado por confidencial pelas circunstâncias expressas, como: detalhes de operações militares, indicações de instalações estratégicas e aquelas que coloquem em risco a segurança do Estado, de seu povo ou das relações diplomáticas do Brasil. Nesse caso, entendemos que esses relatórios se enquadrariam em todas essas características no período de confecção.

O Ministério da Guerra, em 1944 e 1945, classificou esses relatórios como confidenciais. Na lei supracitada, são esclarecidos os motivos para tornar tal documentação em caráter ostensivo na contemporaneidade, ou seja, o que é mostrado ou visto, pelo público em geral. Ainda, nos traz a informação que os documentos sigilosos, quaisquer sejam suas categorias, tem valor histórico e informativo, logo, não podem ser destruídos. Por fim, nos é esclarecido que a autoridade responsável poderá findar ou alterar a sua classificação, considerando o interesse para a pesquisa – o que é o nosso caso. Portanto, temos o respaldo legal para a pesquisa científica desses documentos, sobretudo por estarem em um arquivo público, receptivo à consulta dos pesquisadores interessados.

Esses relatórios, na luz da época classificados como confidenciais, eram elaborados pelos censores civis, e depois militares, todos orientados pela Escola de Censores da Censura Postal Militar. Conforme apresentado nas considerações iniciais desse trabalho, não foram encontrados materiais de instrução da Escola de Censores, somente uma curta orientação no caderno de instruções do Serviço Postal. Os 3 (três) relatórios confidenciais analisados, embasados em 3 (três) cartas analisadas pelos censores, foram endereçados ao Comandante da FEB, general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. Tanto os relatórios

³⁹ BRASIL, *Decreto-lei n° 6.438* de 26 de abril de 1944. Criação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal: Correio Coletor Sul, 1944.

⁴⁰ BRASIL. Casa Civil. *Lei n° 8.159*, de 8 de janeiro de 1991, editada pelo Decreto n° 2.134, de 24 de janeiro de 1997. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Capítulo III, artigos de 15 a 22.

confidenciais quanto um caderno de instruções do Serviço Postal foram supervisionados e assinados pelo major chefe do Correio Coletor Sul, no Rio de Janeiro, João Wellisch Júnior.

Cabe enfatizar que as cartas censuradas e diagnosticadas como possíveis ameaças, analisadas nesses relatórios apresentados, não estão disponíveis no AHEx e não foram encontradas pelos arquivistas da instituição. Acredita-se que elas tenham sido liberadas aos seus destinatários com os respectivos e habituais recortes feitos à tesoura. O critério para avaliação desses relatórios e das respectivas cartas censuradas foi devido à qualidade do material que dispomos. No tocante ao decorrer do tempo, esses relatórios encontram-se com a tinta fraca, outros ilegíveis. Todavia, isso não nos impede de transmitir a relevância do tema em questão e das fontes inéditas apresentadas.

Ainda que as cartas sejam dotadas de grande potencial expressivo, vale aqui a mesma regra de método usualmente empregada na historiografia: nenhum documento pode iluminar por si só um tema. A confrontação com outros documentos se impõe, abrindo ao historiador novas perspectivas e novos ângulos de compreensão. Tal procedimento também evita a ilusão de que o material obtido nas correspondências constitui verdade bruta e inexplorada, confiável uma vez garantida sua “espontaneidade” e, portanto, sua “veracidade”.⁴¹

Nos relatórios são indicados os remetentes e os destinatários. Porém, de acordo com o Código Civil brasileiro⁴², com a lei de acesso à informação no Brasil⁴³ e acima de tudo, de acordo com a emenda à Constituição Federal do Brasil⁴⁴, desses dados foram utilizados somente as siglas dos nomes dos missivistas, com o intuito de problematizar o que era censurado e como isso poderia ameaçar a segurança nacional. No segundo semestre de 2021, em virtude da pandemia do coronavírus (covid-19), o AHEx, recebeu pesquisadores no modelo presencial e foi consultado seguindo os protocolos de segurança da Organização Mundial da Saúde, respeitando a agenda da instituição devido o volume de solicitações.

1.1. A censura nas correspondências e o moral dos soldados

O estudo da História permite ao leitor uma percepção do passado, e, para os historiadores, isso é uma oportunidade de combater o anacronismo nos estudos atuais. É

⁴¹ MALATIAN, Op. Cit., p. 205.

⁴² BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 10.406*, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil, 2002, Capítulo III, seção I, Art. 1.169.

⁴³ BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 12.527* de 18 de novembro de 2011. Institui a Lei de Acesso à Informação no Brasil, [2011], Capítulo IV, seção V, art. 31, § 1º, I e II.

⁴⁴ BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 05 de outubro de 1988, de acordo com a emenda constitucional nº 115, de 10 de fevereiro de 2022. Sobre proteção e tratamento de dados pessoais, 1988, Art. 1º-4º.

notório que o pesquisador necessite de uma aproximação com o seu tema, com o intuito de entender as motivações dos sujeitos históricos. Todavia, as percepções da construção da sociedade atual não devem interferir na pesquisa em desenvolvimento sobre determinado tema. No nosso caso, ao entender como se comportava e pensava o indivíduo da década de 1940, poderemos explicar o porquê a troca de correspondências foi essencial para manter o moral da tropa elevado. Buscamos assim evidenciar como o estudo das correspondências podem interferir nos sentimentos dos missivistas no período da guerra.

A escrita das cartas pelos expedicionários estava submetida ao processo de censura, se assim fossem identificadas como uma ameaça pelos censores. Nesse ponto, também entendemos que o abatimento moral estava diretamente relacionado à expressão de seus sentimentos aplicando uma espécie de autocensura, controlando o que dizer ou não dizer aos seus correspondentes. Ferraz atesta que os discursos patrióticos do serviço militar aos recrutados não foram suficientes para despertar a motivação para o combate⁴⁵ e por esse motivo, entendemos que a atuação de um serviço postal atuava na missão de levantar o moral da tropa.

A título de exemplo, no período de concentração para o treinamento na capital federal, atual Rio de Janeiro, essa motivação para ir à guerra já não era grande. Embora alguns regimentos recebessem a dispensa, os “soldados de outros estados e municípios fora da área metropolitana do Rio de Janeiro não tinham permissão para sair e rever parentes e amigos. Isso aumentou o descontentamento com o confinamento e produziu uma série de “escapadas”, as chamadas ‘tochas’.”⁴⁶ Ou seja, se uma das funções do recrutamento era projetar certo patriotismo e melhorar a capacidade para o combate a partir da motivação, com o despertar do sentimento de *espírito de corpo*, as “tochas” revelavam que essa prática estava sendo discrepante à sua teoria.

A mobilização para o combate, em termos de moral, também se mostrou ineficaz. Por outro lado, era projetado que a escrita de cartas aumentasse, então, o moral dos expedicionários. Todavia, os indivíduos deparavam-se com a aplicabilidade da censura. A questão da censura no governo de Vargas já vinha se desenvolvendo antes de 1937, pois “a criação do tribunal de segurança nacional, em 12 de setembro de 1936, facilitou a ingerência

⁴⁵ FERRAZ, Francisco César Alves. O Serviço militar brasileiro na hora da verdade: a preparação para o combate em tempos de paz e a participação brasileira na Campanha da Itália. in: ARIAS NETO, José Miguel, RODRIGUES, Fernando da Silva, SOPRANO, Germán (Coords). *Fuerzas Armadas, fronteras y territorios en Sudamérica en el siglo XX: Perspectivas y experiencias desde Argentina y Brasil*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2021, p. 156.

⁴⁶ FERRAZ, Op. Cit., 2021, p. 156-157.

da Justiça como uma criação que visava efetivamente manter o governo no poder (...) [e] começava a preencher uma lacuna na estratégia de poder.”⁴⁷

Essa radicalização da política brasileira nos anos 1930 tem de um lado, a Ação Integralista Brasileira (AIB), criada no Estado de São Paulo, em 1932, e dirigida por Plínio Salgado. Inspirada no fascismo italiano, que estabeleceu uma estrutura organizacional paramilitar. Sua base era pautada no nacionalismo exacerbado e no moralismo, o que atraiu muitos adeptos entre os militares. (...) Os governos necessitavam da formulação de alternativas viáveis. Entre as apresentadas, despontava o fascismo, defendendo os princípios do Estado forte e intervencionista, o nacionalismo e o anticomunismo. Seus modelos eram a Itália, governada por Mussolini desde 1922 e, depois de 1933, a Alemanha, onde Hitler alcançara o poder liderando o Partido Nazista.⁴⁸

Isso mostra que as estratégias políticas para incitar um controle da população aconteciam para preservar no poder a figura do presidente. Em uma breve análise sobre esse contexto, cabe destacar que nos anos de 1936, e sobretudo em 1937, Vargas, por meio das políticas do DIP, fazia uma combinação de repressão com o controle paternalista, nas leis de proteção ao trabalhador e, “apesar da repressão e da censura (...) Getúlio Vargas, o “Gegê”, continuava a ser uma figura prezada”.⁴⁹

Nesse panorama de controle por meio da censura, os imigrantes que vieram para o Brasil antes de 1942 também sofreram com essas medidas. Ao manifestarem suas tradições culturais, redes de relacionamento e ao se comunicarem de acordo com seu respectivo idioma, poderiam ter suas correspondências cortadas ou até mesmo não entregues. Cabe dizer que estes imigrantes foram os primeiros a sofrer com a censura, pois no decreto de 1942, não poderiam ser pronunciados no Brasil os idiomas: alemão, italiano e japonês.

Os estrangeiros e descendentes temiam pelos parentes na Europa, e, claro, as cartas iam e vinham... Isso é, **não sem censura, exceto quando a driblavam.** Vera Molenda possui cartas recebidas por sua mãe de parentes na Alemanha, escritas em alemão e constando notícias breves de quem morreu, casou, que estavam todos bem e abraços, somente. **Disse-me que as cartas eram enviadas pela Cruz Vermelha,** com máximo de 25 palavras, e passavam pela censura tanto aqui no Brasil quanto lá na Europa. Parecia telegrama... Numa delas há um bilhete datilografado grampeado em anexo, com carimbo da Cruz Vermelha e datado do dia 30 de maio de 1942.⁵⁰

⁴⁷ CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na era Vargas*. Brasília: EDUNB, 1993, p. 210.

⁴⁸ RODRIGUES, Fernando da Silva. *Indesejáveis: Instituição, pensamento político e formação profissional dos oficiais do Exército Brasileiro (1905-1946)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010, p. 138, grifo nosso.

⁴⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2002, 190-191.

⁵⁰ FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. 2002. 392 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002, p. 306, grifo nosso.

Os movimentos de resistência quanto censura em cartas passaram a surgir, pois as “estratégias eram inventadas, (...) [como] enviar cartas camufladas, driblar a escuta, silenciar — mesmo porque num ambiente de repressão, as astúcias e redes de solidariedades se reproduzem.”⁵¹ Sabendo desses fatos, o Departamento de Imprensa e Propaganda, por meio de seus agentes, passou a reinventar também as suas novas estratégias. Para tornar-se efetivo, sobretudo “a partir do Rio de Janeiro, capital da República e cidade que detinha a hegemonia da cena cultural do país”⁵² foi estabelecido o Correio Coletor Sul que recolhia a maior parte das correspondências do Brasil. Conforme elucidamos, o objetivo será analisar os relatórios do Correio Coletor Sul, do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O Correio Coletor Norte, por sua vez, ficava em Natal-RN – e ficará de fora desse estudo por não termos encontrado documentos suficientes a respeito dessa unidade do Serviço Postal.

Mobilizar a população, fazê-la marchar, era um dos ideais centrais da ideologia do Estado Novo. No Estado Novo, mulheres, enfermeiras, trabalhadores, escolares, crianças, escoteiros e até cegos marchavam. A “Marcha para oeste”, a “marcha com Rondon”, a “marcha para o progresso”, para a conquista da Amazônia, a “marcha para a industrialização”, a “marcha para a civilização”, “marcha para o futuro”. Para marchar era necessário mobilizar. Com a declaração de guerra em 1942, a guerra, antes metáfora vaga da mobilização, torna-se pretexto concreto para fazer o país marchar, unir-se, vigiar, devotar-se à causa nacional.⁵³

As estratégias para a mobilização nacional estavam em induzir, por uma narrativa institucional, a união da população brasileira, pois todos deveriam ser devotos ao sentimento de pertencimento ao Brasil enquanto nação. Percebemos que o nacionalismo desse período foi idealizado para fins de controle das massas na sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito à questão do recrutamento superestimado pelo Ministério da Guerra. O objetivo era despertar, tanto cidadão que ia para a guerra, quanto aqueles que ficavam, a romantização do herói que ia para a guerra. Todavia, podemos citar neste mais um dos problemas do recrutamento, pois no Exército brasileiro da época “não existiam zonas de estacionamento nem transportes de tropas. E a mistura heterogênea de armamentos era necessária para defender a frente interna.”⁵⁴ Além disso, os militares estado-unidenses “culpavam a Vargas e a Dutra pela pressa em enviar a FEB para o *front* como a principal causa do insuficiente treinamento recebido. O resultado obtido era considerado pobre, mas tido como bom em face das circunstâncias.”⁵⁵ Embora possamos destacar estudos anteriores que façam o diagnóstico

⁵¹ FÁVERI, Op. Cit., p. 311-312.

⁵² CYTRYNOWICZ, Op. Cit., p. 180-181.

⁵³ CYTRYNOWICZ, Op. Cit., p. 197.

⁵⁴ MCCANN, Op. Cit., p. 274.

⁵⁵ OLIVEIRA, Op. Cit., 2015, p. 248.

dos problemas para o recrutamento, seleção, atuação da FEB, tentaremos nos concentrar no plano da censura postal.

Quando pensamos na rede de relacionamentos na década de 1940, buscamos entender que as comunicações eram extremamente incipientes, logo, as cartas seriam a única forma de manter contato com aqueles que partiam para a guerra. A tentativa de estabelecer um serviço postal naquele momento era de suma urgência, ainda mais pelo fator de amparo psicológico que isso representaria aos combatentes, tanto para o próprio indivíduo, quanto para a totalidade da tropa. O sucesso das operações, de certa forma, dependeria desse moral elevado, e por esse motivo, a escrita de cartas teria como objetivo despertar no combatente a necessidade de permanecer vivo e lutar.

A escrita das correspondências, então, representava dois lados de uma mesma moeda. Por um lado, os combatentes e seus correspondentes escreviam o que pensavam e sentiam, e por outro, tudo poderia ser censurado. Esse minucioso processo de censura de cartas não era em vão, pois “elas poderiam ser guardadas ou destruídas após a leitura por sugestão ou solicitação do remetente, temeroso de ver revelado seu eu além do desejado, chegando a comportar o uso de pseudônimos, cifras e códigos para driblar a censura e a espionagem.”⁵⁶

O DIP também agia por meio da censura, ao proibir a vinculação, em jornais, revistas, rádios ou qualquer outro meio de comunicação de massa, notícias que, ao seu critério, denegrissem a imagem do Presidente, seus atos ou de qualquer membro do governo, ou que ainda estivesse em desacordo com a ideologia proposta pelo regime. Com a declaração de guerra e o envio de tropas para os combates, a instalação da Censura Postal Militar foi necessária, pois eram questões de segurança nacional e mundial as medidas de contrainteligência que evitassem que informações sobre o que ocorria nos campos de batalha caíssem em poder dos Estados em guerra contra os aliados. No envio das cartas, às vezes de maneira involuntária, o soldado acabava fornecendo esses dados, que se não fossem devidamente monitorados por algum órgão, seriam tratados como informação de guerra.⁵⁷

A estratégia de censura das correspondências visava a supressão de informações relevantes escritas pelos missivistas que poderiam prejudicar o avanço tático da FEB. Consideramos que, na confecção de uma carta por um combatente, ao detalhar determinada localização ou estado moral da tropa, e caso essa mensagem fosse interceptada por um inimigo, possivelmente a FEB encontraria mais dificuldades de avançar em sua missão do que de fato ocorreu. Cabe destacar que inicialmente as atividades de inspeção eram feitas por censores civis, e, todos que assumissem essa função precisariam passar pela Escola de Censores da Censura Postal Brasileira (ECCPB).

⁵⁶ MALATIAN, Op. Cit., p. 197-198.

⁵⁷ COSTA, Op. Cit., 2010, p. 4, grifo nosso.

De acordo com o artigo 54 das disposições gerais da Portaria nº 6.413-A, **todos os censores inicialmente civis e posteriormente militares estagiaram na Escola de Censores da Censura Postal Brasileira**, aonde foram instruídos convenientemente, pondo-se **a par dos métodos mais modernos da censura postal norte-americana**, cujos princípios foram difundidos na CPB por **dois técnicos norte-americanos**.⁵⁸

A censura das correspondências valia-se, inicialmente, para que fossem evitadas declarações que trouxessem desarmonia à tropa sendo que, “para o militar que recebia uma carta censurada, só restava a frustração de algo que foi perdido e não poderia ser recuperado”⁵⁹. Não podemos aqui pensar a censura postal militar com juízo de valor – ou seja, aplicando adjetivos que a elevariam a um patamar de bem-sucedida, ou talvez posicioná-la enquanto vilã, por seus censores entregarem as correspondências aos seus destinatários aos cortes, embora seja isso que nossos correspondentes nos façam pensar. Todavia, também cabe entender que as cartas eram censuradas com frequência,⁶⁰ sendo entregues aos combatentes após longa espera – motivo de frustração para aqueles que buscavam a todo custo informações sobre sua família e demais redes de relacionamento.

O fato de receber uma mensagem de um ente querido, aos cortes, notoriamente não despertaria grandes admirações por aqueles responsáveis por essa tarefa, muito menos pelo governo, que estaria autorizando, uma espécie de falta de consideração com os seus soldados. Nesse caso, devemos também entender a questão que interliga o individual ao coletivo, pois todos deveriam obedecer às mesmas regras, ainda que não tenham sido bem estabelecidas.⁶¹

Segundo o relato de um capitão da reserva⁶², na época 2º tenente de infantaria do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), lotado no 6º Regimento de Infantaria (6º RI), a censura era repleta de levandades. O tenente explica que em um relatório diário, o S-2 (oficial de informações) era obrigado a explicar tudo que ocorria na linha de frente durante as últimas 24 (vinte e quatro) horas, salientando seus detalhes, o que entendemos por notória burocracia na rotina de uma guerra. Depois de determinado período preenchendo aqueles relatórios, apareceu um item para que fosse explicada a condição do moral da tropa. Posteriormente, esse item passou a fazer parte do relatório do S-3 (oficial de operações).

Embora a questão do ânimo em uma guerra tenha altos e baixos tanto na linha de frente quanto na retaguarda, o tenente passou a perceber que o abatimento dos sentimentos

⁵⁸ AHEx. Op. Cit., p. 20-21, grifo nosso.

⁵⁹ COSTA, Op. Cit., 2010, p. 9.

⁶⁰ MCCANN, Op. Cit., p. 334.

⁶¹ MCCANN, Idem, p. 334.

⁶² SANTOS, Paulo Dumangin. Observações de um oficial de informações de batalhão *in Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB*. Ipê: Instituto Progresso Editorial S. A. São Paulo, 1949, p. 281-283.

dos combatentes da FEB se devia à falta de orientação acerca da censura das correspondências que eram recebidas. Embora não seja nosso foco de análise neste trabalho, o oficial também destacou a falta de honestidade na entrega das encomendas aos destinatários.

A situação evidenciada pelo relato relembra que outro oficial teria partido para a guerra e deixado sua esposa grávida de primeira viagem, ou seja, pela primeira vez, e quase no momento de dar à luz, no Brasil. Em se tratando de um casal que esperava pelo nascimento de seu primeiro bebê, o pai estava ansioso por notícias quanto ao tão sonhado momento e, após enorme atraso, a carta explicava que a esposa tinha tido uma menina, mas... A boa notícia do nascimento da pequena menina seguia-se de um perturbador “mas”, que explicaria toda a situação – mas... teve longas linhas cortadas a tesoura pelo censor e a missivista finalizava a carta com o envio de abraços. O moral do homem possivelmente não foi dos melhores, até que a próxima carta da esposa o informava de que tudo ia bem.

O tenente que relatou a situação expressou a sua ira em relação ao mal orientado censor, que teria praticado uma espécie de maldade e por isso merecia “ser punido pela falta de atenção”⁶³, tendo em vista que era melhor devolver a carta ao invés de enviá-la aos cortes. A questão a respeito dessa e outras falhas do Serviço Postal da FEB revela o fato de que os censores não estavam preparados para a guerra, sobretudo por causa do pouco tempo de instrução para essa atividade e a necessidade de instruções mais específicas sobre como proceder em determinadas ocasiões. O exemplo citado pelo relato do oficial do CPOR ilustra como essa característica deixou o efetivo e seus correspondentes indignados por um sistema postal incipiente e despreparado.

No Capítulo IV do Relatório Geral do Serviço Postal da FEB, endereçado ao comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, foi informado que as correspondências poderiam sofrer uma rigorosa censura: ora por desmotivar a tropa; ora por ameaçar a Segurança Nacional; conforme vistos nos casos anteriores dos imigrantes que conseguiam burlar os controles governamentais; ora por colocar em risco as operações táticas da FEB. As justificativas para censura nos relatórios vão além disso e determinam que a tal rigorosa censura era salutar para que nenhuma informação passasse despercebida.

A Censura Postal Militar no Correio Coletor Sul teve a norteá-la as instruções abaixo transcritas: I- Toda a correspondência destinada ao pessoal da Força Expedicionária Brasileira em ultramar sofrerá no Correio Coletor Sul (no Rio) e do Norte (em Natal) uma rigorosa censura que impeça a transcrição de qualquer notícia prejudicial ao estado moral da tropa ou que

⁶³ SANTOS, Op. Cit., p. 282.

possa quebrar o sigilo que deve cercar medidas que digam respeito a Segurança Nacional, bem como a vida e as operações da FEB.⁶⁴

O moral da tropa era algo a se preocupar, evidentemente, pois a FEB zarpar para a Itália com pouco treinamento e equipamentos obsoletos. Dentre outras questões, acreditava-se que o efetivo rumaria para a África do Norte, que possuía locais adequados para o treinamento das tropas com a supervisão dos militares norte-americanos⁶⁵. Todavia, isso não aconteceu. Os brasileiros esperavam armamentos novos em pleno combate na Itália e recebiam materiais usados, com o nome do último usuário marcado. E ainda, constata-se que essa situação de despreparo “criava problemas de instrução, suprimento e poder de fogo”⁶⁶. Na linha de frente encontrava-se inúmeras desordens no que diz respeito ao cumprimento de uma missão, sendo também dificultosa a falta de instrução para a escrita com o intuito de elevar o moral desses homens. A guerra, carregando em seu significado a situação mais brutal da humanidade, reforçaria um estado psicológico de insegurança e medo da morte.

As mulheres, de certa forma, também foram convocadas para contribuir com seus esforços para elevar o moral dos combatentes. Silva⁶⁷ realiza uma pesquisa sobre os boletins da Legião Brasileira de Assistência (LBA), na qual esclarece, por meio da análise iconográfica, o enaltecimento das ações do governo de Getúlio Vargas. O autor explica que a LBA foi a maior instituição de assistência social do país, atuando de 1942-1995⁶⁸, mas que sua principal função, no primeiro momento, estava voltada ao amparo de brasileiros que lutaram no conflito, bem como de suas famílias. Em diálogo, Barbosa nos explica que a instituição teve como característica principal o trabalho feminino:

Conhecida por sua sigla, a LBA foi fundada em 28 de agosto de 1942 por Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, com a finalidade de "amparar os soldados brasileiros e seus familiares" por parte dos "brasileiros de boa vontade" durante os anos em que o Brasil participou da 2ª Guerra Mundial. A Legião Brasileira de Assistência foi criada em parceria com o Estado e com o empresariado brasileiro e se fixou como instituição fortemente marcada pelo trabalho voluntário feminino. Contudo, foi além de seu objetivo inicial e organizou, desde os primeiros meses de atuação, uma rede de assistência que, por intermédio do voluntariado, abrangeu todo o território nacional.⁶⁹

⁶⁴ AHEx. Op. Cit., p. 20, grifo nosso.

⁶⁵ OLIVEIRA, Op. Cit., 2015, p. 248.

⁶⁶ MCCANN, Op. Cit., p. 328.

⁶⁷ SILVA, Bruno Sanches Mariante da. *Assistência e modernidade nos boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945-1964)*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Orientador: Dr^a Zélia Lopes da Silva, Assis, 2018, p. 26.

⁶⁸ SILVA, Op. Cit., p. 26.

⁶⁹ BARBOSA, Michele Tupich. *Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)*. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, p. 11.

As ações da LBA eram incentivadas pela primeira-dama Darcy Sarmanho Vargas, que ficou conhecida como a “grande mãe da nação brasileira”⁷⁰, e também presidente da LBA. A convocação pública para que as mulheres aderissem aos projetos da LBA aconteceu por meio de discursos veiculados ao DIP e cartazes elaborados pela imprensa, principalmente porque essa campanha demandava a participação popular que seria aplicada como esforço de guerra⁷¹. As mensagens entregues pela LBA aos expedicionários eram realizadas por meio de informes curtos, dando destaque para o nome do convocado em caixa alta, sendo elaborada principalmente por uma mulher da família.⁷² Essas mensagens curtas promoviam um conforto aos expedicionários que se preocupavam com a situação financeira de suas famílias, já que a maior parte dos convocados vinha de origem humilde:

Ao final de todas as edições de “Mensagens” uma nota informava que “A sua esposa, a sua noiva, a sua irmã, os seus amigos precisam de notícias. Escrevam sempre. As cartas confortam e fazem bem”. Pela análise de tal nota, é significativo apontar que a correspondência parecia ser direcionada, especialmente, às mulheres, como uma forma de acalmá-las enquanto aguardavam o retorno de seus maridos, noivos, pais, filhos e irmãos, ao passo que também funcionava no sentido de levantar o moral dos soldados, muito preocupados com suas famílias e a situação financeira delas. Tomemos como exemplo uma grande matéria publicada na edição número 1, em janeiro de 1945, intitulada “Confiam na vitória e no breve regresso de vocês”. Essa matéria aparece dividida em “seções”, que eram: “mães”, “esposas”, “uma noiva” e “irmãs” e trazia como linha fina a seguinte informação: “Não se preocupem: gozam saúde e nada lhes falta, a não ser vocês”, ou seja, parece clara a intenção de, mais uma vez se dirigindo aos expedicionários, tranquilizá-los sobre a situação de suas famílias.⁷³

Uma prática meritória foi a motivação às associadas da LBA escreverem cartas aos militares. Essas mulheres receberam o apelido carinhoso de “Madrinhas”, em função da campanha de janeiro de 1945, intitulada “Madrinha do Combatente” ou “Madrinha de Guerra”⁷⁴ – no qual era confiada a missão às engajadas de levantar o moral dos combatentes, quer seja na troca de missivas, quer seja na visita aos hospitalizados ou na assistência às suas famílias. Nas cartas, relatavam notícias da terra natal, desde que não afetassem os interesses políticos do governo brasileiro, falavam sobre suas vidas particulares e de familiares, os motivando a permanecerem na luta. Além desses fatores, Silva ainda realiza a análise iconográfica da supracitada campanha, pois por meio de um cartaz do DIP, em que um

⁷⁰ SILVA, Op. Cit., p. 38.

⁷¹ SILVA, Op. Cit., p. 30.

⁷² SILVA, Op. Cit., p. 40.

⁷³ SILVA, Op. Cit., p. 41.

⁷⁴ SILVA, Op. Cit., p. 41-42.

expedicionário é ilustrando lendo uma carta, ao fundo da imagem pode ser vista uma família, com a mensagem marcante da LBA aos militares: “alguém protege teu lar!”⁷⁵.

Além da escrita de cartas pelas madrinhas, os expedicionários recebiam correspondências da família e demais conhecidos. Até o desenvolvimento desse estudo não foram encontradas instruções para a escrita de cartas aos expedicionários, nem para as madrinhas, nem para os seus familiares. A fonte abaixo foi retirada de um dos relatórios do Serviço Postal. Embora tenha chamado bastante a atenção ao longo de nossa pesquisa por seu teor ácido, não comprova, com dados pessoais da remetente ou um possível endereçamento a um combatente, se essa mensagem foi verdadeiramente escrita em uma correspondência, ou se foi apenas um modelo para os censores em treinamento. Acreditamos que exista a maior probabilidade de ser um exemplo do que deveria ser censurado, em vez de ter sido realmente extraído de uma carta verdadeira.

A afirmativa de que parece apenas um exemplo elaborado por um instrutor do serviço postal é levantada por dois motivos. O primeiro deles é que, embora a FEB não fosse constituída da “elite planejada, mas [era] o retrato mais fiel do Brasil: jovens trabalhadores rurais e urbanos, provenientes das classes populares, entremeados com alguns membros da classe média e poucos membros da elite.”⁷⁶ Partindo dessa linha de raciocínio, seria incongruente recrutar um cidadão casado, com cinco filhos dependentes de seu sustento, ainda que estes recebessem parte do soldo do marido e pai no período da guerra.

O segundo motivo, e ainda mais evidente de que seja apenas um exemplo, é o teor do conteúdo de quem elaborou a mensagem – ao nosso ver, com tom puramente institucional. Na primeira linha, destaca-se que o então destinatário teria sido “voluntário” para se juntar à FEB e, se analisadas as demais linhas, encontramos o conteúdo de que ele estaria “servindo à pátria” e deixando tudo para trás, inclusive sua família.

A fonte em destaque enfatiza os termos como “servir à pátria” e “pedir para ir”, entretanto, esse caso era raro de acontecer, visto que a maior parte dos convocados era de nível de baixa escolaridade e pobre, pois os “trabalhadores agrícolas predominavam (37,5 %), seguidos dos operários (31,1 %)”⁷⁷. A isso também devemos enfatizar o quão raras são as cartas da FEB, pois o recrutamento para a guerra “atingia predominantemente os pobres e analfabetos, afastando-os do mundo do trabalho justamente na idade em que estavam sendo

⁷⁵ SILVA, Op. Cit., p. 43.

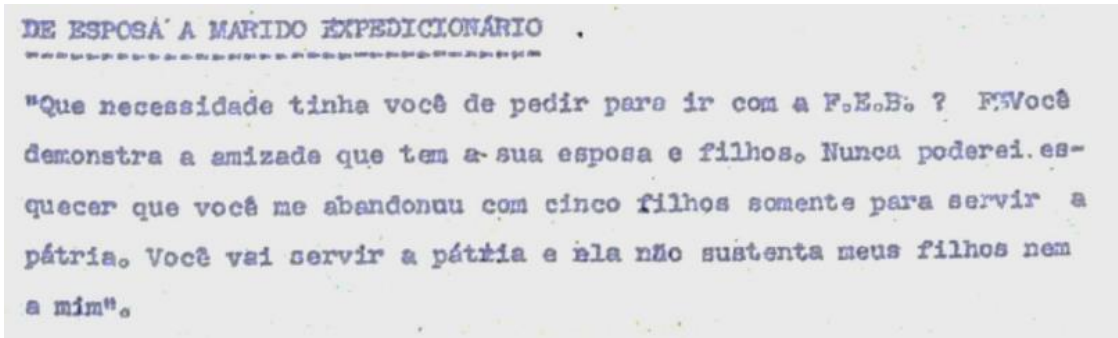
⁷⁶ FERRAZ, Op. Cit., 2005, p. 39.

⁷⁷ FERRAZ, Op. Cit., 2021, p. 144.

contratados para seus primeiros empregos”⁷⁸. A convocação atingiu assim, as classes mais baixas da sociedade, embora alguns rapazes de classe alta utilizassem sua rede de influência para fazer os cursos preparatórios para oficiais da reserva⁷⁹, como é visto no terceiro capítulo de nossa pesquisa.

Além desses fatores, essa curta mensagem não teria um discurso tão ácido se fosse escrito por uma esposa saudosa e temerosa de perder seu esposo na guerra. Em resumo, ou essa mulher estava com muita raiva de seu companheiro – o que não acreditamos ter acontecido; ou, pela hipótese mais aceitável, é que essa “correspondência” tenha sido apenas um exemplo do relatório geral para ilustrar o que o censor não devia “deixar passar”:

Figura 2- Relatório Geral do Serviço Postal da FEB: “De esposa a marido expedicionário”.



DE ESPOSA A MARIDO EXPEDICIONARIO . . .
 "Que necessidade tinha você de pedir para ir com a F.E.B. ? F.Você demonstra a amizade que tem a sua esposa e filhos. Nunca poderei esquecer que você me abandonou com cinco filhos somente para servir a pátria. Você vai servir a pátria e ela não sustenta meus filhos nem a mim".

Fonte: Arquivo Histórico do Exército⁸⁰.

A romantização de um ideal nacionalista expressa nesse e em outros conteúdos institucionais uma noção de que os cidadãos estavam ávidos por lutar na guerra. “Em contraste, entre os estudantes universitários, que capitaneavam comícios e manifestações para o Brasil entrar na guerra, pouquíssimos realmente alistaram-se para o combate. O número de voluntários foi pequeno: pouco mais de mil homens, em um contingente de 25 mil selecionados.”⁸¹ Casos raros à parte, como veremos no terceiro capítulo, vemos que os relatórios do Serviço Postal também relatavam os desafios que os censores passaram.

A presente transcrição, extraída de quase mil relatórios, não tem outra finalidade sinão (sic) a de corroborar as afirmações acima e dar elementos concretos sobre o que se passou em um serviço tão combatido e atacado. Para conservar o sigilo absoluto que merece a correspondência é abstraído os nomes dos correspondentes e destinatários.⁸²

⁷⁸ FERRAZ, Idem, 2021, p. 144.

⁷⁹ FERRAZ, Idem, 2021, p. 144.

⁸⁰ AHEx. Op. Cit., p. 21.

⁸¹ FERRAZ, Op. Cit., 2005, p. 40.

⁸² AHEx. Op. Cit., p. 21-22, grifo nosso.

Quando o autor dos relatórios do Serviço Postal ressalta que esse foi um serviço “tão combatido e atacado”, entendemos que houve um descontentamento generalizado sobre a censura das correspondências no período da guerra. Exemplo disso é esboçado na música sertaneja raiz, confeccionado em uma narração recitativa ao ritmo de moda de viola entoada em duas vozes, intitulada “Selo de Sangue”⁸³ de Zé Fortuna e Pitangueira, de 1956, que revela que a insatisfação era comum durante e no pós-guerra. Por se tratar de uma história de amor romantizada e ainda assim, trágica, os cantores entoam um sentimento de tristeza sendo transmitido a quem escuta a canção. A justificativa para tratarmos sobre essa música que fez sucesso em sua época, corresponde à identificação popular com o tema. A censura estaria assim presente não só no imaginário, mas que fizeram parte do cotidiano daqueles indivíduos que se corresponderam nesse período. Após um pouco mais de dez anos findados a guerra, o assunto ainda tinha seu merecido destaque nas críticas dos cantores sertanejos.

As cartas da FEB não careciam de selo para serem entregues, pois eram franqueadas⁸⁴. Todavia, a poesia em seu tom lírico ressalta uma forma de driblar o censor do Serviço Postal, apresentando a ideia do combatente de escrever uma informação importante no selo da missiva. A crítica entoada na canção colocou em evidência o sentimento de muitos, em questionamento do porquê não podiam dizer realmente o que sentiam, pensavam, ou que verdadeiramente estavam vivenciando em determinadas situações.

A primeira estrofe ressalta que o expedicionário escrevia da linha de frente para a sua amada que o esperava no Brasil, porém, ao se deparar com censura estabelecida no teatro de operações, apenas mandava boas notícias sobre sua rotina na guerra. Na segunda estrofe, o autor da música proporciona a ênfase no apelido que os brasileiros colocaram na metralhadora alemã MG-42, “Lurdinha”, que não podemos comprovar cientificamente o porquê da origem desse nome. O militar, na escrita da carta retratada na música, solicita que a amada retirasse o selo e guardasse como lembrança. Na terceira estrofe, de forma trágica, Lurdinha, sua noiva, recebe a notícia que o militar estaria internado em um hospital sem as duas pernas, e logo foi em uma capela rezar para que ele voltasse da guerra, mesmo que daquela forma.

Na quarta estrofe, Lurdinha recebe uma segunda carta, e na sua busca de uma nova mensagem cifrada de seu noivo no selo, nada encontra. Ao abrir a correspondência, recebe a enfática notícia que o militar morreu em um hospital de campanha. Por fim, na quinta estrofe,

⁸³ Zé Fortuna & Pitangueira. O Selo de Sangue. LP Mocambo, volume 01, lado b, 1956.

⁸⁴ CRUZ, Henrique Vasconcelos. O endereçamento no Serviço Postal da FEB *in* A Filatelia Brasileira, *Revista FEFIBRA: Federação dos Filatelistas do Brasil*, ano IV, nº 8 dezembro de 2007, p. 33.

a poesia destina que Lurdinha teria adoecido e também morrido, finalizando a música com o lirismo de que a morte estaria selando o envelope desse romance.

Lá no campo de batalha o pracinha escrevia
Pra sua noiva contando a saudade que sentia
Como era examinada todas carta que saía
Mandava boa notícia e a verdade não dizia

Um dia chegou uma carta e estava escrito Lurdinha
Eu estou bem de saúde e quando ler essas linha
Por não ter outro presente junto com esta cartinha
Tire o selo dessa carta e guarde por lembrança minha

Tirou o selo e por baixo com sangue viu assinado
Estou sem as duas pernas num hospital internado
Lurdinha foi na capela rezar pro seu bem amado
Pra que Deus mandasse ele mesmo que fosse aleijado

E quando a segunda carta a Lurdinha recebeu
Tirou o selo depressa com espanto percebeu
Embaixo não tinha nada rasgou o envelope e leu
Que num hospital de guerra o seu amado morreu

Lurdinha ficou doente pouco tempo mais durou
Dois selos tão pequeninos destruiu tão grande amor
O primeiro trouxe o sangue com que seu noivo assinou
E o derradeiro envelope foi a morte que selou.⁸⁵

A música em destaque revela três tópicos que são de essencial análise para essa pesquisa. Segundo os dados coletados por McCann⁸⁶, dos 239 dias de combate da FEB, ou seja, de 06 de setembro de 1944 a 02 de maio de 1945, com um efetivo de 25.334 pessoas, a FEB teve um total de 11.617 baixas, sendo estas 396 mortes no total. Desse total de baixas, estão incluídos em sua maioria a baixa por doenças, sendo estas físicas ou mentais, adquiridas durante a guerra e também antes desta – o que não iremos abordar nesse estudo devido sua complexidade. Além das mortes em combate, também entendemos que essas baixas se definem por complicações nas amputações e ferimentos.

O primeiro tópico dá voz à insatisfação quanto à censura no período da guerra e, com efeito, à questão da autocensura. Ou seja, se um indivíduo ferido e debilitado estivesse escrevendo uma carta para sua amada, sabendo que seus sentimentos seriam lidos por algum censor, trataria de não expor que o seu moral estaria abalado para que sua correspondência fosse aceita pela censura e assim fosse entregue. A questão de driblar os censores, como vimos anteriormente sendo realizada pelos imigrantes, estaria sendo evidenciada. Dentro deste mesmo parêntese, destacamos a autocensura sobre não desejar preocupar sua família, e

⁸⁵ Zé Fortuna & Pitangueira. Op. Cit, s/p.

⁸⁶ MCCANN, Op. Cit., p. 337-338.

nesse caso em específico, sua amada. Em contrapartida, ele avisa à sua noiva que estaria sem as duas pernas em código – o que nitidamente abalaria quem receberia uma missiva com esse teor. Certamente o Serviço Postal recebeu instruções de não deixar passar essas informações.

O segundo tópico relembra na música a questão da religiosidade brasileira no período. Além dos relatos que constataam a influência positiva para elevar o moral dos combatentes através do serviço de capelania militar, com o destaque para a atuação do frei Orlando⁸⁷, também ressaltamos a questão união de brasileiros e italianos pela fé católica. Em 1945, no depósito de pessoal em Staffoli, Pisa, na Itália, foi construída em uma gruta a capela consagrada à Nossa Senhora de Lourdes⁸⁸, reunindo os presentes para as missas celebradas no local. A questão da religiosidade está também presente nos terceiro e quarto versos da terceira estrofe da música, no qual aponta que Lurdinha foi rezar na capela, pedindo a Deus que seu noivo voltasse para ela mesmo que estivesse sem as pernas.

O terceiro tópico, enfim, se direciona para o medo de um soldado, de que ele voltasse para casa aleijado, ou sobretudo de morrer em combate, pois as granadas de fragmentação causavam abalos físicos e mentais em grande escala a quem presenciasse tamanha brutalidade. Segundo McCann, um ex-combatente relata que somente uma granada matou nove homens, enquanto um deles gritava horrorizado: “Mãe, eu vou morrer! (...) Me tire daqui tenente! Não quero morrer! Não aguento mais a dor!”⁸⁹ Os horrores de uma guerra seriam impossíveis de serem detalhados com clareza por quem vive em tempos de paz, mas nos reserva a empatia de preservar esse relato. Nesse tópico, sensível aos nossos olhos, correlacionando à questão da música em destaque, estruturamos a questão sentimental entre a espera da mulher e a morte de seu amado na guerra.

O “esperar” pode ser encarado de diversas formas e, dentre estes, o processo de subjetivação do homem e como este foi construído ao longo do século XX, ilustrando para esse estudo uma nova percepção acerca do significado do masculino. A instrução militar, o treinamento dos soldados do século XX, poderia ser de uma dureza impiedosa, sendo estruturado forçadamente o enquadramento moral em um *habitus* militar-viril⁹⁰. A masculinidade hegemônica ensinada no período, projetava nos homens dos anos 1940 e 1950,

⁸⁷ COSTA, Marcos Antonio Tavares. *A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2009, p. 139.

⁸⁸ EXÉRCITO BRASILEIRO. “*Liberatori*”, A FEB vista pelos italianos, documentário completo, aos 39:00.

⁸⁹ MCCANN, Op. Cit., p. 330.

⁹⁰ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphanie. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In: *História da Virilidade*. Volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Organização de Jean-Jacques Courtine, tradução de Noéli Correia Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, Editora Vozes, 2013, p. 247.

a força, a ação e a iniciativa – ou seja, esse poder da masculinidade a partir da virilidade. Isso “servia como medida no julgamento de si e dos outros, vinculado em paralelo à competitividade e à própria ética do provedor – o homem capaz de sustentar uma mulher e seus filhos”⁹¹.

Portanto, entendemos que o soldado brasileiro passou por momentos repletos de rusticidade e de indiferença quanto ao indivíduo, sustentando a expectativa de sua família e de sua amada em tratá-los como “heróis que iriam para a guerra”. Exemplo disso é identificado nos relatos sobre a questão do banho, onde os militares brasileiros tinham que se lavar em condições insalubres⁹² ou utilizando pequenas latas, sendo transformadas em chuveiros improvisados de pouco volume d’água, sendo estes considerados artigos de luxo.⁹³ A guerra apresentaria para esses homens sentimentos muito diferentes daqueles inspirados em discursos romantizados.

1.2. O “pão espiritual dos soldados”

O serviço postal na guerra é tão ou mais importante que o dos abastecimentos e a palavra ilustre do chefe militar norte-americano, abaixo transcritas, no original, destacam a influência de uma carta ao ânimo dos combatentes. **É o pão espiritual dos soldados.** “*The fighter with a letter from home is more likely to escape injury. He is more alert... reacts faster under fire.*”⁹⁴

A FEB foi formada por brasileiros de regiões distintas, em um país de proporções continentais. O contingente estava despreparado para as ações daquela magnitude e apresentava características heterogêneas, mas ainda assim embarcou em cinco escalões para o teatro de operações. Eram “jovens, na sua maioria entre 20 e 30 anos de idade, possuíam origens, geralmente, nas classes trabalhadoras das cidades e das regiões rurais”⁹⁵. Logo, se uma carta teria o efeito de alterar o moral do combatente, a censura aplicada teria como efeito não levar uma situação de conflito de consciência pelo fato do soldado ter deixado a família para combater em solo europeu.

⁹¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades em foco: a Masculinidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora da UFPR, n. 34, 2001, p. 51.

⁹² COSTA, Op. Cit., 2009, p. 98.

⁹³ RIBEIRO, Patricia da Silva. *Em luto e luta: construindo a memória da FEB*. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2013, p. 40.

⁹⁴ AHEx. Op. Cit., p. 1, grifo nosso. “O soldado com uma carta de casa tem mais chance de escapar do ferimento. Ele está mais alerta... reage mais rápido sob fogo.” (tradução livre).

⁹⁵ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 69.

Tudo passava pela censura militar, e as instruções eram rigorosas no sentido de não pôr em risco a segurança das tropas. Não se podia, por exemplo, mencionar o número de efetivos e as cotas numeradas das diversas áreas do teatro de operações, impressas em mapas que circulavam entre os oficiais, inclusive os comandantes de pequenas unidades. Não era permitido transmitir qualquer informação sobre o andamento da guerra sem passar pelo crivo dos oficiais. A censura estava agregada primeiramente ao QG do 5º Exército dos Estados Unidos e, posteriormente, ao QG do 15º Grupo de Exércitos, reunindo o 5º norte-americano e o 8º inglês, a partir da nomeação do General Mark Clark para aquele posto.⁹⁶

As cartas são classificadas, de acordo com o que escreveu o major João Wellisch Junior em seu relatório, como o “pão espiritual dos soldados”. Assim, confirmamos a ideia de que “são praticamente inexistentes trabalhos que focalizem correspondências domésticas e íntimas de pessoas anônimas, concentradas em descrever relações familiares. Esse pode ser, contudo, um rico instrumento de análise histórica.”⁹⁷ No contexto em análise, a guerra revela, por meio das letras manuscritas, as representações do sujeito na escrita de si, pois o mesmo está exposto aos mais diversos sentimentos de angústia, sofrimento, medo da morte:

Carregando montanha acima um fardo de munição em cunhetes de aço juntamente com o armamento, a carga individual do combatente era de cerca de 25kg. Até alcançar as posições inimigas em busca de contato, o atacante deveria precaver-se contra bombardeios, campos minados e bem-ajustadas rajadas das ultra-eficazes metralhadoras alemãs. (...) Avançando em campo aberto, os expedicionários foram alvos fáceis para os morteiros e metralhadoras que defendiam o monte. Nos primeiros ataques o inimigo se utilizou também de carros de assalto com canhões de 88mm [dos alemães] que disparavam diretamente sobre os brasileiros.⁹⁸

A escrita das correspondências gera uma expectativa de reciprocidade, comportando diálogos e silêncios sobre as “notícias dizíveis (doenças, tratamentos de saúde, trabalho, detalhes do cotidiano) e apenas fazer supor as indizíveis (gravidez, problemas conjugais, dúvidas e incertezas religiosas, dinheiro, morte, sexo)”⁹⁹. Além disso, em meados da década de 1940, observamos que essa prática, era de fato apreciada e praticada pelas mulheres – percebendo então uma questão de gênero, conforme analisado na música no tópico anterior. “O envio e o recebimento de notícias, com frequência e regularidade, constituíram-se em dimensão da vida cotidiana e, nela, a figura do carteiro passou a ocupar papel de destaque: era

⁹⁶ SILVEIRA, Joel. MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*. Joel Silveira e Thassilo Mitke. Rio de Janeiro, Record, 3ª ed, 1993, p. 236-237.

⁹⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 254.

⁹⁸ MAXIMIANO, Cesar Campiani. Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944-1945) in CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 354-355.

⁹⁹ MALATIAN, Op. Cit., p. 197.

‘o mensageiro esperado e recebido com alegria’¹⁰⁰. São nas frestas da vida privada que começamos a entender os sentimentos e percepções também no contexto da guerra.

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. (...) **Censura e autocensura** são parte integrante da atividade epistolar. Será grande a decepção do pesquisador ao se deparar com resistências de familiares em entregar o tesouro até então ciosamente guardado.¹⁰¹

O major chefe do Correio Coletor Sul identificou algumas falhas da implantação do Serviço Postal, ainda mais no que diz respeito ao acesso à informação. Primeiramente, reconheceu que o órgão pertencia a um núcleo não divisionário, exógeno ao dispositivo da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e que tal estrutura estaria deslocada do organograma do Exército brasileiro. Em segundo lugar, como as atividades da linha de frente eram a prioridade, as tarefas de apoio logístico e administrativo ficaram sem espaço para divulgar as suas ações perante os soldados e para fazer os esclarecimentos necessários à sociedade brasileira. Assim, o responsável pela estrutura postal constata que os censores não foram bem preparados para a missão. De forma complementar, o major ressaltou que “faltou ao público orientação que bem definisse os assuntos de sua correspondência, o que poderemos atribuir como falta do Serviço Postal, porém não menos verdade que faltou a esse mesmo público preparação moral para a guerra”¹⁰².

A preocupação maior, justificada pelas suas instruções, era de que as cartas, mesmo sendo inofensivas, portassem um plano criminoso contra o Brasil ou determinassem mais torpedeamentos de navios brasileiros, “como os ocorridos entre fevereiro e agosto de 1942”¹⁰³. Ainda assim, é importante destacar que o Serviço Postal obedecia tanto às recomendações dos técnicos norte-americanos, sobre a censura postal, quanto às pretensões do governo vigente, pois era um “serviço de evidente relevância, [que] colabora com o Governo, prestando-lhe informações precisas, que vão orientá-lo nas providências preventivas, acautelatórias dos interesses da Pátria.”¹⁰⁴

Por esse motivo, “uma das formas de manter o soldado em condições psicológicas para atuar é a escrituração de cartas para a manutenção de seus laços afetivos com os seus

¹⁰⁰ MALATIAN, Idem., p. 197.

¹⁰¹ MALATIAN, Op. Cit., p. 200-201, grifo nosso.

¹⁰² AHEx. Op. Cit., p. 21.

¹⁰³ AHEx. Instruções para o funcionamento do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira no Correio Coletor Sul, p. 13.

¹⁰⁴ AHEx. Idem, p. 13.

pais, esposas, namoradas”¹⁰⁵ e, conforme destacamos anteriormente, se a preparação dos militares da FEB não pôde ser eficaz, pelo menos seu moral deveria estar alto, contando com a atuação do Serviço Postal e da LBA.

A preocupação da família aumentava e o medo de ir para a guerra, ou estar nela, desencadeava a angústia da morte. Tais acontecimentos refletem a importância da manutenção de uma rotina de troca constante de correspondências entre os familiares e os militares. Nesse cenário, é destacado um trecho de uma conversa escrita pelo piloto de caça Fernando Corrêa Rocha sobre o valor de uma carta que chega ao *front*, praticamente implorando pela escrita de cartas por sua família, relatando sua “bruta inveja”:

Agora vocês sabem meu endereço novo, me escrevam sempre. Não vocês dois (os pais), pois sempre foram *on the ball* quanto à correspondência, mas o pessoal miúdo não dá sinal de vida. O Mocellin (outro Aviador) e seu amigo do Brasil recebe uma carta por semana, o que me dá uma bruta inveja. Tem dias que eu pagaria 100 *greens* (dólares) por uma carta de casa. Faça um aí na família uma campanha a meu favor pedindo mais cartas para soldados. Isso ajuda muito a nossa moral.¹⁰⁶

A expectativa que era depositada no homem, como vimos no tópico anterior, refletia no modo de agir do indivíduo, porque “ser homem significava ser honesto, trabalhador e provedor (...) um herói distante e ao mesmo tempo temido (...) [isso] constituía a imagem que socialmente se esperava de um homem”¹⁰⁷. Ao se ocupar com “coisas sérias”¹⁰⁸ como a guerra, não eram abertos os espaços para características femininas e buscavam “limitar e ocultar suas expressões de sentimentos, nunca chorar, calar o sofrimento e sentimento, não cantar, não ficar deprimido, amputar parte de si, do corpo e do coração, emoções e sentimentos”¹⁰⁹. Por esse motivo, incentivava-se tantas mulheres a escreverem para os expedicionários, seja por mães, esposas, namoradas ou as madrinhas, visto que somente ao coração feminino é permitida a compreensão do sentimento masculino, ainda que nas entrelinhas:

Assim, tornava-se difícil para os homens falar de seus medos, inseguranças e fantasias, não deviam se queixar de insatisfações ligadas ao terreno afetivo, ocultar os sentimentos, reprimir, aguentar, suportar a dor, não exprimir fraquezas, inseguranças e vulnerabilidades. Uma instância pública em que ao homem se permite falar com sinceridade sobre seus sentimentos com relação

¹⁰⁵ COSTA, Op. Cit., 2010, p. 2.

¹⁰⁶ PIRES, Heloísa (org). *Cartas de um piloto de caça: O treinamento e o combate (1943-1944)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2012, p. 87.

¹⁰⁷ MATOS, Op. Cit., p. 51.

¹⁰⁸ MATOS, Op. Cit., p. 52.

¹⁰⁹ MATOS, Idem, p. 52.

à mulher, confessando suas angústias, medos, fraquezas, dores e desejos, era a poesia e a música e, de forma invertida, o humor.¹¹⁰

O homem isento de emoção, que abandonaria parte de si mesmo para enfrentar a guerra, ou seja, aquele indivíduo com características inatingíveis não era real. Além de frisar que as missões cresciam em proporção e riscos “esses escalões seguintes, foram, contudo, encaminhados ao combate sem o treinamento, tampouco a adaptação às armas e ao terreno, que o primeiro escalão pôde ter”¹¹¹. E ainda, Matos destaca a preocupação de quem ficava:

Juntamente com a dor (...) circulam a saudade e a sensação de perda. A experiência da saudade tem dimensão espacial (uma distância no espaço) e temporal, carrega a nostalgia de um momento perdido; um certo tormento de ter deixado escapar o estado de felicidade. Saudade (...) apesar de ser vista como elemento natural da essência humana, é particularmente vivenciada pela mulher, com múltiplos aspectos, concretizados melodicamente no “estar só”, “sentir-se só” (...). Esta solidão pode estar vinculada à dor nostálgica pela distância do ser amado.¹¹²

Melancolia, dor da perda do ser amado que partia. Em paralelo ao sentimento, destacamos a influência institucional para que fosse dada a voz – ou a escrita – aos indivíduos. Os expedicionários eram motivados a escrever e, no Brasil, eram divulgados recados tanto nas cartas, quanto no rádio e nos jornais. “Era salutar para o espírito combativo do militar, que sentia estar participando de algo importante não só para o seu exército, mas também para sua nação, sentimento que aflorava por meio das notícias de apoio de seu povo. (...) Enfim, de que não estava sozinho em terra estranha”¹¹³.

Entretanto, como lidar com a dicotomia do que deveria ou não ser dito, se o próprio Serviço Postal não tinha condições de efetivar instruções para a escrita? A análise do conteúdo das cartas direcionou o censor para uma das três condicionantes de censura: político, tático ou estratégico. A setorização dessas fontes se faz necessária pois “o método da análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou ‘discursos’. Tal fator contribuiu para escapar dos perigos da compreensão espontânea”¹¹⁴.

A seguir, sugerimos que o leitor se atente: ao conteúdo das fontes; à sua transcrição; às tabelas que objetivam a análise desses relatórios; e suas respectivas abordagens qualitativas desenvolvidas no corpo do texto. Para isso, utilizamos a metodologia de Malatian: “quem,

¹¹⁰ MATOS, Idem, p. 52.

¹¹¹ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 81.

¹¹² MATOS, Idem, p. 59.


¹¹³ COSTA, Op. Cit., 2010, p. 3.

¹¹⁴ ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. Volume 4, 1985, p. 94.

quando, onde, como e por que uma carta é escrita?”¹¹⁵ Nos relatórios confidenciais encontramos como remetentes 2 (duas) mulheres, no papel de namoradas ou esposas de expedicionários, e 1 (uma) figura masculina. Na transcrição, logo abaixo das imagens, procuramos destacar seus pontos principais, sobretudo o motivo pelo qual as cartas ficaram retidas pela censura postal.

Em comentário ao documento impresso em evidência, observamos que neste primeiro relatório, com censura de cunho político, a possível esposa, noiva ou namorada do expedicionário alega que as correspondências dela não eram respondidas, mesmo que ele relatasse estar recebendo uma “infinitude de cartas”.

Figura 3- Relatório Confidencial nº 457

CONFIDENCIAL							
 MINISTÉRIO DA GUERRA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA CENSURA POSTAL		F.E.B.		RELATORIO Nº 457 PAGINA Nº 1 TOTAL DE PÁGS. 1			
REMETENTE:				DESTINATÁRIO: Sargento			
				230 F. E. B.			
DATAS: DA CORRESP: 17 nov. 944 DO CARIMBO: 24 nov. 944 DO EXAME: 27 nov. 944 DATILOGRAF: 11 dez. 944		RELATORIOS ANTERIORES REM: Não DEST: Não		NATUREZA DA CORRESP. CARTA: Sim IDIOMA: Português ENCOMENDA:		CORRESPONDÊNCIA AR: (S.A.) MAR: TERRA: SIMPLES: RIT	
		CENSURADA ANTERIORMENTE POR: Não		DESTINO DA CORRESPON. Liberada			
PARA USO DA F.E.B.	DO CHEFE DA CENSURA:	GRUPO B	CENSOB 13	CM. DO GRUPO 33	CONTRIBUIÇÃO C. Gab. 194 1. 25. 422	REVISOR 1	DATILOS. 25
FR	MAER	POLÍTICO					
MAG	ME	Recebimento de correspondência, por parte de expedicionário.					
MES	NF	A missivista, a partir da 15ª linha da segunda página, assim se expressa:					
MG	MJ	<u>TRANSCRIÇÃO:</u> "...apesar de você ter dito que recebe diariamente uma infinitude de cartas, que eu supunha serem de suas "fans"..."					
MT	MV	Nada mais digno de registro há na correspondência.					
AEDE	BB	<u>CONTÉUDO:</u> Uma carta relatada, manuscrita, em cinco páginas.					
CAW	CFCE						
CME	CMM						
CPDF	CPFA						
CPSP	CPSP						
CPRS	CTB						
DASP	DCT						
DESPS	DIP						
DR	EQUU						
FB	IA						
IF	IPC						
IRB	IRB						
PCDF	PCDF						
PCM	EM						
CIC	CNP						
CHAE	DNC						
DNS	DRI						
DRA	INP						
(IMPORTANTE: AS INFORMAÇÕES ACIMA SÃO DE CARATER ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL; SÓ PODERÃO SER CONFIADAS ÀS AUTORIDADES SUPERIORES QUE DO SEU CONHECIMENTO NECESSITAM NO TRANSCURSO DA GUERRA.							
CONFIDENCIAL							

¹¹⁵ MALATIAN, Op. Cit., p. 204.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Transcrição:

CONFIDENCIAL, Ministério da Guerra, Força Expedicionária Brasileira, Censura Postal. Relatório nº 457. **Remetente:** (L.C). **Destinatário:** Sargento (C.A.), 250 FEB.

[Censurada pelo teor] **POLÍTICO:**

“Recebimento de correspondência, por parte do expedicionário. A missivista, a partir da 15ª linha da segunda página, assim se expressa: Transcrição: (...) **apesar de você ter dito que recebe diariamente uma infinidade de cartas, que eu suponho serem de tuas ‘fans’** (...) Conteúdo: Uma carta relatada, manuscrita, em cinco páginas.”¹¹⁶

Nesse caso, a tensão ficou por conta da remetente (L. C.) ficar sem notícias do sargento que servia no quartel general da 1ª DIE (endereço do 250 FEB)¹¹⁷, dado o fluxo de cartas que ele alega ter recebido. A suposição da mesma em relação às “fãs” do militar foi possivelmente vista como uma crítica ao incentivo feito pelo DIP através da LBA da escrita de correspondências pelas madrinhas. Em consequência, a primeira carta de (L. C.) endereçada ao sargento (C. A.) foi censurada parcialmente e liberada.

Podemos observar, ainda, que havia um fluxo na análise de cada envelope. No canto superior esquerdo, abaixo do remetente, são detalhadas as datas dos trâmites burocráticos. A correspondência que foi postada no dia 17 de novembro de 1944, foi recebida pelo Correio Coletor Sul em 24 de novembro, conforme mostra a data do carimbo. Depois de recebida, a carta foi analisada pelos censores no período de três dias, sendo aprovada com restrições no dia 28 de novembro. Essa “aprovação com restrições” significava que alguns conteúdos da carta eram intencionalmente suprimidos. Como as cartas censuradas parcialmente eram liberadas, o trecho reprovado era recortado e datilografado para ser arquivado em relatório confidencial, como este em 11 de dezembro de 1944.

Como podemos constatar, essa foi a primeira correspondência entre a remetente e o destinatário que foi analisada em relatório confidencial pela censura postal. No espaço “relatórios anteriores”, tanto para o remetente (REM), quanto para o destinatário (DEST), o censor apresentou a negativa de outros relatórios confidentiais existentes. Isso indica que, se os dois trocaram correspondências entre si anteriormente, as mensagens não apresentavam o teor a ser examinado e cortado. Ao lado, podemos ainda identificar a “natureza da correspondência” apresentada como carta, no idioma português, e sem encomendas. No

¹¹⁶ AHEx. Op. Cit., p. 10, grifo nosso.

¹¹⁷ CRUZ, Op. Cit., p. 31.

campo “censurada anteriormente” houve novamente a negativa pelo censor, mostrando que era a primeira vez que aquela correspondência era examinada.

Por fim, no canto superior direito, abaixo do destinatário, indicam-se as três formas de envio da correspondência: “AR”, “MAR” e “TERRA”, tendo sido assinalado como (S. A.), ou seja, “Serviço Aéreo”, com a afirmativa de envio “simples”. Os tipos de envios eram feitos dessa forma porque as correspondências poderiam ter como meio, por exemplo, os navios de transporte de pessoal dos escalões da FEB, com a duração da viagem de 15 (quinze) dias, no mínimo. Já o transporte terrestre estava endereçado aos militares encarregados da defesa do litoral brasileiro, que também eram designados como “febianos”.

Por fim, o envio pelo serviço aéreo, direcionado para o território italiano, contava ainda com o envio de outros itens logísticos para o suprimento das tropas. A avaliação foi feita pelo censor 13 do grupo B, tendo sido analisada pelo chefe do grupo 33, em distribuição feita pelo Chefe de Gabinete do Ministério da Guerra (Ch. Gab. M.G.). O presente relatório, enfim, foi conferido pelo revisor 1 e datilografado pela pessoa com as iniciais (E.S.).

A estrutura do relatório facilitou a análise das cartas e, sobretudo, de quem as escreveu. O perfil de cada envolvido era sumariamente catalogado e arquivado, permitindo aos censores a identificação de prováveis reincidências tanto dos militares quanto dos familiares e madrinhas dos expedicionários. A questão central desse tópico é perceber os sentimentos daquelas pessoas que ansiavam por respostas de seus entes queridos que estavam na Itália, todavia, podemos afirmar com as análises desse capítulo que os silêncios e a autocensura precaviam a família de notícias desastrosas que poderiam surgir:

Reunidas, suas percepções individuais possibilitam uma inusitada variável de análise para a compreensão dos significados da experiência coletiva dos combatentes – experiência vivida e sentida, pois dificilmente se “representa” a visão de um companheiro com as pernas arrancadas ou o surgimento de parasitas sob o uniforme depois de meses chafurdando na terra.¹¹⁸

Quaisquer informações trocadas que oferecessem o posicionamento ou a partida dos escalões para a Itália eram consideradas como inapropriadas para o andamento do esforço de guerra, podendo ser enquadrados até como crime, conforme observado no relatório seguinte, também destinado ao endereço do quartel general da 1ª DIE.¹¹⁹


Figura 4- Relatório Confidencial nº 467.

¹¹⁸ MAXIMIANO, Op. Cit., p. 351.

¹¹⁹ CRUZ, Op. Cit., p. 31.

CONFIDENCIAL

Uma carta relatada, manuscrita em uma página.

 MINISTÉRIO DA GUERRA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA CENSURA POSTAL		F.E.B.		RELATÓRIO N° 467 PAGINA N° 1 TOTAL DE PÁGS. 2	
REMETENTE:			DESTINATÁRIO: 2º Tte. Médico DR. M. S. 250 F. E. B.		
DATA: 30 NOV. 944 DO CARIMBO: 1 dez. 944 DA F. C.: 1 dez. 944 DO EXAME: 4 dez. 944 DATILOGRAF:		RELATÓRIOS ANTERIORES REM: NHO DEST: NHO		NATUREZA DA CORRESP. CARTA... SIM ENCOMENDA... CENSURADA ANTERIORMENTE POR: NHO	
				CORRESPONDÊNCIA AR... (S. A.) MAR... TERRA... SIMPLES... DESTINO DA CORRESPON. Idibopada	
PARA O CHEFE DA CENSURA: UNO DA F.E.B.		GRUPO C	CENSO SI	CL. DO GRUPO 30	Nº de Cópia 6
SEGURANÇA NACIONAL					
Possível informação sobre saída de navio com contingente da F.E.B.					
A missivista, em carta de caráter particular, declarou, nas linhas 18 a 20 da primeira página, o seguinte:					
TRANSCRIÇÃO: "A partida do navio foi transferida, B. me telefonou no dia 28 e prometeu me visitar no dia seguinte, mas não apareceu, julgo que o navio partiu."					
Nada mais digno de registro há na correspondência.					
CONTEÚDO: Uma carta relatada, manuscrita em uma página.					
IMPORTANTE: AS INFORMAÇÕES AQUI SÃO DE CARÁTER ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL E NÃO DEVERÃO SER COMUNICADAS A AUTORIDADES SUPERIORES SEM O SEU CONSENTIMENTO NECESSÁRIO AO TRANSMISSO DA GUERRA.					
CONFIDENCIAL					

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Transcrição:

CONFIDENCIAL, Ministério da Guerra, Força Expedicionária Brasileira, Censura Postal. Relatório nº 467. **Remetente:** (J. F.). **Destinatário:** 2º Tenente Médico Dr. (M. S.), 250 FEB.

[Censurada pelo teor] **SEGURANÇA NACIONAL:**

“Possível informação sobre saída de navio com contingente da FEB.

Transcrição: **A partida do navio foi transferida, B. me telefonou dia 28 e prometeu visitar no dia seguinte, mas não apareceu, julgo que o navio partiu.**

Conteúdo: Uma carta relatada, manuscrita em uma página.”¹²⁰

¹²⁰ AHEx. Op. Cit., p. 42, grifo nosso.

O segundo arquivo também sofreu a censura, neste caso por ameaçar a segurança nacional, informando a provável data de saída de um navio com o contingente da FEB. Durante o envio dos cinco escalões para a Itália, eram rotineiros os exercícios simulados de embarque e de desembarque. Isso tinha o propósito de negar a informação aos submarinos alemães que rondavam o Atlântico Sul. “Quando o General Mann adentrou o mar Mediterrâneo pelo estreito de Gibraltar, ocorreu um fato no mínimo insólito: a rádio BBC anunciou abertamente pelo seu serviço de transmissões ao redor do mundo que um navio com um contingente militar brasileiro estava chegando ao teatro de operações italiano.”¹²¹ Tal fato levou a tripulação ao pânico, visto que a área estava próxima à base de submarinos instalada na costa oeste da França. Mais uma vez, podemos imaginar que o moral dos combatentes não foi dos melhores nessa situação.

Em consequência, essa informação foi muito mal recebida pelo comando aliado, fato que a *British Broadcasting Corporation* (BBC) jamais noticiaria o deslocamento de tropas brasileiras novamente. Para evitar a localização do navio, foram tomadas algumas precauções adicionais:

Pelas nove e pouco acaba o cinema e logo depois apagam as luzes do salão, ficando só algumas lâmpadas vermelhas, muito fracas (...). Depois que o navio saiu, não vimos mais a noite. O pracinha está num compartimento onde há muitos pracinhas. Mas o pracinha mal pode ver dois ou três companheiros. Um companheiro americano me explicou o uso da luz vermelha dentro do navio trancado: a luz branca ou azul de qualquer outra cor apresenta grandes inconvenientes para o homem que subitamente tem de sair do navio para ocupar o seu posto em algum canhão ou metralhadora. O pracinha não sabe de nada disso... Havia pracinhas chegados do interior que nunca tinham visto o mar na sua vida e alguns *restituíram* até a alma. Mas isso em certos lugares: não para fora do navio. Não se pode lançar nada para fora do navio. Os detritos são jogados a uma hora certa, ao escurecer. Dizem que já houve o caso de transportes de tropas que foram seguidos por submarinos que se guiavam pelos detritos no mar.¹²²

Em função de fatos como esse, o setor de censores recebeu orientações para eliminar informações que denunciassem a posição das tropas em deslocamento ou no teatro de operações, conforme está relatado em um trecho de seu caderno de instruções:

Uma carta, seja qual fôr a sua natureza, merece toda a atenção do Censor, não uma atenção comum, **mas uma atenção extraordinária**. Para êle, ela é sempre objeto de valor, que pode conter, um disfarce inteligente, um plano criminoso sobre a segurança nacional, contra a ordem política e social, contra a vida de milhares de brasileiros, alguns indefesos, outros a serviço da Pátria que os convocou e distribuiu dentro ou fóra do território nacional,

¹²¹ BARONE, João. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 131.

¹²² BRAGA, Rubem. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985, p. 12-15.

obrigados, assim, a viajar por mar, por terra ou pelo ar, **onde poderão ser surpreendidos pela argúcia e petulância do inimigo.**¹²³

O relatório confidencial de número 467, que foi feito pelo censor 31 do grupo C, respondendo ao chefe do grupo 30, analisado pelo revisor 6 e datilografado por (E. D. L.) tem como remetente (J. F.) e foi endereçada ao 2º tenente médico Dr. (M. S.).

Da mesma forma que o relatório anterior, (J. F.) e o Dr. (M. S.) não tinham cartas retidas e censuradas, conforme é destacado na lacuna “relatórios anteriores”. Mas, ao contrário do primeiro documento, é possível verificar que a análise dessa carta aconteceu mais rápido do que aquelas dos praças¹²⁴, provavelmente por se tratar de o destinatário ser um oficial. Sendo assim, no canto superior esquerdo, o relatório identificou a postagem da correspondência em 30 de novembro de 1944, sendo recebido pelo Correio Coletor Sul um dia após.


Além dos motivos políticos e de segurança nacional, podemos observar no relatório seguinte a vertente militar, onde são verificados detalhes táticos como a divulgação da data de embarque de terceiros, como o do soldado (J.) em 21 de novembro de 1944, endereçadas ao soldado (R.M.) que tinha como endereço a Companhia de Intendência (254 FEB)¹²⁵:

¹²³ AHEx. Op. Cit. p. 12-13, grifo nosso.

¹²⁴ O círculo hierárquico do Exército brasileiro está dividido entre praças e oficiais. Os praças são reconhecidos pelas graduações de: soldado, cabo, sargento e subtenente. Os oficiais estão compreendidos nos postos de: tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel e general.

¹²⁵ CRUZ, Op. Cit., p. 31.

Figura 5- Relatório Confidencial nº 412.

CONFIDENCIAL						
 MINISTÉRIO DA GUERRA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA CENSURA POSTAL		F.E.B.		RELATORIO Nº 412 PAGINA Nº 1 TOTAL DE PÁGS. 1		
REMETENTE:			DESTINATÁRIO: Soldado			
DATAS: DA CORRESP: 1 Jan. 944 DO CARIMBO: 2 Dez. 944 DA P.C.: 4 Dez. 944 DO EXAME: 5 Dez. 944 DATILOGRAF: 7 Dez. 944			RELATÓRIOS ANTERIORES: REM: Não DEST: Não		NATUREZA DA CORRESP. CARTA: Sim TIPOVA: Portuguesa ENCOMENDA:	CORRESPONDÊNCIA AR: (OC) MAR: TERRA: SIMPLES: DESTINO DA CORRESPON.: Liberdade
PARA O CHEFE DA CENSURA: F.E.B.		GRUPO: A	CENSO: 18	ENCL. DO GRUPO: 26	CENSURADA ANTERIORMENTE POR: Não ANEX. Ch. GR: B. Ch. SP/EP:	REVISOR: 19 DATILOGRAF.: EV.
PR MAER MAG ME MES MF MG MJ MN MT MV AEDE BR CAW CPCE CHE CMN CPOF CPPA CPSP CPRS CTS DASP DCT DESPS DIP DR ESUU FB IA IF IPC IRB JEP LOP EM CIC CNP CHAEE DNG DNB DRI DRA INP	MILITAR <u>Notícia sobre a partida de expedicionário para além-mar.</u> O misavista em carta de caráter cerimonioso, da 3ª a 7ª linhas do 1º parágrafo da 1ª página, assim se expressa: <u>TRANSCRIÇÃO:</u> "Desde que o (J.) foi para Força Expedicionária Brasileira e não mais se encontra entre nós, pois embarcou no dia 21 de novembro com destino que só Deus e o Estado Maior do Exército pode saber." Não há mais digno de registro há na correspondência. <u>CONTEÚDO:</u> Uma carta relatada manuscrita em duas páginas.					
(IMPORTANTE) AS INFORMAÇÕES ACIMA SÃO DE CARATER ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL! NÃO PODERÃO SER CONFIDADAS AS AUTORIDADES SUPERIORES QUE DO SEU CONHECIMENTO NECESSITAM NO TRANSCURSO DA GUERRA.						
CONFIDENCIAL						

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, 1944.

Transcrição:

CONFIDENCIAL, Ministério da Guerra, Força Expedicionária Brasileira, Censura Postal. Relatório nº 457. **Remetente:** (A.N.). **Destinatário:** Soldado (R.M.), 254 FEB.

[Censurada pelo teor] **MILITAR:**

“Notícia sobre a partida de expedicionário para além-mar.

Transcrição: (...) desde que o (J.) foi para a Força Expedicionária Brasileira e não mais se encontra entre nós, pois embarcou no dia 21 de novembro com (sic) destino que só Deus e o Estado Maior do Exército pode saber.

Conteúdo: Uma carta relatada, manuscrita em duas páginas.”¹²⁶

¹²⁶ AHEX. Op. Cit., p. 52, grifo nosso.

O terceiro relatório abordou o posicionamento de um familiar ou amigo próximo do expedicionário. Foi lida pelo censor 18 do grupo A, supervisionada pelo chefe do grupo 26, analisada pelo revisor 19 e datilografada por (S. M.). Além de ter sido liberada, cabe destacar que foi o único dos relatórios apresentados que foi assinado pelo chefe da censura (esquerda superior), sendo necessário destacar o tom de crítica do missivista ao Estado-Maior do Exército (EME) em não comunicar a localidade ou status do militar que partiu. Entendemos que a mesma foi censurada por se tratar de uma informação militar a qual o navio poderia até mesmo ser torpedeado caso fosse transmitida ao inimigo – causando a morte de centenas, ou milhares, de militares brasileiros. Ademais, notamos a urgência na censura dessa correspondência, sobretudo por informar em detalhes a data que provavelmente o militar expedicionário embarcou no navio (21 de novembro).

Em comparação aos outros dois relatórios, acerca da datação de postagem da correspondência, recebimento pelo Correio Coletor Sul, sua análise para a censura e consequente liberação com cortes, devemos destacar os pontos principais. A primeira carta, destinada ao sargento, demorou 7 dias corridos para ser recebida, 4 dias para sua análise pelos censores e 17 dias para ser liberada com os cortes.

Na segunda correspondência, que tem como destinatário o tenente-médico, foi postada em um dia, recebida e analisada no outro e liberada apenas três dias após a censura. A terceira carta, assim como a segunda, embora seja destinada a um soldado, precisava exatamente a data que as tropas embarcaram com destino à Itália, sendo um assunto sensível a ser analisado pelos censores. Desse modo, ainda cabe destacar que a demora para a entrega da carta do sargento e a prioridade de entrega da carta do oficial médico, indicaram que as mesmas deveriam seguir para a Itália por via aérea. Já a última correspondência, por se tratar de um destinatário sendo um soldado, aconteceu por (S. M.), ou seja, serviço marítimo.

As fontes expostas acima foram orientadas para que exprimissem objetividade, segundo o major Chefe do Correio Coletor Sul, João Wellisch Junior. Entendemos que as cartas dos civis passaram a representar, também, uma ameaça “exatamente porque, a cada momento, os comportamentos da opinião pública são o resultado de uma complexa alquimia entre o estado das mentalidades e o contexto, que é imprudente querer construir ‘tipos’ de atitude diante de um ‘tipo’ de acontecimento”¹²⁷.

¹²⁷ BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996, p. 188-189.

O Serviço Postal também verifica a complexidade do momento, pois conforme consta no seu relatório geral, já que “há erros a apontar e não responsáveis, pois os primeiros, frutos de nossas próprias deficiências, surgiram independentemente da vontade de cada um, restando apenas o mérito do que foi corrigido e o valor dos ensinamentos colhidos”¹²⁸. De forma complementar, o caderno de instruções enumera que a importância capital da análise das cartas é de inteira responsabilidade do censor na defesa preventiva da pátria e, exercendo a função que lhe foi confiada, é digno de efetuar a censura que achar importante. Devemos destacar que os documentos e ações dos indivíduos faziam parte do período em estudo, e, para tal, tentamos dar prosseguimento esse apontamento:

Considerando a subjetividade pelo ângulo de sua produção por instâncias individuais, coletivas e institucionais, procura-se renunciar as pretensões universalistas das modelizações psicológicas para tentar apreender a subjetividade em sua dimensão de criatividade processual, como todo um conjunto de circunstâncias histórico-socioculturais (origem, classe social, etnia, cultura) e biográficas (trajetória de vida e de trabalho) que enseja o sentido do eu. Atinge profundamente as percepções, articulações, através de processos que chegam pela linguagem, família, mídia, música, modela os corpos, comportamentos, sensibilidades, percepções, memórias, relações sociais e de gênero. Esses elementos são captados, reproduzidos, explorados, também rejeitados, adaptados, trocados, passando por experiências sociais vividas. Todo um processo de singularização, pleno de múltiplas contradições e tensões, caracteriza a subjetividade como permanente desenvolvimento, no qual os sujeitos reformulam suas propostas, ações e sentimentos em complexas interações e contradições.¹²⁹

Assim, as transformações ocorridas no Estado Novo corroboraram para a construção de um discurso que não comprometesse as ações militares da FEB. O envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial carecia de instruções dos aliados quanto aos procedimentos de divulgação e censura de informações trocadas pelo correio. Essas percepções culturais foram transmitidas aos indivíduos pela oralidade, círculos de amizade e familiares, memórias. Podemos afirmar que o governo Vargas determinou esse amplo contexto social, mas também, um envolvimento político, militar e de segurança nacional, entre os expedicionários e a opinião pública.

¹²⁸ AHEX. Op. Cit., p. 1.

¹²⁹ MATOS, Idem, p. 49-50.

Capítulo II: A censura postal nas correspondências dos expedicionários

O segundo capítulo desta pesquisa tem por objetivo apresentar uma análise documental qualitativa e descritiva de duas cartas censuradas escritas por expedicionários, atualmente arquivadas na Associação Nacional de Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro. As correspondências têm nesse espaço sua merecida análise inédita.

Conforme visto nas considerações iniciais, convém apresentar que no governo Vargas, a propaganda adaptou os métodos de controle dos meios de comunicação nazista para a realidade brasileira. A tentativa era de suprimir “dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva.”¹³⁰ Esse controle social foi percebido nos gostos da população em relação ao entretenimento, e assim, foi aplicada certa forma de controle da opinião pública, de forma a aproximar Vargas do povo:

O Estado Novo (1937-45) acentuaria essa tendência de controle estatal (...) A percepção de Vargas sobre a paixão popular pelo futebol fez com que os estádios onde o esporte era jogado se tornassem o local por excelência das grandes manifestações cívicas e políticas. Assim, o Estádio de São Januário, de propriedade do C. R. Vasco da Gama e então a maior instalação esportiva da cidade do Rio de Janeiro, foi o palco de inúmeras comemorações oficiais. Localizado no bairro fabril de São Cristóvão (...) foi lá que Getúlio anunciou a instituição do salário mínimo nacional, durante as comemorações do Primeiro de Maio de 1940, organizadas pelo Ministério do Trabalho juntamente com o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Esses grandes eventos cívicos incluíam tradicionalmente em sua programação, além de desfiles, discursos e saudações à bandeira nacional e ao presidente da República (...).¹³¹

A título de exemplo sobre esse controle social, podemos citar o caso da crítica do jornalista Assis Chateaubriand a Vargas em 1935, por já estar utilizando a comunicação como forma de hipnose coletiva. Constatamos outrora que a manipulação da opinião pública não esteve delimitada a partir do início do Estado Novo, pois vinha sendo estruturado aos poucos. Sua continuidade de ações resultou no controle institucional das ideias, considerando que “a Constituição brasileira de 1937 legalizou a censura prévia aos meios de comunicação.”¹³²

Destacamos que a censura postal na FEB passou por esses mesmos processos limitantes, sobretudo no que diz respeito às críticas ao governante e suas ações políticas.

¹³⁰ CAPELATO, Op. Cit., p. 169.

¹³¹ FREIXO, Adriano de; ALVES, Vagner Camilo. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 32, e0101, jan./abr. 2021, p. 4-5.

¹³² CAPELATO, Op. Cit., p. 170.

Entendemos que a censura postal militar brasileira não estava limitada ao fator expressamente de segurança ou estratégia operacional, como vimos no capítulo anterior, mesmo que enfrentassem os problemas encarados todos os serviços postais na guerra. Constatamos ao longo dessa análise que o Serviço Postal estava autorizado a censurar missivas que denegrissem a imagem de Vargas e ações interligadas a este.

A partir desse contexto de limitação da escrita, ainda mais em se tratando de um cenário de instabilidades no pêndulo entre a vida e morte, entendemos que são abalados os aspectos psicológicos, corroborando para a diminuição do moral de quem escreve. Como resultado, apresenta-se a escritura das missivas elaboradas pelos expedicionários (S. M. S) e (J. R. S.), destinadas à madrinha (E. A. F.), que são trabalhadas nesse capítulo, com o objetivo de trazer luz aos seus sentimentos e aflições no período que estiveram na guerra. Conforme citado anteriormente, os nomes dos correspondentes foram suprimidos em função da lei de acesso à informação¹³³.

2.1. A escrita para elevar o moral do combatente

O fator psicológico tem influência direta na construção das memórias dos indivíduos, pois é da “lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas [que se] remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado”¹³⁴. De acordo com os relatos analisados e as cartas em destaque nesse capítulo, constatamos que o moral estaria abalado em função dos terrores psicológicos presenciados por esses indivíduos. Embora os índices de educação brasileiros na década de 1930 mal existissem, Vargas analisou em novembro de 1933, na mensagem destinada à Assembleia Nacional¹³⁵, que a educação nacional nunca esteve em pauta. “De cada 1.000 brasileiros, 513 nunca tinham entrado numa escola. Dos 487 que se matriculavam, 110 logo abandonavam a escola; 178 faziam a primeira série, mas não aprendiam a ler bem; (...) e somente 30 concluíam os três anos que se compunham o curso primário.”¹³⁶

Podemos constatar que o índice de educação brasileira na década de 1930 continuava a ser de um mar de analfabetos – a análise dos fatores educacionais que antecederam esse período foge de nosso tema central, portanto, não são evidenciados nesse estudo. Ou seja, conforme

¹³³ BRASIL. Op. Cit., 2011, s/p.

¹³⁴ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 8.

¹³⁵ MCCANN, Op. Cit., p. 26.

¹³⁶ MCCANN, Op. Cit., p. 27.

enfaticamos no capítulo anterior, além de inéditas, nossas fontes são raras, pois a maior parte da sociedade brasileira ainda permanecia analfabeta.

O fator que cabe ser analisado nessa abordagem é que somente as famílias mais influentes conseguiam manter seus filhos nas escolas.¹³⁷ Não é possível afirmar que a educação entre as décadas de 1930 e 1940 tenha tido saltos expressivos em seus índices, ainda mais porque não é a ênfase que buscamos nessa pesquisa, todavia, cabe entender certa diferença no recrutamento militar, mesmo que em pequenos números. “Ao invés de analfabetos, os oficiais encontraram universitários em suas companhias, e os coronéis descobriram que os seus subordinados eram médicos, engenheiros e advogados, bem como antigos sargentos promovidos a tenentes.”¹³⁸

A constatação que nos deparamos, então, é de que o Exército brasileiro apresentava problemas similares aos da sociedade da época e essa realidade não era frequente.¹³⁹ Todavia, encontramos alguns poucos militares convocados que sabiam ler e escrever em um período que essa característica era rara em um brasileiro. A título de exemplo, a alimentação e higiene dos quartéis eram ruins¹⁴⁰, e havia o descaso para com o militar recrutado. “O auxílio norte-americano, por intermédio de material, treinamento e transporte, era imprescindível. Grande parte dos decisores norte-americanos, no entanto, inclusive oficiais de alto escalão, não ficou eufórica com a oferta de tropas pelo Brasil.”¹⁴¹

A FEB carecia de bons recursos, como armas e equipamentos para seguir adiante e, por conseguinte, homens aptos para prosseguir na missão. “As estimativas, no entanto, eram irreais”¹⁴² sobretudo pela estimativa de enviar para a guerra um corpo de exército com aproximadamente 60 mil homens¹⁴³. O solicitado eram homens para atividades mais complexas do que cavar trincheiras, correr, mirar e atirar,¹⁴⁴ sendo solicitado aqueles que soubessem ler mapas, operar rádios e dirigir. Para que se cumprisse a exigência imposta para a formação da FEB, os padrões de exigência dos exames foram rebaixados e as incapacidades revistas, com o intuito do voluntário ser considerado “normal” para os parâmetros de

¹³⁷ MCCANN, Op. Cit., p. 27.

¹³⁸ MCCANN, Op. Cit., p. 321.

¹³⁹ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 55.

¹⁴⁰ PEREIRA, Op. Cit., 2020, p. 37.

¹⁴¹ ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência? In OLIVEIRA, Dennison. ROSTY, Cláudio Skora. *II Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira*, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx) [anais], Curitiba-PR, 2011, p. 103.

¹⁴² FERRAZ, Op. Cit., 2005, p. 37.

¹⁴³ FERRAZ, Idem., 2005, p. 37.

¹⁴⁴ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 62.

incorporação: “mínimo de 5 anos de escolaridade, 26 dentes naturais, altura e peso mínimos de 1,60m e 60kg.”¹⁴⁵

A partir desse cenário de dificuldades para a convocação e atuação da FEB, ainda existia a questão projetada pelo controle estatal para a projeção de uma nação idealizada. Esse ideal foi buscado “na Bandeira, no Hino e nas Armas Nacionais que se expressam os símbolos da identidade e soberania de uma nação, fazendo jus a uma lealdade e respeito imediatos. Para tal, é revelado todo o seu passado, seu pensamento e cultura”¹⁴⁶. Enfim, já que “a guerra havia chegado ao Brasil. Agora, para alguns milhares de brasileiros é que cabia a responsabilidade e o perigo de fazer a guerra de verdade”¹⁴⁷. O discurso poético já vinha sendo incutido nos jovens, sobretudo no que diz respeito à luta pela liberdade ameaçada pelos ataques de submarinos nazistas aos navios encontrados na costa brasileira, no ano de 1942.

As características dessa mentalidade são encontradas nas cartas em estudo e também nos relatos de ex-combatentes. Esse é o caso de uma situação extraordinária, na qual um dos expedicionários registra em seus relatos¹⁴⁸, uma missa celebrada no Vaticano, no ano de 1945 pelo Papa Pio XII. O pontífice teria dito diretamente ao soldado de Infantaria do Regimento Sampaio, Joaquim Xavier da Silveira: “És muito jovem para a guerra.”¹⁴⁹

A análise de seus relatos revela sentimentos ainda juvenis para esse ambiente hostil, e então nos deparamos com jovens que não estavam psicologicamente prontos para a guerra. De acordo com as suas percepções, buscavam a sobrevivência homens simples que tiveram que seguir ordens frias, se esquecendo há muito da ideia de ser um herói.

O que elas [as linhas] contam é a simples história de alguns homens simples, que saíram de seus lares, atravessaram o oceano e foram lutar e sofrer em terra estranha, passando privações, fome e frio, essa procissão que sempre acompanha as guerras. **Não encontrará aqui histórias de medalhas, paradas nem clarins. Porque na realidade dura de uma guerra não existem essas coisas,** são símbolos usados pelos poetas ou pintores que nunca estiveram em armas. **O que se ouve na sinfonia da guerra é o ribombar dos canhões, o grasnar das metralhadoras** e as ordens frias, impessoais, **quase sempre parecendo cruéis**, de avançar ou **aguentar a posição, a qualquer custo**. O soldadinho de infantaria tem que aguentar isso tudo **sem o menor conforto, sujo, imundo, barbado** passando semanas, e às vezes meses, **aguardando pacientemente a hora de sair dali, ou então, a morte**. A guerra de verdade é sem bandeira, sem hinos, e **ninguém tem**

¹⁴⁵ FERRAZ, Op. Cit., 2012, p. 62.

¹⁴⁶ HOBBSAWM, Eric J. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 11ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017, p. 19.

¹⁴⁷ PEREIRA, Fabio da Silva. História Militar: Perspectivas sobre a forma de se escrever a história. In: *Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil*, Vol. 1, N. 2, 2021, p. 53.

¹⁴⁸ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes brancas: diário de um pracinha*. Prefácio de Pedro Calmon. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1997, p. 95.

¹⁴⁹ SILVEIRA, Idem, 1997, p. 95.

vontade de ser herói; se vem a sê-lo, foi porque as circunstâncias o forçaram a isso.¹⁵⁰

A preparação dos expedicionários não aconteceu sem que surgissem os mais diversos desafios pelo caminho. O medo da guerra não os paralisou, mas muitos não voltaram. Além de fatores envolvendo a questão dos insalubres banheiros coletivos dentro dos navios, é necessário elucidar pontos que dificultaram a logística da FEB no início da campanha da Itália. A situação para dormir não era das melhores, pois além dos uniformes que se confundiam com os dos nazistas, as barracas eram “uma verdadeira vergonha. Um barracão de escoteiro (...) a lona, permeável, filtrava a chuva, o vento, o frio, e a umidade. Dentro, e também pouco fora dessa coisa incrível, dormiam dois homens, devendo ainda caber dois sacos de bagagem e os equipamentos completos.”¹⁵¹

Assim também surgia a problemática no que diz respeito à alimentação dos combatentes. Por exemplo, podemos destacar a origem da feijoada, que era conhecida no período como a comida dos escravos, mas no período em estudo “converteu-se em prato nacional e carregou consigo a representação simbólica da mestiçagem, uma vez misturados, funcionavam como a metáfora harmoniosa de uma mestiçagem que é racial e cultural.”¹⁵²

Nos relatos do expedicionário supracitado, o então militar reclamou do paladar da comida americana que, embora saudável, não tinha condimentos e muito menos sal, fato esse que foi apontado como um desafio logístico de suprimento¹⁵³, implicando em uma desmotivação da tropa. Esses aspectos são enumerados até para que possamos entender a vida cotidiana do militar convocado. Isso porque “a história vista de baixo, com as contribuições dos soldados que vivenciaram os conflitos e as mudanças no panorama institucional ao longo do tempo, deslocou o foco para uma história mais social.”¹⁵⁴

A escrita de suas percepções, sobre o que presenciaram no período, nos levam a perceber exceções à regra, pois os fatos vistos de cima, somente por suas vitórias e operações táticas, podem generalizar as motivações dos indivíduos. Devemos nos ater à questão de que, para as circunstâncias de dificuldades múltiplas, seria mais fácil morrer na guerra e ter uma atitude mais derrotista, do que acreditar na possibilidade da vitória e do retorno para a casa. A explicação para a elevação do moral desses soldados pode ser explicada a partir dessa troca de correspondências.

¹⁵⁰ SILVEIRA, Op. Cit., 1997, p. 17, grifo nosso.

¹⁵¹ SILVEIRA, Op. Cit., 1997, p. 36-37

¹⁵² SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*, 2ª ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2018, p. 378, grifo nosso.

¹⁵³ PEREIRA, Op. Cit., 2020, p. 38.

¹⁵⁴ PEREIRA, Op. Cit., 2021, p. 56.

Nos documentos que a expressam, entre eles as cartas, a palavra constitui o meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito. (...) Criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância. Mas comportava, como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições. (...) Repositórios de introspecção, as missivas eram trocadas entre grupos detentores de códigos específicos, com exigências de sociabilidade próprias.¹⁵⁵

As relações amistosas dos militares brasileiros com a população civil italiana, desolada pelo avanço nazista, podem também ser destacadas como aumento do moral da tropa. Segundo o documentário *Liberatori*¹⁵⁶ essa aproximação aconteceu em virtude da empatia e preocupação do acolhimento do soldado brasileiro; a comum religiosidade católica entre os povos, apresentada em análise da música no capítulo anterior; seus idiomas de base latina em comum; e a forma de viver dos combatentes. Esses relacionamentos estabelecidos nas circunstâncias de guerra são recordações estabelecidas pelo povo italiano e pelos militares:

Nos primeiros dias não nos foi permitido sair, pois estávamos de quarentena. Porém, em volta do acampamento havia uma porção de civis, mulheres e crianças geralmente; as mulheres ofereciam-se para lavar roupa e as crianças pediam comida. Na hora do rancho era um espetáculo horrível. Nós, com a marmitta cheia, comendo calmamente, e a criançada com latas na mão, esperando os restos. Nos primeiros dias, quase todos nós pouco nos alimentávamos, para encher a pequenada de comida, doces, etc. Mais tarde, fomos nos habituando ao espetáculo da fome. Desgraça havia em toda parte, tornando-se uma coisa trivial; ninguém mais se preocupava com a garotada pedindo comida, que tinha que se contentar com os restos. Estávamos todos muito preocupados com os nossos problemas pessoais, para dar maior atenção aquele povo faminto que nos cercava. A guerra começava a nos lançar os seus venenos; íamos aos poucos nos brutalizando.¹⁵⁷

São estes tormentos, silêncios, alusões e metáforas¹⁵⁸ que estão presentes no imaginário de pessoas que estiveram nos angustiantes cenários beligerantes que assolaram o mundo durante o século XX. As recordações pessoais destes contemporâneos não estarão voltadas apenas para as informações de cunho generalista, rememorando as vitórias e apenas as datas de seus acontecimentos. Relembrar esses acontecimentos, de acordo com o relato de seus agentes históricos, traz à tona acontecimentos marcantes, como o barulho dos “roncos dos aviões, explosões, barulho de vidros quebrados, gritos de terror, choro de crianças. Assim também com os cheiros: dos explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado, registrados com precisão.”¹⁵⁹ Essa percepção exige um distanciamento da noção de que os

¹⁵⁵ MALATIAN, Op. Cit, p. 196-198, grifo nosso.

¹⁵⁶ EXÉRCITO BRASILEIRO. Op. Cit, s/p.

¹⁵⁷ SILVEIRA, Op. Cit., 1997, p. 38.

¹⁵⁸ POLLACK, Op. Cit., p. 8.

¹⁵⁹ POLLACK, Op. Cit., p. 11.

indivíduos têm ações semelhantes, destinando o nosso direcionamento para o estado psicológico individual acerca da perturbação vivida na guerra:

Outra atividade que merece ser mencionada é a das patrulhas e movimentos ofensivos executadas à noite, em terreno montanhoso e minado, coberto com neve, que foram fatores de grande desgaste emotivo. Ao cansaço físico somava-se o cansaço mental, produto de horas seguidas de tensão e expectativa, na qual os órgãos dos sentidos eram exigidos ao máximo e em circunstâncias em que uma imprecação ou descuido poderiam ter as mais imprevisíveis consequências. Compreendemos aí que o tempo de permanência do soldado na linha de frente seja, em geral, mais breve do que imaginamos, sendo entremeado de períodos mais ou menos prolongados de repouso na retaguarda imediata da linha de frente.¹⁶⁰

Esses apontamentos são verificados na formação do pertencimento do soldado ao seu coletivo, de acordo com as fontes históricas em análise. O medo da morte não passava despercebido e o desgaste emotivo pode ser visto com clareza nos relatos acima citados e também na pesquisa qualitativa nas correspondências apresentadas no próximo tópico. O repouso e as condições de alimentação, armamento e sono também não ajudavam o combatente a permanecer psicologicamente forte para as missões, portanto, evidenciamos que as consequências para essa instabilidade emocional não findariam com o término da campanha na Itália. Embora o tema sobre os relatos acerca dos traumas de guerra seja de suma importância, ficará de fora desse estudo.

2.2. Cartas censuradas: uma análise necessária

As fontes em destaque representam a atuação de moças como a senhorita (E. A. F.), sendo as chamadas “madrinhas” que, conforme vimos no capítulo I, incentivavam o moral dos militares que estavam na linha de frente. Em diálogo, as mesmas utilizavam frases de incentivos aos combatentes desmotivados. Isso se deve ao fato de que os mesmos estavam expostos à caótica situação de guerra, que ia da miséria da população local, à falta de saneamento nas trincheiras e ao rigoroso inverno. Após apresentadas e transcritas, elaboramos uma tabela com a descrição objetiva dessas fontes, seguindo a metodologia do estudo de cartas, respondendo às perguntas: “quem, quando, onde, como e por que uma carta é escrita?”¹⁶¹. Depois disso, desenvolveremos a explicação a partir do uso dessas cartas como fonte.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Dennison de. Poder militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: a experiência histórica da psiquiatria militar brasileira. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 35, 2001, p. 136, grifo nosso.

¹⁶¹ MALATIAN, Op. Cit., p. 204.

A publicação de coletâneas de cartas anotadas e comentadas vem crescendo como fenômeno editorial paralelo ao da oferta de biografias, iniciado na década de 1980. Uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, à revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos. (...) Os escritos autobiográficos abrem um grande campo de possibilidades para o historiador. Resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares. Trata-se de escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta.¹⁶²

Nesse panorama, também relatavam como estava o cotidiano daqueles que sentiam saudade de seu país de origem, muitas vezes detalhando alguns itens como o clima tropical ou o gosto da comida, para que os combatentes se sentissem ao menos, acolhidos. A análise das missivas, ora feita em contato com o material presencialmente, ora digitalizado por recursos próprios, destina-se a uma abordagem de cunho qualitativo de investigação.

As cartas encontradas estão quase em sua totalidade, em um papel amarelado em virtude do tempo, escritas à mão. Das cartas escritas pelos combatentes, foi verificado um leve movimento de tremulação das mãos ao realizarem a sua escrita, talvez por estarem entrincheirados próximos ao inimigo, passando as mais diversas situações de conflito e com suas necessidades básicas não supridas, conforme os dados destacados anteriormente.

No desenvolvimento dessa dissertação foram adquiridos recursos para a capacitação em novos métodos de estudo para a análise de fontes. Por esse motivo foi possível investir em um curso especializado em paleografia orientado pela Profa. Dra. Alícia Duhá Lose, da Universidade Federal da Bahia, que nos auxiliaram no aprendizado de um método para se analisar e transcrever as correspondências em questão.

Nas técnicas de paleografia, com o intuito de transcrever os presentes documentos, a expressão “*sic passim*” explica que o texto foi retirado, *ipsis literis* da carta original, de acordo com o português da época e seus respectivos erros de ortografia e/ou concordância. É orientado ao transcritor do documento a não interferir no seu processo de escrita.

Sobre as transcrições, informamos que de acordo com a metodologia aplicada pela filóloga nesse curso, tudo que é escrito deve ser próximo ao original. Então, se o missivista finaliza uma linha com uma palavra inteira ou separada, quem analisa a carta faz o mesmo, ao digitar – por esse motivo não aparenta estar no parágrafo “justificado” como as demais citações.

¹⁶² MALATIAN, Op. Cit., p. 195.

Outro ponto importante para explicar ao leitor sobre a transcrição das cartas é a expressão “(sic)”. De acordo com o material apresentado pela filóloga, significa que, mesmo sabendo que esse termo utilizado pelo missivista estaria errado, mantemos a fidelidade com a originalidade da fonte. Para finalizar esse tópico, utilizamos o símbolo “†” todas as vezes que não compreendemos o que o autor das cartas escreveu – pois não cabe a quem analisa a fonte “adivinhar” o que não pode ser identificado.

Para a análise dessas cartas que ainda não foram trabalhadas por historiadores ou outros estudiosos, sendo assim inéditas para o nosso estudo, foram necessárias essas técnicas, sobretudo de acordo com os termos grafados e o manuseio de documentos de época, com luvas e máscara de proteção – a mesma foi digitalizada sem a utilização de flash. Essas duas cartas foram selecionadas em um universo de cinco correspondências por apresentarem coerência com o tema em estudo, e por relatarem a experiência humana em seu sentir no cenário da guerra, representando assim a individualidade de seus sujeitos.

Pode-se falar que as cartas fazem parte de e expressam *habitus*, ou seja, comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade. Na individualidade, a coerência, a coesão, as ações e as relações facilmente inteligíveis não podem ser buscadas como regra metodológica. O historiador poderá selecionar momentos significativos, as conexões que dão coerência à vida de uma pessoa e, assim, construir uma continuidade de atos que são descontínuos, justapostos, imprevistos e aleatórios. Nesse universo aparentemente caótico da experiência humana, o *habitus*, enquanto disposições incorporadas para sentir, pensar e agir, permite o ordenamento e a unificação de práticas, ações, comportamentos e representações que convergem para a compreensão do eu, da identidade do sujeito, mas também de uma dada sociedade na qual o indivíduo se movimenta.¹⁶³

A verificação das cartas na Itália era feita de acordo com as perspectivas “operacional”, “política” e “ideológica”¹⁶⁴. A “operacional” era a primeira linha de triagem, tendo a finalidade de verificar se os combatentes estavam mostrando sua localização, a composição das tropas, o moral dos companheiros, o perfil dos comandantes e, principalmente, se estavam avançando ou retrocedendo perante o inimigo. A “política” era segunda linha de triagem, tendo a finalidade de verificar se os militares estavam comentando sobre a situação no tocante à condução das tratativas entre os combatentes e a população civil. Ainda, buscavam a identificação de possíveis crimes de guerra que prejudicariam a imagem do Brasil perante os demais países e críticas aos generais brasileiros na condução da guerra.

¹⁶³ MALATIAN, Op. Cit., p. 201.

¹⁶⁴ PEREIRA, Fabio da Silva. *As cartas dos ex-combatentes da FEB*, entrevista completa. Rio de Janeiro: Canal ArteCult, 27/07/2020.

Enfim, a “ideológica” era a terceira linha de triagem, e tinha a finalidade de verificar nessas cartas as possíveis críticas ao Estado Novo e a Getúlio Vargas.

Não podemos deixar de observar como o fator psicológico está diretamente relacionado à escrita de si. Conforme destacamos no Capítulo I, o indivíduo masculino da década de 1940 tinha a necessidade de expressar os seus sentimentos à figura feminina, sendo ela mãe, namorada, esposa ou, nesse caso, as madrinhas da LBA. Segundo a análise da psiquiatria militar na FEB de Oliveira¹⁶⁵, são muitos os fatores que possivelmente influenciavam a escrita que seria censurada pelo Serviço Postal. Dentre eles, destacamos o moral abalado, com desejo de fugir de um local de “horrores”, como na segunda carta; o sentimento de culpa por matar uma pessoa ou morrer; o isolamento nas trincheiras, como analisado na primeira carta; a distância e saudades de casa; a fadiga pela falta de repouso e de comida, o necessário contato com o amparo feminino e, sobretudo, a privação de sexo.

Outros sintomas associados aos traumas, estresses e esgotamentos típicos das atividades militares são o declínio geral da vida intelectual provavelmente relacionada à monotonia dos cenários. Tanto dentro quanto fora dos combates, é possível viver intenso desejo de fuga. Para aqueles diretamente envolvidos no combate, é recorrente o sentimento de culpa, por ter matado e ter que matar. No caso da FEB, foram observados também efeitos deletérios relacionados ao isolamento nos buracos de trincheira. Inúmeros distúrbios de diferentes durações tiveram como causa a má adaptação à dieta militar, a privação de alimentos. Igualmente perturbadores eram a falta de notícias de casa, a falta de repouso, com resultante fadiga crescente. Tanto as más notícias de casa (em especial no que se refere aos casados) quanto a privação sexual e de companhia feminina também tiveram efeitos sobre o equilíbrio emocional dos combatentes. A distância de casa deve ter sido ainda mais difícil de ser suportada por aqueles que padeciam de compreensão e convicção insuficientes quanto à necessidade de lutar.¹⁶⁶

A carta censurada do missivista (S. M. S.), então graduado cabo da FEB com endereço postal destinado ao 303 FEB, ou seja, o III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, segue com seu texto na íntegra, sem correções gramaticais, de concordância ou de acentuação atuais. O leitor pode perceber que destacamos com negrito as partes mais relevantes para esse estudo, sem alteração em sua mensagem original.

¹⁶⁵ OLIVEIRA, Op. Cit., 2001, s/p.

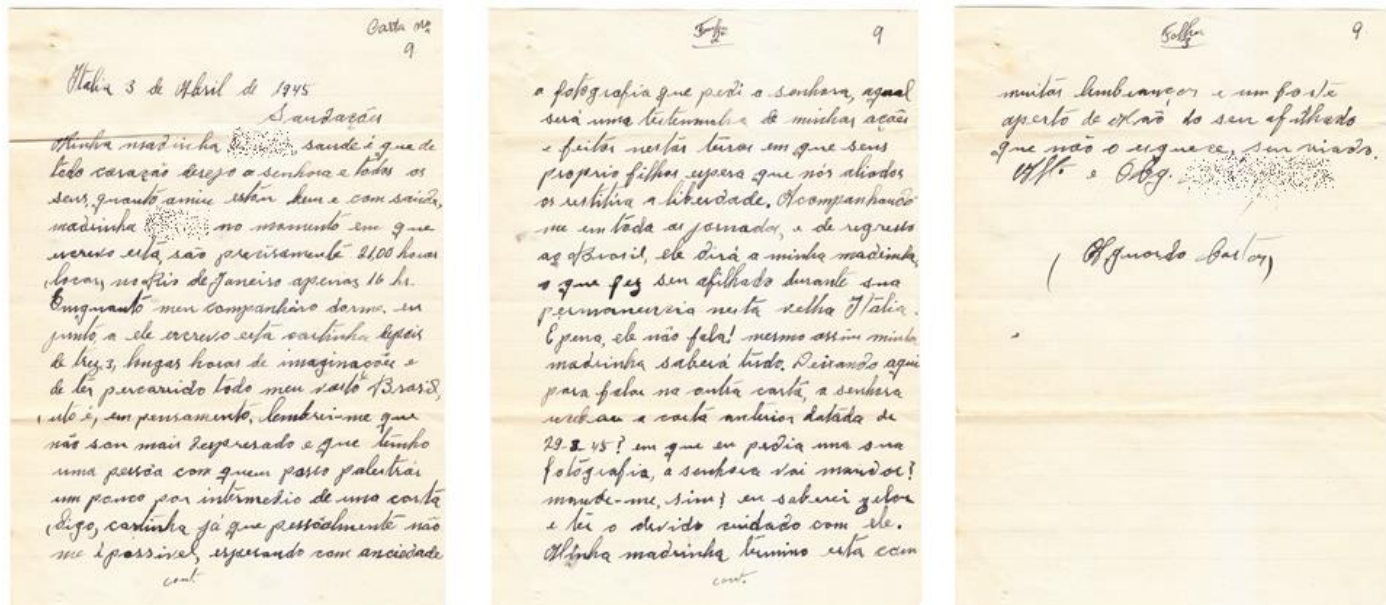
¹⁶⁶ OLIVEIRA, Op. Cit., 2001, p. 141.

Figura 6- Envelope da carta censurada de (S. M. S.), 3 de abril de 1945



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2022.

Figura 7- Carta censurada de (S. M. S.), 3 de abril de 1945.



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2022.

Transcrição:

Carta Censurada em 09 de abril de 1945

Remetente: (S. M. S.) 303 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Postada na Itália, em 07 de abril de 1945.

[Folha 1]

(L1) Itália, 3 de abril de 1945

Saudações

Minha madrinha (E.), saude [sic] é que de todo coração desejo a senhora e todos os

(L5) seus, quanto amim [sic] estou bem e com saúde, madrinha E. no momento em que

escrevo esta, são precisamente 2100 horas (local) no Rio de Janeiro apenas 16hs. **Enquanto meu companheiro dorme**, eu (L10) junto a ele escrevo esta cartinha depois **de treze longas horas** de imaginações e de ter percorrido todo meu vasto Brasil, isto é, em pensamento, lembrei-me que **não sou mais despresado** [sic] e que tenho (L15) uma pessoa com quem posso palestrar um pouco por intermedio de uma carta digo, cartinha já que pessoalmente não me é possível, **esperando com aciedade** [sic] cont.

(L1) [Folha 2]
a fotografia que pedi a senhora, aqual [sic] será uma testemunha de minhas ações e feitos nestas terras em que seus (L5) próprios [sic] filhos espera que **nós aliados os restituira** [sic] **a liberdade**. Acompanhando me em toda as jornadas, e de regresso ao Brasil, ela dirá a minha madrinha. o que fez seu afilhado durante sua (L10) permanencia [sic] nesta velha Itália. E pena, ela não fala! Mesmo assim **minha madrinha saberá tudo. Deixando aqui para falar na outra carta, a senhora recebeu a carta anterior datada de** (L15) **29-3-45?** em que eu pedia uma sua fotografia, a senhora vai mandar? mande-me sim! Eu saberei zelar e ter o devido cuidado com ela. Minha madrinha termino esta com cont.

(L1) [Folha 3]
Muitas lembranças e um forte aperto de mão do seu afilhado que não a esquece, [†]
(L5) Ass. Obg. S.
(Aguardo cartas) ¹⁶⁷

A carta acima carece de algumas explicações acerca de sua censura. Primeiramente, na linha nove (L9) da folha 1, destacamos que o militar escreve “meu companheiro dorme” e na linha treze (L13) ele explica ter ficado “treze longas horas” pensando no Brasil. Isso significa que possivelmente estavam entrincheirados durante a noite e que (S. M. S.) estava buscando refúgio em falar sobre os seus sentimentos com a figura feminina. Sobre isso, destacamos

¹⁶⁷ Carta Censurada em 09 de abril de 1945. Remetente: (S. M. S.) 303 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Escrita na Itália em 03 de abril de 1945, postada em 07 de abril de 1945. Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção RJ, 2022, *sic passim*, grifo nosso.

também o fato de que em alguns pontos da carta, além de um leve movimento de tremulação da escrita, algumas palavras tiveram letras da sua estrutura esquecidas, ou seja, o remetente já apresentava sinais de fadiga. Isso é perceptível pois, levando em consideração a escrita do restante da missiva, ao se tratar de um português formal, identificamos que esse fator pode ter acontecido por cansaço excessivo, declínio da vida intelectual, ou pressa na escrita por estarem cumprindo uma ronda noturna.

De suma importância são as linhas de doze a quinze (L12 a L15) da folha 2, na qual o expedicionário pergunta sobre uma outra carta de 29 de março de 1945. Segundo o caderno de instruções do Serviço Postal citado no capítulo anterior, é possível afirmar que esses formatos de data (como o exemplo: 29-3-45) poderiam também ser considerados como códigos cifrados para o ataque em alguma região, como se fossem coordenadas utilizadas por espões – que os próprios censores seriam responsáveis perante à nação por negligenciar essa informação.

Passa a ser assim a hipótese mais plausível de que a carta tenha sido censurada em sua totalidade porque o missivista perguntou de uma outra correspondência, censurada anteriormente e que não chegou ao seu destinatário. Destacamos ainda que os responsáveis pelo acervo da Associação Nacional de Ex-Combatentes do Rio de Janeiro não sabem se essas cartas chegaram aos seus destinatários, pois estavam em uma caixa com outros documentos sem identificação. O que acreditamos é que essas correspondências tenham ficado retidas no Correio Coletor Sul e, findada a guerra e desmobilizada a FEB, tenham sido entregues aos cuidados do arquivo da Associação.¹⁶⁸

Esse fator é indicado por uma linearidade de fatos. Indicamos que, desmobilizada a FEB em 06 de julho de 1945¹⁶⁹ e o seu respectivo Serviço Postal no Correio Coletor Sul; findada a Segunda Guerra Mundial em 02 de setembro de 1945; criada a Associação no RJ em 01 de outubro de 1945; e extinguido o aparato de censura com o fim do Estado Novo em 29 de outubro de 1945; essas cartas tenham sido concedidas aos responsáveis pela Associação na época, para serem entregues para os seus respectivos destinatários.

Na análise da próxima carta censurada, em destaque a seguir, é possível entender que as vitórias nas batalhas de Monte Castello (21 de fevereiro de 1945), Castelnuovo (05 de

¹⁶⁸ “Em 1º de outubro de 1945 foi fundada no Rio de Janeiro a primeira associação de ex-combatentes do Brasil.” FERRAZ, Francisco César Alves. Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira. in CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 378.

¹⁶⁹ ALVES, Vágner Camilo. Armas e Política: o Exército e a constituição da Força Expedicionária Brasileira. *30º Encontro Anual da ANPOCS*, 24 a 28 de outubro de 2006, p. 20.

março de 1945), Montese (17 de abril de 1945) e Fornovo di Taro (29 de abril de 1945) já tinham sido celebradas.

Acredita-se que o militar que escreveu a carta tenha se referido à rendição da Alemanha à FEB (30 de abril de 1945) ou à rendição total da Alemanha nazista, ou Dia da Vitória (8 de maio de 1945), pois foi escrita em 19 de maio de 1945. Conforme enumerado anteriormente, a FEB sofreu uma dissolução formal ainda em solo italiano em 06 de julho de 1945 – pelo Ministro da Guerra, o general Enrico Gaspar Dutra – mas a guerra persistiu até 02 de setembro de 1945, após a rendição do Japão, em resposta às bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki.

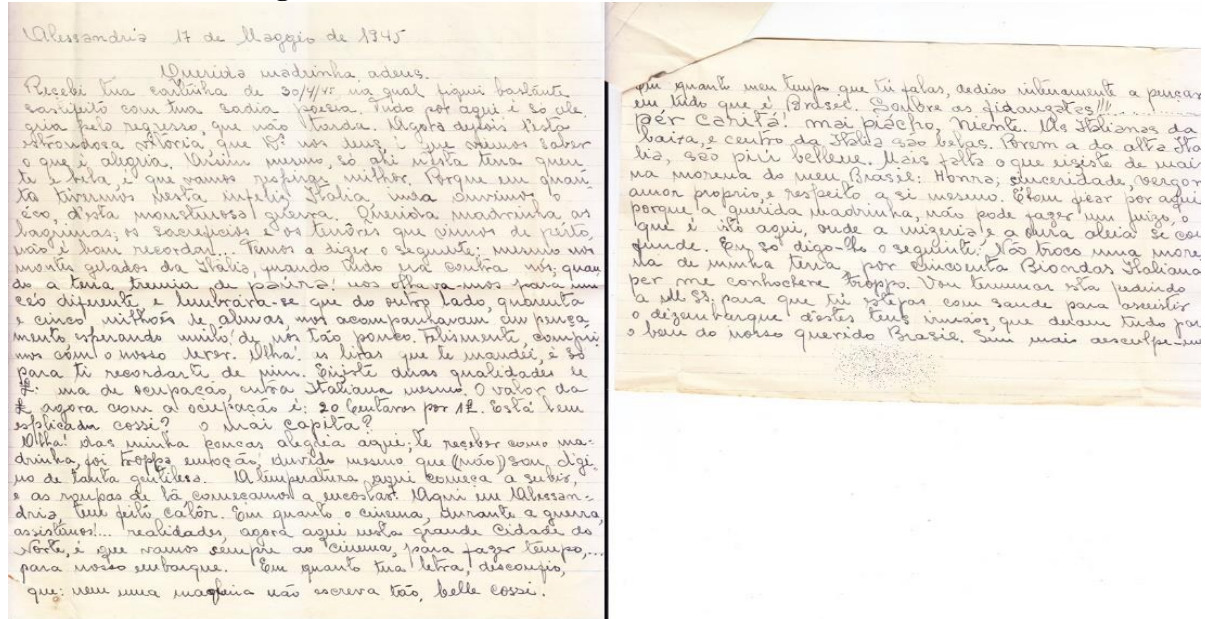
De acordo com os estudos apresentados, a carta tinha como endereço do remetente a Banda de Música da FEB na Itália, ou seja, o endereço postal 257 FEB. Possivelmente, a carta tenha sido censurada pelo Serviço Postal por falar de supostos embarque e desembarque da tropa, bem como da alegria pelo regresso ao Brasil.

Figura 8- Envelope da carta censurada de (J. R. S.), 19 de maio de 1945.



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2022.

Figura 9- Carta censurada de (J. R. S.), 19 de maio de 1945.



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2022.

Transcrição:

Carta Censurada em 19 de maio de 1945

Remetente: (J. R. S.) 257 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Postada em Alessandria, 17 de maio de 1945.

[Folha 1]

(L1) Alessandria, 17 de maggio de 1945

Querida madrinha, adeus.

Recebi tua cartinha de 30/4/45 na qual fiquei bastante satisfeito com tua sadia poesia. Tudo por aqui é só alegria pelo regresso, que não tarda. Agora depois d'esta estrondosa vitória [8 de maio], que D° nos deus [Deus nos deu], é que viemos saber o que é alegria. Assim mesmo, só ahí [sic] nesta terra quente e bela, é que vamos respirar melhor [sic]. **Porque em quanto [sic] tivermos nesta infeliz Italia, imda ouvimos o (L10) éco, d'esta monstruosa guerra. Querida madrinha as lagrimas; os sacrefícios [sic] e os terrôres que vimos de péрто, não é bom recordar... Temos a dizer o seguinte: mesmo nos montes gelados da Itália, quando tudo era contra nós; quando a terra tremia de paúra! [sic] nos olhava-mos para um (L15) céo diferente e lembrava-se [sic] que do outro lado, quarenta e cinco milhões de almas, nos acompanhavam em pençamento [sic] esperando [†] de nós tão pouco. Felismente, compri-mos com o nosso dever. Olha! as liras [moedas italianas] que te mandei, é só para ti recordarte de mim. Existe duas qualidades de (L20) [símbolo da lira]: [uma] de ocupação, outra Italiana mesmo. O valor da [símbolo da lira] agora con a ocupação é: 20 centavos por 1 [símbolo da lira]. Está bem**

Esplicada *coffi*? O mai capita?

Olha! das minha poucas alegria aqui, te receber como madrinha, foi [†] emoção, duvido mesmo que ((não)) sou digi-
(L25) no de tanta gentileza [sic]. A temperatura aqui começa a subir, e as roupas de lã começamos a encostar. Aqui em Alessandria, tem feito calôr. Em quanto o cinema, durante a guerra, assistimos!... realidades, agora aqui nesta grande Cidade do Norte é que vamos sempre ao cinema, para fazer tempo,...

(L30) **para nosso embarque.** Em quanto tua letra, desconfio, que: nem uma [†] não escreva tão, belle *coffi*.

[Folha 2]

Em quanto meu tempo que tú falas, dedico inteiramente a pensar Em tudo que é Brasil. Soubre as fidaugatas!!!... [sic]

Pér caritá! Mai piácho, niente [sic]. As Italianas da

(L35) baita, e centro da Itália são belas. Porem a da alta Itália, são piú belleue [sic]. Mais falta o que eisiste [sic] de mais na morena do meu Brasil: Honra, cinceridade [sic], vergonha, amor proprio, e respeito a si mesmo. [†] ficar oir aqui

porque a querida Madrinha, não pode fazer um juízo, o

(L40) **que é isto aqui, onde a miséria e a aura aleia se con-**

funde. Eu so digo-lhe o seguinte: Não troco uma more-

na de minha terra por cincoenta Biondas Italiana,

per me conhocene troppo [sic]. **Vou terminar esta pedindo**

a [†] para que tú estejas com saude para assistir

(L45) **o dizembarque d'estes teus irmãos, que deram tudo para**

o bem do nosso querido Brasil. Sem mais desculpe-me...

J. R. S.¹⁷⁰

Sobre os fatores psicológicos da supracitada correspondência, destacamos a fadiga causada pelo conflito. Na Folha 1, das linhas de oito a doze (L8-L12), passamos a imaginar os “horrores” que olhos de um militar viram “de perto”, que de maneira justificável, ele diz: “nessa infeliz Itália” o “eco dessa monstruosa guerra” – muito embora fosse um expedicionário músico, o que nos leva a crer que ele estava contando para a madrinha o que ouviu dos demais amigos na retaguarda.

Já na Folha 2, nas linhas de trinta e nove a quarenta e um (L39-41), ele enfim desabafa com a madrinha, comparando a “miséria e a aura alheia que se confundem”. Esse tipo de relato é esperado, pois o “testemunho legado em livros e diários sobre a experiência do serviço militar em tempo de guerra e, em particular, sobre a exposição ao combate, é sempre de enorme valor para o processo de compreensão das formas pelas quais é exercida e sofrida a violência no campo de batalha.”¹⁷¹

¹⁷⁰ Carta Censurada em 19 de maio de 1945. Remetente: (J. R. S.) 257 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Escrita e postada em Alessandria, 17 de maio de 1945. Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção RJ, 2022, *sic passim*, grifo nosso.

¹⁷¹ OLIVEIRA, Op. Cit., 2001, p. 124.

Acerca da censura da missiva, destacamos que seu teor foi possivelmente censurado em totalidade, pois a carta está escrita no modelo frente e verso, não sendo permitido os cortes a tesoura sem o dano à carta em sua totalidade. Além disso, tinham informações que poderiam colaborar com as investidas de um inimigo, representando instabilidade à segurança do coletivo. Ainda, as linhas de quarenta e três a quarenta e seis (L43-46) da Folha 2, relatam a informação de um possível desembarque da FEB e do supracitado moral abalado dos combatentes. Essa segunda carta possivelmente, assim como a primeira, deveria ter sido escrita por integrantes do Regimento Sampaio, ou seja, o 1º Regimento de Infantaria (1º RI), com sede no Rio de Janeiro.

Por fim, após a análise das missivas como objeto desse capítulo, observamos que existe a expressão da individualidade desses agentes históricos, sobretudo no que diz respeito aos seus sentimentos e percepções do contato proporcionado com situações de extrema instabilidade psicológica.

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais.¹⁷²

A censura postal militar, atentando-se para que as posições estratégicas não fossem reveladas, contribuiu para as conquistas da 1ª DIE na Itália contra o avanço das tropas inimigas. Em se tratando da vida particular desses indivíduos, nenhum deles gostaria de saber do fato que suas correspondências tinham sido censuradas já que, como relata um deles, que dirigia um dos veículos que transportava as entregas à linha de frente: “quando havia cartas, eu vinha buzinando desde longe. Era a nossa única alegria”.¹⁷³

A constituição do comportamento humano está atrelada às questões psicológicas do indivíduo e sua representatividade coletiva. Buscamos, assim, deixar de lado o enaltecimento dos fatos de grandes heróis e dar voz, no nosso caso a partir da escrita, ao homem comum. Enfim, nesse capítulo buscamos dar vez às cartas censuradas de (S. M. S.) e (J. R. S.), os ex-combatentes que viveram a guerra.

O objetivo dessa análise, tanto na consulta aos trabalhos anteriores quanto no acesso às fontes em destaque, é entender a forma como os expedicionários relatavam seu cotidiano e suas experiências na guerra, com o estudo de seus traumas, seus sentimentos e o impacto em seu psicológico.

¹⁷² MALATIAN, Op. Cit., p. 204.

¹⁷³ SILVEIRA, Op. Cit., 1997, p. 57.

Destaca-se que os combatentes (S. M. S) e (J. R. S.), demonstram um discurso patriótico incomum para os relatos de outros expedicionários, todavia, entendemos que eles poderiam estar se valendo da autocensura para que suas correspondências fossem aprovadas pelo Serviço Postal e rapidamente entregues sem cortes à madrinha que se correspondiam. Ou seja, retomamos a ideia de burlar a censura, conforme vimos nos tópicos anteriores. Nesse período, esses missivistas já poderiam estar informados de como o Serviço Postal atuava e como poderia censurar suas cartas, e então escreveram suas cartas de modo que a sua madrinha (E. A. F.) continuasse a se corresponder com eles.

Os militares relataram os horrores que viram de perto e apresentavam sinais de fadiga, tanto na sua escrita, quanto no desabafo de estarem ansiosos para retornar ao Brasil. Não sabemos ao certo qual era o nível de escolaridade desses combatentes. Possivelmente, poderiam saber ler e escrever, ou talvez tenham pedido para alguma enfermeira escrever o que queriam dizer à madrinha que se correspondiam, embora não tenhamos encontrado nenhum estudo que estabelecesse essa comprovação. Ainda assim, as cartas apresentam uma boa expressão de ideias, utilizam um bom português da época e concatenam bem os contextos.

Como são apenas duas cartas sendo apresentadas nesse estudo, não temos como, nesse momento, afirmar que todos os expedicionários tinham um bom grau de escolaridade. Alguns trechos revelam que esses indivíduos aguardavam o seu reconhecimento perante à sociedade da época, fato este que se provou ser impossível, já que decreto da desmobilização relâmpago decretou o fim da FEB ainda na Itália. Depois de findada a guerra, os expedicionários foram deixados de lado:

À medida que os anos passavam, as homenagens e glórias eram esquecidas, o entusiasmo popular decrescia e muitas pessoas começaram a mostrar desinteresse pelas “histórias de guerra”. Quando havia curiosidade sobre a vida cotidiana no *front*, esta revelava mais a desconfiança sobre a “vida boa” em que supostamente os combatentes viviam do que a crença de que tivessem vivenciado momentos tensos ou dolorosos. “Voltaram até mais gordos! Devem ter é ficado na sombra e água fresca!”, começavam a dizer alguns populares.¹⁷⁴

O incentivo para a escrita de correspondências era salutar para manter o moral elevado, pois “ninguém em ânimo rebaixado e temeroso será capaz de sacrificar-se pelo interesse coletivo.”¹⁷⁵ Após a guerra, destacamos o fato da imagem da FEB ter sido desconstruída, por um apagamento intencional sendo parte de um projeto institucional e político¹⁷⁶. Destacamos que os ex-combatentes foram constantemente desvalorizados pela sociedade civil da época, gerando impactos de maus tratos a estes por longos anos.

¹⁷⁴ FERRAZ, Op. Cit., 2004, p. 133.

¹⁷⁵ RODRIGUES, Op. Cit., 2010, p. 134.

¹⁷⁶ FERRAZ, Op. Cit., 2004, p. 138.

Capítulo III:

Os ecos da batalha: as cartas do aspirante José Jerônimo de Mesquita

O último capítulo dessa pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória de um combatente da FEB. Neto e bisneto de Barões do Império, o aspirante José Jerônimo de Mesquita foi o primeiro oficial a morrer em campo de batalha no Vale do Rio Serchio, norte da Itália. Para o destaque de sua relevância perante os seus companheiros, evidenciamos a dedicatória no livro de depoimentos dos oficiais da reserva, evidenciando o nome de José Jerônimo em primeiro lugar.¹⁷⁷

A biografia sobre o aspirante, os ritos e cerimônias a ele dedicados, quase 80 anos após o evento, ainda são escassos. As cartas analisadas revelam o perfil de um jovem idealista que seguiu para a guerra, face às perspectivas traçadas pela profissão ao qual se formou. A educação militar da reserva sofreu, no período, uma profunda transformação no Brasil – fato esse que permitiu José Jerônimo participar do Grupamento Tático.

3.1. Motivações para o estudo da vida do aspirante

A trajetória de José Jerônimo, voluntário FEB, se finda aos vinte anos incompletos. O gênero biográfico, embora não tenha sido a ênfase desse estudo de forma geral, nos oferece a possibilidade de identificar o papel desse indivíduo histórico na construção dos seus respectivos laços sociais. As cartas de José Jerônimo, são exemplares da historicidade no que diz respeito à sua experiência individual. Revelam, para além do combatente capaz de enfrentar os horrores da guerra, a jovialidade do estudante de arquitetura, nascido e criado na Praia de Icaraí, em Niterói.

As inúmeras biografias de militares e políticos são construídas através da documentação governamental disponível para análise dos conteúdos e decisões sob o ponto de vista estratégico. Contudo, as impressões diárias trocadas entre pessoas comuns são um dilema para quem preserva as memórias vividas de acordo com o ambiente da maior tensão que a humanidade já experimentou. O assunto ainda mobiliza pessoas e cidades inteiras ao redor do globo.

¹⁷⁷ *Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB*. Ipê: Instituto Progresso Editorial S. A. São Paulo, 1949, dedicatória.

A título de exemplo, as cartas de soldados soviéticos que combateram durante a Segunda Guerra Mundial começaram a chegar a seus familiares quase 80 anos depois de enviadas, declarou a vice-presidente Svetlana Kolodkina, em Chebarkul, no sul da Rússia:

As mensagens foram encontradas na sede de um correio a ser fechado. No pacote havia 75 cartas enviadas em 1943. Decidimos procurar os familiares dos soldados. Criamos um grupo chamado 'Carta dos 43' na rede social, e publicamos a lista de endereços. Atualmente, já foram encontradas 10 famílias que reconheceram seus familiares na lista. Hoje mesmo, duas pessoas ligaram e disseram que são seus bisavôs, e querem vir buscar a carta, indicou.¹⁷⁸

Em paralelo, existem publicações de cartas e diários de militares do Exército brasileiro e da Força Aérea brasileira. Pelos combatentes do Exército, foram publicados os trechos de cartas e telegramas¹⁷⁹; uma passagem sobre as impressões das cartas e telegramas pelo correspondente de guerra Rubem Braga¹⁸⁰; as observações de um sargento da artilharia de origem ucraniana¹⁸¹. Podemos considerar, também que as obras retratam “um traço econômico e tenso, que caracteriza seus desenhos dos anos da FEB, e o olhar às coisas simples, cotidianas, feitas pelos homens”¹⁸². Por parte da FAB, foram publicados, pela C&R editora, quatro volumes sobre memórias de pilotos ao redor do mundo. No Brasil, foram lançados os livros¹⁸³, um diário de um piloto de caça¹⁸⁴, e estudos sobre as cartas de um piloto de caça¹⁸⁵.

A logística, a mobilização dos homens e das correspondências foram objetivo de consideração aos fatores morais dos envolvidos. O ponto principal foi elevar o moral das tropas e dos civis em esforço de guerra, para que o lado de quem escreve e de quem lê funcionem assim em sinergia. A falta de comunicação, por cartas ou telegramas, implicou em sérias consequências para as pessoas que não receberam a notícia esperada. “Chegou correio” é uma frase que mobiliza mais gente que qualquer ordem de general aliado ou inimigo.¹⁸⁶

Escolhemos fazer a análise através das cartas do aspirante a oficial José Jerônimo de Mesquita (1923-1944), para entender a sua rápida trajetória entre a vida civil, a mobilização e a atuação na linha de frente na primeira fase da FEB.

¹⁷⁸ RECORD. *Cartas da 2ª Guerra chegam a parentes de soldados após 80 anos*, 2019, s/p.

¹⁷⁹ VIDAL, Paulo. *Heróis esquecidos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1960.

¹⁸⁰ BRAGA, Op. Cit., s/p.

¹⁸¹ SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

¹⁸² SCLIAR, Carlos. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020.

¹⁸³ LIMA, Rui Moreira. *Senta a púa!* Rio de Janeiro: BiBliEx, 1980.

¹⁸⁴ RAMOS, Roberto Pessoa. *Diário de guerra de um piloto de caça*. Rio de Janeiro: Adler Books, 2006.

¹⁸⁵ PIRES, Op. Cit., s/p.

¹⁸⁶ BRAGA, Op. Cit., p. 55.

O tenente Mesquita, como é normalmente conhecido e citado, viveu quase 20 anos. Na verdade, o então aspirante foi promovido por bravura *post mortem* mediante decreto em 3 de fevereiro de 1945¹⁸⁷. Iniciou sua vida como militar temporário em 1943, como aluno do Núcleo de Preparação dos Oficiais da Reserva (NPOR). As cartas estão publicadas em um pequeno livro¹⁸⁸, fato que elimina restrições sob o ponto de vista legal quanto à privacidade e à propriedade. Os relatos escritos e desenhados por José Jerônimo adornaram detalhes técnicos castrenses além de se ater à vida privada e do cotidiano desde a sua chegada à Nápoles, até o Vale do Rio Serchio, em outubro de 1944.

O estudo envolveu as ações da vida de José Jerônimo no alistamento, no voluntariado para ser combatente e as ações realizadas por ele na Itália. Certos de que a publicação das cartas pode conter edições por amigos e familiares, a análise contemplou a ideia de seleção dos momentos que estes gostariam que fossem destacados na experiência do aspirante com os leitores.

3.2. A vida e o alistamento de José Jerônimo de Mesquita

O estudo foi composto por uma análise documental para estruturar parte da genealogia do aspirante José Jerônimo de Mesquita, bem como pela busca dos arquivos nas seguintes unidades do Exército brasileiro: Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do Rio de Janeiro, sítio onde está parte do acervo documental do aspirante José Jerônimo de Mesquita; Arquivo Histórico do Exército, local onde está disponível o acervo das unidades extintas da força terrestre, entre as quais se destaca o 3º Regimento de Infantaria e o quartel que abrigou o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), cuja sede era em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Foram localizados documentos na Associação dos Oficiais da Reserva do Exército, na Associação dos Ex-Combatentes da FEB – RJ e nos jornais das décadas de 1940, 1950 e 1960, os últimos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. São analisados os relatórios da Seção de Base Peninsular do Exército dos Estados Unidos da América, responsável pelo transporte e suprimento das tropas brasileiras em solo italiano. O ambiente que José Jerônimo estava inserido antes do contato com as forças armadas passou por rápidas transformações, como foi visto nos capítulos anteriores.

¹⁸⁷ CORREIO DA MANHÃ. *Decretos nas pastas da Guerra e de Marinha*. Distrito Federal: Correio da manhã, 3 fev. 1945, p. 12

¹⁸⁸ JOPPERT, Flavio. *Vozes & ecos: cartas de guerra transcritas*. Niterói: Flávio Joppert, 2011.

As negociações sobre o posicionamento geopolítico estavam a todo vapor. Germanófilos e americanófilos disputavam o interesse brasileiro em aliar-se aos propósitos políticos e à doutrina militar:

O general Góes Monteiro visitou os EUA em junho de 1939, priorizando a ida ao vizinho americano em detrimento a convites idênticos feitos pelos governos do Eixo. Apesar disso, parte da imprensa norte-americana deu-lhe a alcunha de germanófilo — um eufemismo para nazista — pelo fato de não ter concordado com os planos militares norte-americanos em território brasileiro.¹⁸⁹

Em 1940, ano que as “tensões internas atingiram o seu ápice, por ameaças integralistas e da *quinta coluna*, deixavam o governo de Vargas com a atenção voltada a prevenir golpes de estado”¹⁹⁰. Como resultado, a aliança do Brasil com os Estados Unidos ainda estava incerta até a declaração de guerra ao Eixo, em 22 de agosto de 1942. A proposta brasileira “estava centrada na construção da usina siderúrgica de Volta Redonda e do equipamento das forças armadas, mediante um contrato de arrendamento (*Lend Lease act*), o qual indenizaria 35% do custo total”¹⁹¹. Os EUA poderiam assim organizar um grupamento no saliente nordestino, sobretudo em Natal, e adquirir insumos para a indústria de guerra norte-americana. Em junho de 1941, as autoridades norte-americanas sondaram o governo brasileiro no sentido de obter seu consentimento para o envio de tropas ao nordeste brasileiro:

A essa altura, Roosevelt jogava com a hipótese de um ataque alemão ao hemisfério através de Natal. Dutra mostrou-se contrário à proposta, concordando apenas com a vinda de oficiais norte-americanos para a formação da Comissão Mista Brasil-EUA. Aranha endossou a opinião de Góis Monteiro de que a proposta norte-americana acarretaria a queda de qualquer governo.¹⁹²

A sequência de afundamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães contribuiu para acelerar o alinhamento político Brasil-EUA. O Brasil se comprometeu a ajudar a defender o território americano e a autorizar seu uso por outros países do continente e ainda a organizar a defesa da costa brasileira. Os EUA se comprometeram em empregar suas tropas em defesa do Brasil e auxiliar o país com armamentos.

O Rio de Janeiro, enquanto capital federal, acompanhou atentamente o desenrolar dos acontecimentos. “Os cariocas, em especial os estudantes, não pouparam esforços para definir uma opinião contrária ao Eixo”¹⁹³. Até que afinal “Ernani do Amaral Peixoto, interventor do

¹⁸⁹ PEREIRA, Durval Lourenço. Os "germanófilos". In: *Operação Brasil: O Ataque Alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 77.

¹⁹⁰ MCCANN, Op. Cit., p. 197.

¹⁹¹ MCCANN, Op. Cit., p. 212.

¹⁹² BRANDI, Paulo. *Getúlio Dornelles Vargas* (verbete). Rio de Janeiro: CPDOC, s/d.

¹⁹³ MCCANN, Op. Cit., p. 202.

Estado do Rio de Janeiro, promoveu uma forte manifestação pró-aliados em Niterói, em 29 de junho de 1942 e determinado prender agentes do Eixo e silenciar as estações de rádio”¹⁹⁴. Dentre esses estudantes supracitados de Niterói, estava o José Jerônimo de Mesquita. Nascido em 22 de novembro de 1923, “José era descrito como um rapaz alegre, físico atlético, medindo cerca de 1,88m de altura, e de uma linhagem bastante distinta”¹⁹⁵.

Figura 10- José Jerônimo de Mesquita



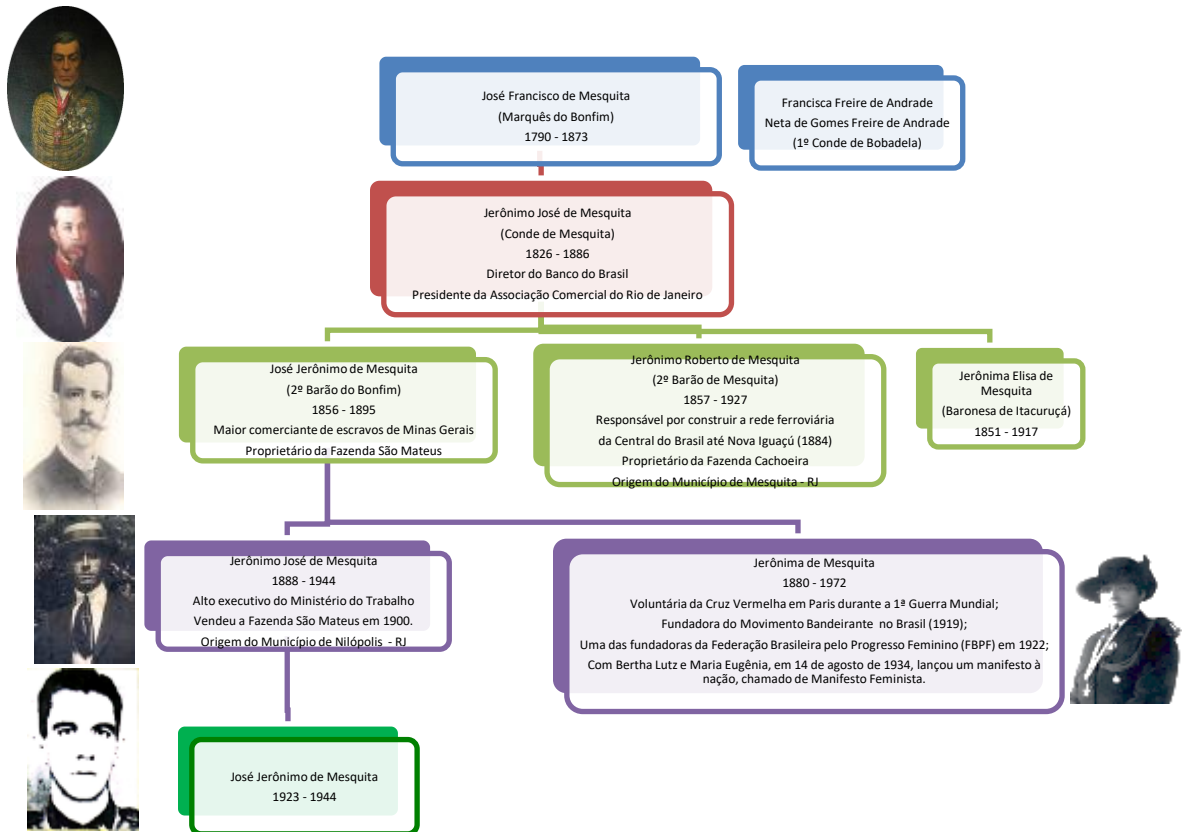
Fonte: acervo da família Mesquita.

Filho primogênito de Maria Luiza Avé Precht e Jerônimo de Mesquita, a tradição familiar remonta, pelo lado materno, às artes e às letras, e pelo lado paterno, à formação do Império do Brasil. Trineto do Marquês do Bonfim (1790-1873), era descendente das seguintes personalidades públicas, conforme figura a seguir:

Figura 11- Genealogia da família Mesquita

¹⁹⁴ MCCANN, Op. Cit., p. 224.

¹⁹⁵ VIDAL, Op. Cit., p. 130.



Fontes: acervo da família Mesquita, Nogueira¹⁹⁶, Geni¹⁹⁷.

José Jerônimo de Mesquita alistou-se em 1941, na cidade de Niterói. Ele foi aluno do curso superior de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes¹⁹⁸ e, por esse motivo, poderia ser direcionado ao Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR). Apesar de ter sido idealizada em 1921 por um decreto próprio, o CPOR só foi autorizado formalmente pelo Exército brasileiro em 1927¹⁹⁹. O Centro destina, até os dias atuais, a reserva mobilizável dos oficiais subalternos (tenente) do EB. A formação curricular até o ano de 1941 era de até três anos, conforme o Regulamento para a admissão no corpo de oficiais da reserva:

Art. 2º - O centro será constituído de cursos de instrução das armas de Infantaria Cavalaria e Artilharia; distribuído o ensino por 3 anos em períodos de 4 meses no mínimo, e de modo abranger sucessivamente as escolas de soldado de graduado cabos e sargentos e de Comandante de pelotão.

§1º - O início dos trabalhos em cada ano coincidirá aproximadamente com o do ano letivo acadêmico, sendo os exames relativos a cada período realizado de modo a se conciliarem as exigências do curso militar com as escolares.

¹⁹⁶ NOGUEIRA, Natânia. *30 de abril é o Dia Nacional da Mulher, em homenagem à leopoldinense Jerônima Mesquita*. Leopoldina: Radio Jornal, 2019.

¹⁹⁷ GENI, *Family tree and family history*. Disponível em: <https://www.geni.com/>

¹⁹⁸ “O CPOR é destinado a formar candidatos a oficial da 2ª classe da reserva do Exército, entre os alunos e titulados das escolas superiores da Capital Federal.” BRASIL. Ministério da Guerra. Exército Brasileiro. *Boletim do Exército n° 377*, de 25 de abril de 1927. Rio de Janeiro: CPOR/RJ, 1927, s/p.

¹⁹⁹ BRASIL. Ministério da Guerra. Op Cit., 1927, s/p.

Art. 3º - Os candidatos aprovados no curso de Comandante de pelotão receberão respectivo certificado e serão considerados aptos para o estágio de três meses em um corpo da respectiva arma.²⁰⁰

O currículo escolar sofreu mudanças por ocasião dos esforços de guerra. Em 1942, a habilitação de um oficial da reserva passou para apenas um ano. Foram criados NPOR para as localidades que conseguiam matricular, no mínimo, 10 alunos. Nesse mesmo ano, Vargas decretou a possibilidade de reversão ao serviço ativo aos militares formados nos CPOR e NPOR²⁰¹. O voluntário José Jerônimo foi matriculado no NPOR, localizado no anexo do 3º Regimento de Infantaria (3º RI), na cidade de São Gonçalo, em 1943. O aspirante realizou o curso normalmente, conciliando as atividades castrenses com os estudos na Escola Nacional de Belas Artes.

Figura 12- Foto do aspirante Mesquita e cópia da identificação militar



Fonte: acervo da família Mesquita.

Ao final do curso, “o aspirante Mesquita foi considerado indispensável à instrução dos soldados no Núcleo – mercê dos seus conhecimentos especializados principalmente de desenho de armas modernas”²⁰². Concluiu a formação de oficial da reserva da arma de Infantaria em dezembro de 1943. Embora tivesse o pendor e a habilidade para o desenho técnico, José Jerônimo imediatamente pleiteou sua inclusão como voluntário para ir à guerra. A diretriz de mobilização contemplou o 3º RI somente com um pelotão de polícia militar²⁰³.

²⁰⁰ BRASIL. Ministério da Guerra. Op. Cit., 1927, s/p.

²⁰¹ BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto 9.403*, de 18 de maio de 1942.

²⁰² DIÁRIO DA NOITE. *Notas e informações militares*: Oficiais convocados. Distrito Federal: Diário da Noite, 6 de maio de 1944, p. 16.

²⁰³ “Em 5 de fevereiro de 1944, através do Boletim Reservado do Exército nº 188 - Especial, foi definida a primeira composição do Pelotão de Polícia Militar, semelhante à *Military Platoon Police* norte-americana.”

Além do aspirante Mesquita, outros oficiais do regimento também desejavam integrar a FEB, como o aspirante Lúcio Marçal Ferreira, amigo inseparável que o acompanhou em todas as etapas da formação. No decorrer da mobilização, contudo, os critérios foram modificados. A prioridade da convocação de oficiais de carreira alterou-se para a convocação expressiva de oficiais da reserva para os postos de oficiais subalternos, representando, “naqueles postos de aspirante, segundo e primeiro tenente 27% dos regimentos de Infantaria”²⁰⁴. O procedimento de convocação individual e voluntariado apenas nas 1ª, 2ª, 4ª e 9ª Regiões Militares²⁰⁵ “passou a fazer-se, simultaneamente, em todo o território nacional, para atender aos patrióticos apelos que partiam de todos os recantos do país”²⁰⁶.

Durante os preparativos para enviar o 1º Escalão da FEB, o aspirante Mesquita “insistiu com amigos e procurou oficiais influentes junto ao Ministério da Guerra”²⁰⁷. Ademais, procurou o General Zenóbio da Costa, comandante do Grupamento Tático (GT), fazendo-lhe um pedido para que o incorporasse à tropa que partiria em breve.²⁰⁸ As unidades selecionadas para a FEB estavam instaladas desde março²⁰⁹ de 1944 na Capital Federal, realizaram o treinamento. Como José estava na reserva, não realizou a maior parte do estágio de capacitação da FEB no Brasil, porque estava licenciado desde dezembro de 1943.

O aspirante foi convocado em 6 de maio de 1944 para apresentar a documentação e os exames médicos. Por exercer sua influência política, apesar de estar vinculado ao 3º RI, José Jerônimo foi incluído na sétima companhia do 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (7ª do III/6º RI). Essa unidade estava sediada no município de Caçapava, a cargo da 2ª Região Militar, em São Paulo. O aspirante Mesquita recebeu a designação para comandar o segundo pelotão de Fuzileiros (2º Pel Fuz). Em sua primeira mensagem, telegrafou ao pai, contando o feito: “CONVOCADO HOJE FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA GRANDE ALEGRIA. ABRAÇOS”²¹⁰.

O telegrama ao pai, que estava em Araruama, demonstrou o entusiasmo por conseguir ingressar no primeiro contingente da FEB. As chances de um oficial da reserva participar,

DIÁRIO DA NOITE. *Esta espada não ficará enferrujada na bainha*. Distrito Federal: Diário da Noite, 1º de dezembro de 1944, p. 9-16

²⁰⁴ CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na segunda guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960, p. 142.

²⁰⁵ 1ª Região Militar: Rio de Janeiro e Espírito Santo; 2ª Região Militar: São Paulo; 4ª Região Militar: Minas Gerais; e 9ª Região Militar: Mato Grosso.

²⁰⁶ CASTELLO BRANCO, Op. Cit., p. 137.

²⁰⁷ VIDAL, Op. Cit., p. 130.

²⁰⁸ DIÁRIO DA NOITE. *Esta espada não ficará enferrujada na bainha*. Distrito Federal: Diário da Noite, 1º de dezembro de 1944, p. 16.

²⁰⁹ O 6º RI estava acantonado nas instalações do Derby Club, Vila Militar.

²¹⁰ CASTRO, Hélio Portocarrero. *Não podemos esquecer-lo: um herói da FEB*. In: Revista Correia Lima. Rio de Janeiro: CPOR, 2002, p. 2.

naquele momento, eram bastante reduzidas, visto que o preparo e treinamento dos oficiais formados na Escola Militar do Realengo (EMR) era superior ao que era oferecido no NPOR. No entanto, José Jerônimo utilizou a influência política da família para persuadir políticos e militares influentes. Logrou êxito no pleito de integrar o primeiro escalão comandando o 2º Pel Fuz, partindo para a Itália no dia 2 de julho de 1944.

3.3. A ida de José Jerônimo para a guerra e sua morte

Após o rápido telegrama enviado para o seu pai, as cartas de José Jerônimo foram escritas na viagem até Nápoles e em solo italiano. A partir de então, entram em cena as correspondências escritas por Mesquita ao “velho” amigo de infância Levy Menezes. Flávio Joppert, sobrinho-neto de Levy, publicou a transcrição integral das cartas recebidas da Itália. Ao que tudo indica, a maior parte das cartas recebidas e arquivadas por Levy não foram censuradas, ou, se foram, o amigo de Mesquita teve acesso às mesmas com o término do conflito.

O pronome de tratamento “velho” era bastante utilizado à época entre amigos e, para os que tinham precedência hierárquica na caserna, segundo esses relatos. Joppert lembrou na primeira correspondência entre os dois, datada de 17 de julho de 1944²¹¹, as histórias vividas por seu tio-avô em companhia de José Jerônimo:

Tio Levy foi amigo do Mesquita. Contava-me as façanhas, as festas, as fantasias, o sítio de Burle Marx e as grandes festanças lá. Nada parecia prever os anos tristes de guerra que estavam por vir. Todos se alegravam até que a última lembrança são as cartas da frente de batalha agora transcritas.²¹²

A partida do primeiro escalão da FEB ocorreu no dia 2 de julho de 1944, menos de dois meses após a convocação do aspirante Mesquita. A descrição da viagem feita por nosso “protagonista” sintetizou o ambiente quase claustrofóbico imposto pela rotina do navio *U.S. General Mann*:

Escrevo-te pela primeira vez depois de ter chegado são e salvo no dia em que fui extraído a *fórceps*. A vida aqui é de guerra e não posso te dizer onde estou, mas você gostaria muito se aqui estivesse. Procure aproveitar bem a vida hoje.²¹³

²¹¹ Data da chegada do primeiro escalão ao porto de Nápoles. Provavelmente, por ter farto conteúdo, essa primeira correspondência foi escrita ao longo da viagem para ser postada logo que chegasse ao destino, segundo o qual a tripulação não tinha ciência por questões de segurança.

²¹² JOPPERT, Op. Cit., p. 2.

²¹³ JOPPERT, Op. Cit., p. 3.

A viagem de quinze dias a bordo do navio norte-americano foi um estágio inicial de aprendizado sobre a mobilização e a logística empregada em estado de guerra. Por imposição da disciplina no uso dos recursos, “somente os tripulantes que estavam de serviço de faxina, policiamento e vigilância tiveram direito a três refeições por dia.”²¹⁴ Os demais ocupantes do navio faziam jus a duas refeições: a primeira às nove horas da manhã e outra refeição às quatro da tarde. A culinária adocicada norte-americana não agradou os combatentes. O choque cultural ficou em evidência:

Nessa época, o país apresentava um padrão de alimentação bem distinto entre as suas regiões. Porém, existiam aspectos comuns entre elas como o trinômio feijão-arroz-farinha de mandioca; a realização de cinco refeições diárias e a utilização de condimentos específicos. Logo na primeira refeição, a tropa foi oficialmente apresentada à alimentação agridoce norte-americana, contrário ao gosto predominantemente salgado das refeições brasileiras.²¹⁵

No interior do navio, os tripulantes eram submetidos aos desígnios do mar. A rotina incluía deixar os expedicionários trancafiados em apertados compartimentos sob uma penumbra que somente permitia ver dois ou três companheiros bem próximos. A fraca iluminação vermelha teve a finalidade de permitir aos atiradores que estavam de prontidão acessar os postos de combate com plena adaptação visual para realizar os disparos. O acesso ao convés do navio era vedado na parte da noite e o lixo era descartado em um horário específico, para evitar a aproximação de submarinos alemães.

O banho também era diferenciado: somente os praças tinham acesso à água doce. Até os oficiais tomavam duchas de água salgada para se refrescar. O odor provocado pela água salgada e pelo suor nauseou parte dos tripulantes no início da viagem. O forte calor, mesmo à noite, obrigava-os a ficar de cuecas ou *shorts* quase o tempo todo em que estavam confinados. Tais características corroboram, por um lado, com parte da argumentação de José Jerônimo na sua primeira carta ao amigo de infância.

Por outro lado, “os ‘turistas’, tripulantes que não estavam de serviço na guarnição do navio”²¹⁶, tiveram bastante tempo para estudar outros idiomas. Como a guerra estava em território estrangeiro, e a força aliada possuía inúmeras nacionalidades, aprender outras línguas era uma das atividades mais realizadas. Esse detalhe foi contado por Mesquita em trecho de carta:

²¹⁴ FARIA, Durland Puppim; PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos soldados cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio De Janeiro*, v. 14. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2018, p. 109-110.

²¹⁵ FARIA; PEREIRA. Op. Cit., p. 105-109.

²¹⁶ FARIA; PEREIRA. Op. Cit., p. 110.

Tens recebido carta do moleque Derichen? E da turma toda? Estou com dois amigos nas duas partes do mundo: um nos Estados Unidos e outro na Europa. Que cartas! Já falo em inglês a ponto de pedir e ouvir o que quiser. O italiano, então, já falo um bocado! Vou voltar de Deus ou o Diabo permitir um poliglota²¹⁷.

A produção fotográfica foi outro componente de distração na jornada de quinze dias pelo mar. O intuito de mostrar o orgulho de pertencer à FEB para familiares e amigos mereceu a atenção e os *flashes* dos fotógrafos e cinegrafistas. Rubem Braga²¹⁸ ironicamente apontou que, pela quantidade de fotos e filmagens que foram feitas, teria que existir um navio para carregar os rolos de filme utilizados. Em trecho de uma das cartas ao seu amigo, Mesquita sinalizou os supostos registros: “Quando vires algum filme da FEB procure-me, pois saí todos eles. O cinegrafista era amigo do Marçal. O Marçal vai bem só está com uma *bolagem* (sic) na língua, já sabe porquê. É um ótimo amigo.”²¹⁹

O tom da narrativa, diferente das cartas que são escritas aos familiares, é de uma conversa aberta entre amigos íntimos. “Algumas cartas de José eram alegres e confiantes, em que ele se dizia saudoso de nós todos e reafirmava sempre o seu espírito idealista puro e sincero”²²⁰. Detalhes sobre os relacionamentos amorosos vêm à tona, demonstrando a fase da juventude contrastada pela experiência de guerra, onde a ciência de que pode morrer a qualquer momento da campanha impeliu jovens como ele a viver momentos especiais em suas vidas. Apesar de estar comprometido em um noivado, José comenta sobre as possibilidades de relacionamento:

Pergunte se receberam carta minha. Viste a Jurema? Ainda não escrevi para ela, mas também eu fui ficar noivo... Acho que vou casar com uma italiana. Aqui é *prá* cabeça (as italianas são bonitas). E nem podes calcular o que se faz com um maço de cigarros ou um sabonete que é a moeda corrente aqui. Peço-te que me mandes um pacote do bom “Continental”.²²¹

Portanto, a experiência vivida pelo jovem aspirante nos dias de viagem a Nápoles inspirou mudanças na maneira de pensar e interagir com familiares e amigos. A adaptação exigida no trajeto representou o início de uma nova concepção doutrinária. De acordo com Manoel Thomaz Castello Branco, a instrução foi um grande obstáculo a ser vencido, pois não se tratava de simples reexame do ensino, mas do estudo completo de novas técnicas e

²¹⁷ JOPPERT, Op. Cit., p. 3-4.

²¹⁸ BRAGA, Op. Cit., p. 55.

²¹⁹ JOPPERT, Op. Cit., p. 3.

²²⁰ VIDAL, Op. Cit., p. 131.

²²¹ JOPPERT, Idem, p. 3, comentário nosso.

processos²²². A transformação encontraria a mediana durante fase seguinte: a preparação do Grupamento Tático.

A extrema pobreza causada pelo ambiente arrasado em Nápoles causou a comoção de muitos combatentes. Na percepção de José Jerônimo, a carestia observada desde sua chegada a Nápoles não passou em branco. Mesmo vindo de família nobre, Mesquita traçou indicadores ao amigo Levy sobre em que medida estava aquela população acossada pelos *tedescos*²²³:

Não calculas o que seja a guerra, não reclames carne, manteiga, casa nem nada; pois eu tenho visto um bocado de miséria desde que sair daí. Assassina-se por uma ponta de cigarro. E outras coisas que te contarei se voltar. A vida civil, comparada com a dos daqui, é o paraíso terrestre esse nosso Brasil²²⁴.

A chegada em Nápoles no dia 17 de julho marcou o primeiro contato com o grande desdobramento logístico. A permanência em Astroni marcou o início do período de quase total adaptação logística aos moldes norte-americanos. As primeiras impressões da disparidade material foram logo sentidas. O fardamento e o equipamento eram inadequados para o uso no rigoroso inverno europeu:

O pracinha também sentiu vergonha. Ao chegar à Itália, verificou que as peças de seu fardamento eram tão ordinárias que as jogou fora – ou vendeu por uma ninharia para os italianos. Vergonha por não ter sido providenciada proteção eficiente para seus pés – ele, o infante, que tanto andava na neve. Vergonha por ter recebido uma capa de chuva que, ainda no Rio, recebeu o apelido de “Deus permita que não chova”. Mestre pracinha recebeu, em substituição à japona verde-oliva, um excelente capote marrom, americano – o que serviu para diferenciá-los dos alemães, que tinham uniformes semelhantes aos nossos, principalmente na cor. Essa semelhança de uniformes causou inúmeros aborrecimentos pois, já na primavera, quando o pracinha usou o “Zé Carioca” – uniforme de brim verde-oliva, foi confundido pelos italianos com os alemães.²²⁵

Esse período de adaptação marcou um hiato na escrita das cartas para o amigo Levy. Somente em 30 de setembro de 1944, um mês e meio após a primeira carta, José Jerônimo enviou duas novas correspondências. O 6º RI estava em combate desde 15 de setembro de 1944 no norte da Itália. A primeira fase da FEB compreendeu nas ações ofensivas empreendidas pelo Grupamento Tático, no Vale do Rio Serchio, noroeste da Itália.

Na segunda correspondência de 30 de setembro, a primeira frase que chamou a atenção foi o “cumprimento” ao “censor amigo”²²⁶. Na oportunidade, José Jerônimo relatou o descontentamento em ter várias cartas censuradas. “Ao censor: é isso mesmo meu chato –

²²² CASTELLO BRANCO, Op. Cit., p. 146.

²²³ O significado remete ao povo germânico, tudesco.

²²⁴ JOPPERT, Op. Cit., p. 3.

²²⁵ VIDAL, Op. Cit., p. 21-22.

²²⁶ JOPPERT, Op. Cit., p. 8.

ficas aí na retaguarda e não deixas passar nem uma piada. Tomara, ou Deus queira, ou o 88 alemão²²⁷ vá te buscar por aí²²⁸. O conteúdo das cartas era direcionado aos assuntos do cotidiano e dos vínculos afetivos entre soldados e seus entes queridos.

Figura 13- Desenho da 1ª carta de 30 de setembro de 1944 e recorte de carta censurada.



Fonte: Joppert²²⁹.

Em relatos emocionados, José sinaliza os primeiros indicadores da saudade dos amigos e da noiva e relata as primeiras impressões das cenas de combate direto com os alemães:

Não imagina a satisfação que tive ao acordar dentro do meu *fox-hole*, apesar de não ter dormido a noite inteira devido ao 88 alemão. Receber logo duas cartas tuas pode estar certo que tive um imenso prazer e como vez apesar das granadas estarem caindo perto eu ponho logo a responder²³⁰.

O *fox-hole*, ou a “toca da raposa” era um buraco cavado no solo pedregoso das montanhas italianas. Esse local era destinado para quem estava muito próximo do inimigo, entre 100 e 200 metros. Com temperaturas frequentemente abaixo de zero e muita neve, o combatente não podia fazer fogueira, sob o risco de ter a toca explodida por granadas lançadas por morteiros ou pela artilharia alemã. Era extremamente penoso permanecer por um longo período nesse local, com registros frequentes de gangrena e micoses profundas nos pés.

Além dos familiares e amigos, Mesquita se correspondia com estrangeiros que estavam lutando em outras regiões. Contudo, o destino das correspondências estava condicionado à censura dos dados estritamente militares. O impacto sobre a moral dos

²²⁷ Canhão alemão *Flak* 88 milímetros.

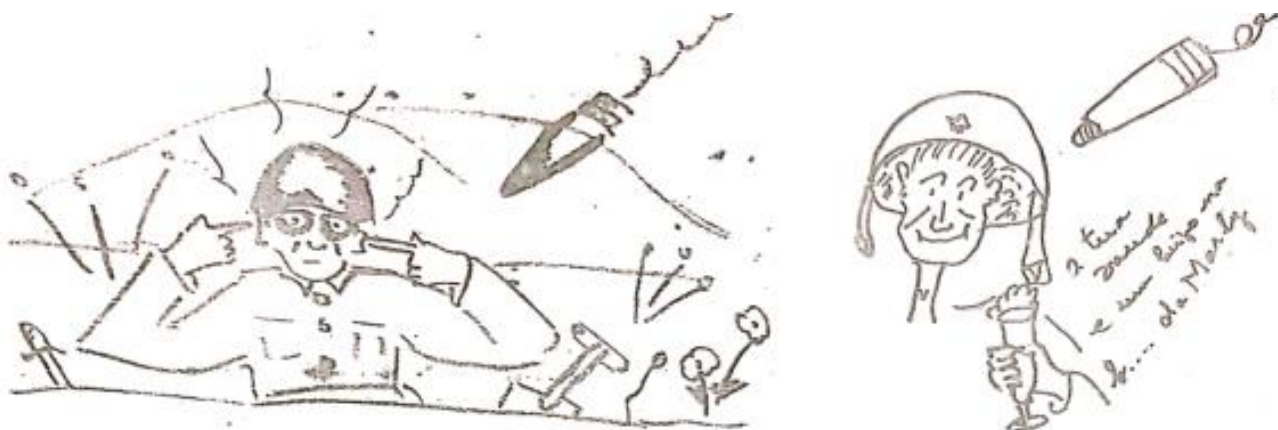
²²⁸ JOPPERT, Op. Cit., p. 10.

²²⁹ JOPPERT, Op. Cit., p. 18-19.

²³⁰ JOPPERT, Idem, p. 8.

combatentes, seja pela presença ou ausência de cartas era perceptível. A carta destinada ao aspirante no *front* possui uma influência moral, com a finalidade de encorajar e confortar a pessoa destinada legalmente para matar. O exercício cívico da violência apresentada assume componentes complexos quando o assunto é o viés psicológico. Pelo menos 302 dos 870 oficiais subalternos de Infantaria eram da reserva, muitos deles profissionais liberais na vida civil.

Figura 14- Desenhos da segunda carta, de 30 de setembro de 1944 – um combatente no fox-hole



Fonte: Joppert²³¹

Apesar da “análise psicológica dos combatentes não ser o ideal dentro do estágio mobilizador”²³², o estado geral era satisfatório. As cartas assumiram um papel integrador entre o combatente e o mundo em volta, manifestando o apoio àquela ação extrema de combater o inimigo. Nas imagens acima, a da esquerda apresenta a tensão de estar na linha de frente nos primeiros dias. O desenho mostra os olhos arregalados, a ausência de sorriso nos lábios e os dedos indicadores tapando os ouvidos. A expressão é de certo medo nos campos do norte italiano, onde a pá e a baioneta revezam a atenção do militar que está dentro de um buraco. As flores denotam que, apesar do frio, ainda não estava nevando. A jaqueta de combate totalmente fechada também ajudou compor a cena dos primeiros combates protagonizados pelo 6º RI.

As ações do GT que se seguiram aumentaram o espírito de euforia nas tropas da FEB. A primeira linha de objetivos foi atingida, com a saída dos *tedescos* das localidades de Massarosa, Camaiore e Monte Prano. A sétima companhia, sob intensos fogos de artilharia, participou de uma manobra improvisada para cortar as comunicações e os suprimentos

²³¹ JOPPERT, Op. Cit., p. 17-18.

²³² CASTELLO BRANCO, Op. Cit., p. 140.

inimigos ao último objetivo. Em consequência, fez vários prisioneiros e forçou uma companhia alemã a retrair de todas as posições naquela área. Esses progressos geraram um ambiente de contagiante entusiasmo nos expedicionários. Na manhã de 26 de setembro todos os objetivos foram conquistados.

Nesse ponto, percebeu-se que o desenho do aspirante Mesquita à direita demonstra um semblante mais tranquilo. Embora a granada de artilharia ainda esteja sobre a sua cabeça, o gesto é de confiança, em que o esboço exhibe o sorriso nos lábios e um brinde acompanhado de uma mensagem escrita de saudação informal entre amigos. A confiança ficou também registrada nos escritos de José Jerônimo:

Levy, já entrei em combate e podes dizer a turma que o meu pelotão foi o primeiro. Entrei em contato com o inimigo, e fiz, de saída, nove prisioneiros dando uma avançada louca. Pergunta se eu já tinha postos olhos **nos (...)** vou esperar esta explodir para continuar. Explodiu. **Nos prisioneiros alemães** e respondo que eu mesmo já os fiz. Novidades de outras frentes eu não sei. Custa ver notícias de cartas e ainda não recebi resposta.²³³

A escrita das cartas no momento do combate demonstra a importância que estas possuem no contexto dos combatentes. Entre uma granada *tedesca* e outra; entre um avanço e outro, Mesquita escreveu as suas correspondências e fez desenhos. As cobranças formuladas em carta a respeito de informações sobre outros combates apresentavam a vontade em saber como andam as operações militares no contexto geral da guerra.

O aspirante Lúcio Marçal Ferreira novamente foi assunto para a escrita de Mesquita. Único amigo do 3º RI que conseguiu ser convocado para a FEB, foi alvo de brincadeiras nas cartas. A fluência do idioma inglês e as aventuras amorosas do companheiro recebiam a análise e os comentários de José Jerônimo, como observa-se a seguir:

Estou comandando pelotão de fuzileiros, mas o Marçal agora é S4, isto é, oficial de suprimento do batalhão. Vai bem e sempre metendo a língua em tudo. O Marçal está amigado com uma “gringa” e está cada vez mais afiado na língua.²³⁴

Além das cartas, as mensagens de telegramas eram caminhos bastante utilizados para fazer chegar a notícia. Para fins de padronizar a escrita de milhares de mensagens curtas por dia, o comando aliado e o serviço postal adotaram a numeração de 124 frases pré-estabelecidas, a um custo de 60 libras por sentença de três números escolhidos. Rubem Braga ofereceu mais detalhes sobre as percepções da dinâmica em torno das comunicações numeradas:

²³³ JOPPERT, Op. Cit., p. 9.

²³⁴ JOPPERT, Op. Cit., p. 9-12.

Eles versam sobre os seguintes assuntos: correspondência, saudações de Natal e Ano-novo, saúde, promoção, dinheiro, felicitações e miscelânea. Ah! Isso é pouco. Podemos mandar dizer à amada: “Saudades” (número 29), e isso é alguma coisa, mas a muitos não satisfaz. Um sargento de artilharia, em crise de saudades, gastou 180 liras e mandou três telegramas iguais: 29-29-29; 29-29-29; 29-29-29.²³⁵

O telegrama é mais rápido e as frases escolhidas foram o compêndio objetivo do que a maioria escreveu entre o som de tiros e explosões. José Jerônimo, nas cartas transcritas por Joppert, passou instruções para que o amigo Levy escrevesse um cartão contendo frases sintéticas, acompanhadas por uma caixa de orquídeas à sua noiva Maria.

Amigo Levy.

Envio-te 200 réis para que me faças o favor de comprar e enviar para o seguinte endereço: (...) Mas olha lá, sabes como sou e quero um “troço traquejado” (serviço bem feito). Mande um cartão assim:

Itália, 30 de setembro de 1944:

Para que não me esqueças e me espera sempre.

Mesquita.²³⁶

As duas frases sublinhadas são muito semelhantes ao rol de mensagens disponíveis para compra no serviço postal. A praticidade e a objetividade foram importantes aliadas para os combatentes que estavam em contato direto com o inimigo. O aspirante Mesquita, em uma das cartas no mês de outubro, escreveu que esteve vários dias debaixo do fogo de artilharia e que já teve um capacete de aço rachado por um estilhaço de granada de 88 milímetros. Em outra carta, José Jerônimo faz planos com o dinheiro que estava recebendo. Ele pretendia, caso retornasse ao Brasil, coisa que achava difícil, dado o risco que estava correndo, concluir o plano:

Podes ir estudando a planta para ser construída em Ponta Negra. Casa com sala, dois quartos, banheiro, cozinha e uma varanda. **Coisa pequena, mas bem confortável.** Não me incomode de gastar uns trinta contos, mas **quero um recanto onde se pode ficar alheio de tudo, ter uma boa geladeira (...)** o que achas? Uma varanda envidraçada. Aliás, **a sala envidrada dando para o mar. Uma boa pequena** (garota), umas tintas, telas, **e ficar de papo para o ar.** Acho que, se voltar, será uma boa vida para nós. Pretendo comprar uma barata (carro de passeio) e **vai estar para nós a vida sem dar bola para ninguém.** Peço-te que estudes um projeto e me envie pode ir apressando material e calculando a “*moamba*” (dinheiro).²³⁷

Após um breve repouso na retaguarda, o aspirante retornou à linha de frente. A nova missão era, basicamente, a mesma: buscar o contato com o inimigo. No entanto, a área destinada era bem maior e mais montanhosa, compreendendo o oeste do Vale do Rio Serchio.

²³⁵ BRAGA, Op. Cit., p. 55.

²³⁶ JOPERT, Op. Cit., p. 7, grifos do autor, comentário nosso.

²³⁷ JOPERT, Op. Cit., p. 11, grifo nosso, comentário nosso.

O objetivo era capturar a localidade de Castelnuovo de Garfagnana, um reduto fortemente defendido. Além disso, choveu sem cessar por dias consecutivos. As operações iniciaram-se no dia 5 de outubro, com a “7ª companhia ocupando o vilarejo de Bolognana”²³⁸. Analisando os relatos apresentados em carta com o relatório do tenente-coronel Castello Branco, infere-se que o 2º Pelotão de Fuzileiros comandado pelo aspirante Mesquita repeliu integrantes do 40º RI alemão:

Amigo velho.

Estou bem, graças a Deus. Não me julgue que me tornei católico, são maneiras de dizer. Apesar de estar debaixo de fogo há muito tempo, e tenho andado como o diabo, conto que já topei a “parada” com os alemães várias vezes, e, até hoje, sempre tive a melhor. Ainda ontem, eu ia numa patrulha, quando alcancei a crista de um morro. Avistei, do outro lado, uma patrulha alemã composta por 16 homens. Espalhei a minha patrulha e, bem na crista, fiquei esperando os ‘brutos’, que vinham como anjos, em nossa direção. Arma a tiracolo, fumando, e talvez pensando nas “*fraulein*” distantes. Deixei-os chegar até uns vinte metros, tendo antes mandado cada homem escolher um, sendo que o da frente era meu. Nem queiras saber o “carnal” que foi quando, imagina só, descarreguei todo o carregador da minha *Thompson* 45. Nunca ouvi tanto tiro, pois eles nem tiveram tempo de reagir. E o meu pessoal estava com uma grana danada e até granada soltaram nos alemães. Quando olhei, parecia um dia de gala, um necrotério²³⁹. Mas quase que também levo a breca, pois, quase que imediatamente, eles começaram a cagar a crista onde eu estava com morteiro e tive que recuar antes que a putada regulasse o tiro, chegando ileso com toda a patrulha.²⁴⁰

A ofensiva do 2º Pel Fuz repeliu “quinze homens, deixando quatro alemães mortos e um ferido, que foi aprisionado e identificado como pertencente ao 1º Batalhão do 40º RI”²⁴¹. A impressão contida nos trechos da última carta escrita por Mesquita foi de que praticamente toda a patrulha alemã teria sido dizimada. A história do aspirante Mesquita, embora esteja inserida nos relatórios de seus comandantes, ainda não houve, por parte institucional, uma preocupação em formar uma história oficial que contemplasse as ações realizadas.

Esse estudo tem como objetivo contextualizar o processo de embrutecimento causado pela estressante atuação na linha de frente. O ambiente caótico generalizado foi capaz de transformar a mentalidade de José Jerônimo. Em uma das cartas escritas antes de partir para a segunda fase de operações no Vale do Rio Serchio, faz um comentário sobre a população italiana que estava sendo libertada pelo contingente brasileiro:

Aproveitando um pequeno descanso na retaguarda (dois quilômetros dos alemães), depois de duros combates, “podes crer”, aproveito a paz que aqui reina “bem relativa”, pois hoje pela minha cabeça passaram centenas de

²³⁸ CASTELLO BRANCO, Op. Cit., p. 199.

²³⁹ Era uma referência aos acidentes de trem que ocorriam na Central do Brasil à época.

²⁴⁰ JOPPERT, Op. Cit., p. 14.

²⁴¹ CASTELLO BRANCO, Op. Cit. p. 200.

quilos de ferro fundido e torneada na direção dos boxes. E escutando falar dos moradores do lugar, gentis *carcamanos* e *carcamanas*, que me "aporrinham" de manhã à noite assim:

Tedeschi portarre tutti, Paizan uma cigarete, una scatolleta. Puche Tedeschi non borini? Puche Tedeschi portare tutti per Germani, tutti grano, tutti scarpe, tutti senhoritas etc. Troços que estou escutando desde Nápoles. Nunca vi raça tão desprezível e ordinária. Não vale uma lira das antigas.²⁴²

A exposição prolongada e quase ininterrupta aos horrores da guerra marcou uma nova mudança sobre o que estava sendo visto por Mesquita. De um sentimento de comoção nas cartas iniciais, a argumentação apresentou a perda da sensibilidade gradual das atrocidades à medida que avançava como ponta de lança no campo de batalha. O aspirante esteve na vanguarda desde o primeiro dia de operações do GT, tendo atuação destacada à testa de seu pelotão em várias ocasiões. Logo, os italianos que estavam sob o jugo dos *tedescos* naquela região, descrita como “terra de ninguém”, tinham como primeiro contato as patrulhas de Infantaria aliadas, como as que estavam sendo comandadas por ele. Mesquita era uma das primeiras pessoas a ouvir e ver o desespero daquelas pessoas. Somado a isso, o “descanso” que ele estava tendo entre as fases da batalha era muito próxima à área que estava patrulhando. Esse fator espacial não permitiu um desligamento, mesmo que temporário, do alto desgaste psicológico com que foi submetido em campanha.

Após o repouso de alguns dias, o 2º Pel Fuz retomou a ofensiva com o objetivo de ocupar a porção sudoeste do Monte San Quirico, a cinco quilômetros de Castelnuovo de Garfagnana, objetivo final do GT. Isso motivou “o alongamento da linha de frente sem o apropriado uso das reservas”²⁴³. Esta situação foi agravada “pela dificuldade de ressuprimento por caminhões devido à precariedade das estradas e pelas chuvas torrenciais que ocorreram naquela região”²⁴⁴. O pelotão do aspirante Mesquita teve que retornar na fase anterior em Monte Faeto por falta de munição. A nova partida era tida como temerária por parte do general Crittenberger.

O estado de ânimo das tropas e do comandante do GT, general Zenóbio da Costa, era de otimismo, porque estavam muito próximos do objetivo e, até aquele momento, as forças brasileiras haviam vencido todos os embates contra os alemães. Em consequência, o pelotão, após uma longa e exaustiva caminhada sob forte chuva, atingiu o Monte San Quirico por volta da meia noite do dia 30 para 31 de outubro. Após rápido reconhecimento do local, prepararam o bivaque na encosta do morro. No entorno, havia mais pelotões da sétima companhia, porém

²⁴² JOPPERT, Op. Cit., p. 8.

²⁴³ CASTELLO BRANCO, Op. Cit., p. 202-204.

²⁴⁴ BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório do Ministério da Guerra de 1944*. Rio de Janeiro: AHEx, 1944, p. 60.

sem a adequada ligação entre as frações. O relatório do Capitão Hélio Portocarrero Castro, comandante da sétima companhia, ofereceu mais detalhes:

Por volta das 3 da madrugada, o inimigo desfechou um forte contra-ataque na ala oeste da 3ª Companhia do I/6º RI e da 7ª Companhia do III/6º RI. Dois pelotões da 7ª Cia retraíram, abrindo uma brecha no dispositivo aliado. Em virtude da situação desvantajosa em que foram encontradas as duas companhias da direita, foi determinado que elas retraíssem para Sommocolonia, a dois quilômetros a sudeste de suas posições. Porém, o 2º Pel Fuz, inteiramente só, permaneceu e reagiu ao ataque das tropas de choque da SS, vinculadas à 232 Divisão de Infantaria alemã. O aspirante Mesquita, defendeu frontalmente com o dispositivo do seu pelotão. Durante o combate corpo a corpo, caiu mortalmente ferido, vítima de uma rajada de metralhadora, seguida de uma explosão causada por uma “*boop-trap*”^{245 246}.

Em face da morte do Comandante do 2º Pel Fuz, seu adjunto, o 2º Sargento Romano, assumiu o comando e prosseguiu a luta até receber ordem para retraindo, assim como havia sido feito pelos demais pelotões da sétima companhia. O corpo do primeiro oficial morto da FEB em combate ficou insepulto por bastante tempo em um campo minado, na “terra de ninguém”. O tenente Lúcio Marçal Ferreira, através de informações de italianos residentes na região, recolheu o corpo do dileto amigo somente após o fim da guerra. O corpo insepulto estava em bom estado de conservação em função da neve que permaneceu na região.²⁴⁷

Enquanto isso, no Brasil, a família ficou apreensiva por não receber mais cartas de José Jerônimo. Embora o ambiente escrito nos jornais fosse de otimismo e de orgulho, a ausência de correspondências marcou um espírito de apreensão em torno de como estava o primogênito nos campos da Itália. Em entrevista ao ex-pracinha Paulo Vidal, dona Maria Luiza, em capítulo intitulado “Meu menino ficou na Itália”, “lembrou das últimas palavras em sua partida: – Mamãe a senhora é que me ensinou a não ser medroso, não chore, por favor”²⁴⁸.

O angustiante silêncio antecedeu o telegrama do Ministro da Guerra em 25 de novembro de 1944, no qual lamentava comunicar que José estava desaparecido no campo de batalha. Seu pai não resistiu a notícia e veio a falecer um mês depois. Dona Maria Luiza, então grávida, precisou ser internada para seguir com a gravidez, pois entrara em depressão. Meses mais tarde, Maria Luiza recebeu o comunicado oficial da morte, e as quatro medalhas que José conquistou. Alquebrada pelos duros golpes, e mãe de uma criança recém-nascida, “seguiu na educação dos oito filhos, ensinando-lhes os valores pelos quais José Jerônimo dedicou a vida, o amor pela pátria, e pelas causas da liberdade e da justiça”.²⁴⁹

²⁴⁵ Mina antipessoal colocado como armadilha para os aliados.

²⁴⁶ CASTRO, Op. Cit., 2002, p. 2.

²⁴⁷ CASTRO, Op. Cit., 2002, p. 4.

²⁴⁸ VIDAL, Op. Cit., p. 130.

²⁴⁹ VIDAL, Op. Cit., p. 131.

Considerações Finais

A estruturação da Força Expedicionária Brasileira esteve acompanhada por uma série de desafios. Ao que buscamos evidenciar nessa pesquisa, o Serviço Postal da FEB também não estava preparado para enfrentar as dificuldades de uma grande movimentação de correspondências, ainda mais devido à falta de instrução dos missivistas civis e militares.

De acordo com o estudo teórico de obras anteriores e aplicação metodológica para o trabalho com as nossas fontes, foi observada a falta de instrução para a escritura das cartas aos expedicionários envolvidos no conflito. Da mesma forma, enquanto alguns militares escreviam suas cartas aplicando certa autocensura, outros buscavam se entreter com a escrita às suas redes de relacionamento revelando informações importantes como: a localização da tropa, sucesso ou insucesso nas operações militares, estado moral de si e de seus companheiros e outras particularidades que não seriam bem vistas aos olhos dos censores. Os relatórios classificados como confidenciais revelavam o motivo para essa tomada de decisão institucional.

Em resultado, muitas correspondências foram censuradas total ou parcialmente, causando desgastes no moral dos indivíduos, tanto para quem estava na guerra quanto para quem estava no Brasil. Nesse trabalho visualizamos como algumas pessoas imploravam para receber algumas correspondências. Além da censura postal militar, comum a todas forças armadas no período da guerra, constatamos que a atuação do governo limitou a circulação de informações e ideias.

Ao enfrentar problemas internos dos mais diversos, e lidando com as pressões externas no que diz respeito ao posicionamento na guerra, chamamos a atenção das intenções norte-americanas na ocupação do litoral brasileiro com ênfase para Natal-RN. Esse fator contribuiu para o estabelecimento de acordos na aliança Brasil e EUA, que culminaria no desenrolar de fatos determinantes para a história brasileira.

Em um país de incipiente processo de industrialização, foi estabelecido o empréstimo de recursos para a construção da primeira siderúrgica nacional brasileira. Percebemos que a constituição dessa força expedicionária foi forçosa, já que o Exército brasileiro não tinha recursos materiais e nem homens prontos para esse tipo de ação. Ou seja, constatamos que os EUA tiveram que suprir as suas tropas nos variados teatros de operação ao redor do globo e ainda destinar recursos para que a FEB fosse equipada. A título de verificação, foi analisado como os uniformes eram fator de desmotivação para os combatentes na Itália, principalmente nos dias mais frios do inverno nos Apeninos.

O objetivo da análise desses relatos é verificar como essas situações de frio extremo, e despreparo para aquecê-los nas missões que precisavam cumprir, desgastavam seu estado psicológico. Além dessa característica, destacamos ao longo do estudo que as saudades dos entes queridos, a preocupação com a sua rede de relacionamento e a falta de celeridade do serviço postal também causavam tormento aos pensamentos desses indivíduos. Em se tratando das dificuldades, o cenário da guerra também causou a carência dos recursos quanto à alimentação, armamentos e instrução militar. Logo, todos os fatores de insalubridade e despreparo poderiam contribuir para uma ação malsucedida, podendo confirmar nessa análise que a FEB teve um desempenho além do esperado.

Em se tratando das relações entre o coletivo e o individual, destacamos que o pensamento e atitude desses homens os motivaram para a luta. Notoriamente, as ações da tropa revelam a tomada de decisão de um líder hierarquicamente reconhecido pelo grupo, mas isso somente poderá atingir seu objetivo se estiver o grupo unido para o sucesso de determinada missão. As particularidades dos indivíduos nas situações vivenciadas na guerra somam-se assim para a conquista de um objetivo comum. O moral militar, nesse e em outros casos, deve ser priorizado.

Nos documentos e narrativas oficiais, observamos que existe a celebração das vitórias e grandes feitos. O que buscamos nesse estudo foi evidenciar como os sentimentos e percepções corroboram para esses registros de grandes conquistas realizadas por esse coletivo, colocando o indivíduo como peça central dessas conquistas. Entendemos que a construção da paz revelou um custo alto à vida desses indivíduos.

O estudo bibliográfico pautado em pesquisas anteriores nos direcionou para preencher uma lacuna histórica sobre o entendimento do indivíduo sobre a guerra. O percurso metodológico, amparado no estudo de documentos impressos e de correspondências, respondeu os nossos levantamentos sobre o abalo no moral militar com a precariedade de correspondências recebidas, e podemos assim destacar que o recebimento de informações é primordial para a convivência em sociedade.

As hipóteses levantadas em nossas considerações iniciais foram confirmadas com o decorrer dos capítulos. O fator psicológico dos combatentes, essencial para que um indivíduo tenha motivação para alcançar seus objetivos, estava abalado por estarem longe da família e por estarem em um lugar distante, expostos aos perigos da guerra. Nesse ponto, chamamos a atenção para a relação entre o individual e o coletivo, pois a ação de um homem poderia fazer a diferença para o sucesso, ou insucesso, dos demais.

No levantamento de questionamentos, pontuamos três perguntas. No primeiro caso, levantamos a hipótese sobre o moral militar, e se este teria ficado abalado com a precariedade de serviços prestados pelo Serviço Postal. A resposta é sim, principalmente no exemplo lembrado por McCann, a partir de um relato de um oficial do CPOR, sobre o recebimento da correspondência da esposa por um dos militares, no qual informava que a filha do casal tinha nascido, e a mensagem esteve seguida por um “mas...” com posterior e longo silêncio. Em observação, o oficial relembra como o pai da menina teria ficado abalado sem receber outra notícia que confortasse seu psicológico. Ao que tudo indica no relato, a situação perdurou por semanas, até que a esposa enviou uma nova carta, informando que estava tudo bem.

No segundo caso, surgiu a hipótese de que a escrita de cartas fazia esses combatentes se sentirem mais confiantes. A resposta, também afirmativa, se justifica com a assistência da LBA, através da campanha da Madrinha de Guerra, ou Madrinha do Combatente, na qual no segundo capítulo mostramos como os expedicionários ficavam felizes em ter com quem se corresponder e expor os seus sentimentos. No terceiro caso, nos perguntamos se quando eles escreviam suas correspondências, eles poderiam também representar seus pensamentos sobre as novas experiências. A resposta também positiva, nos lembra o caso do aspirante José Jerônimo de Mesquita, que além de contar rotineiramente ao seu amigo o que estava passando na guerra, ainda exemplificava essa situação com desenhos. Essa representação de seu imaginário, relatando seus momentos de solidão e dor, buscavam na distração com o envio de correspondências e nas brincadeiras joviais, uma válvula de escape para toda aquela situação.

As atitudes individuais, relatos repletos de detalhes sobre as experiências na guerra, seus medos e traumas adquiridos por causa do conflito, seu olhar crítico sobre a estrutura organizacional e a troca de missivas com sua rede de relacionamentos ilustram que novos estudos sobre a análise do outro devem ser priorizados. A partir dessa inovação, embora não sejamos pioneiros nessa modalidade de análise, revelam que o destaque do indivíduo perante o seu coletivo coleta informações qualitativas sobre os mais diversos períodos históricos.

As cartas trocadas entre o aspirante José Jerônimo de Mesquita e a sua rede de relacionamento ajudam a contar a trajetória do primeiro contingente da FEB que embarcou para a Itália. Em consequência, aconteceram muitos problemas no roteiro do Grupamento Tático e, em particular, o 6º RI, onde o aspirante Mesquita comandava uma pequena fração na vanguarda. Os relatos mostraram, ainda, as aspirações e os sentimentos de um combatente perante as novas experiências vividas em cenário de guerra. As trocas e as possibilidades de mudança repentina em um ambiente isolado contribuíram para uma rápida alteração no teor da comunicação escrita e iconográfica entre Mesquita e seus entes queridos. Mesmo

encoberto pela censura das correspondências, os detalhes da rotina nas batalhas e nos “descansos” foram bastante sentidos.

Ao cruzar as informações das cartas com os relatórios militares, concluímos que todas as situações podem ser estudadas em múltiplos olhares. À maneira de ver de um expedicionário que teve sua carta censurada, destacamos que o indivíduo poderia sentir as mais diversas indignações com o recebimento das cartas aos cortes ou a ausência delas, como: mágoa, ressentimento, indignação, raiva. Já para os censores que estavam recebendo ordens sobre a sua responsabilidade de não deixar passar nenhuma informação que prejudicasse o sucesso das operações, a missão deveria apenas ser cumprida, sem analisar o moral daquele que receberia ou não essa missiva. Ainda, destacamos o papel das instituições no controle do coletivo, gerenciando as condutas dentro de sua percepção.

O medo da morte e os reveses vivenciados na guerra trouxeram ensinamentos sobre a experiência em combate. Atualmente, as comemorações oficiais mais abordam a segunda fase da campanha em diante, como os eventos de Monte Castello, Montese e Collecchio e Fornovo como passos importantes da campanha, talvez deixando de priorizar as ações no Vale do Rio Serchio.

No entanto, o caminho percorrido pelos combatentes, ilustrado no estudo de caso do aspirante Mesquita, nos ajudou a compreender a problemática da adaptação dos indivíduos em um local distante possuidor de cultura diversa. A transformação ocorreu em sua vida, na de seus familiares e amigos que sofreram com a morte do rapaz em combate. Percebemos esse tormento com a morte prematura do pai e a tristeza da mãe após a ausência das correspondências do filho, seguidos de telegramas institucionais explicando o desfecho fatal.

O Exército brasileiro rendeu homenagens a ele no ano de 2002, com a declaração da Turma tenente José Jerônimo de Mesquita aos aspirantes formados pelos CPOR e NPOR formados naquele ano. Porém, com a extinção do 3º Batalhão de Infantaria em São Gonçalo, as manifestações cessaram e parte do acervo foi restituído à família.

Enfim, destacamos que o estudo das correspondências escritas na época e os relatórios institucionais contribuíram para renovar nossa análise sobre os impactos na rede de relacionamentos desses expedicionários. O Serviço Postal da FEB, em sua atuação também repleta de desafios, ao nosso ver, cumpriu a missão que lhe foi designada. A partir da análise de conteúdo das missivas escritas por homens simples que fizeram história – permite-se que hoje e sempre, a cobra continue fumando.

Referências

Acervos visitados

Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Prédio do Comando Militar do Leste, na Praça Duque de Caxias, 25 – Centro, Rio de Janeiro, CEP: 20080-005.

Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Rio de Janeiro. Rua do Lavradio, nº 38 – Centro, Rio de Janeiro, CEP: 20230-070.

Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro. Av. Brasil, 5292 - Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP: 21040-361.

Fontes

AHEx. *Instruções para o funcionamento do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira no Correio Coletor Sul*. (ISPFEB). Arquivo Histórico do Exército, [1944].

AHEx. Relatório Confidencial nº 412, *Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul*. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército, [1944].

AHEx. Relatório Confidencial nº 457, *Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul*. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército, [1944].

AHEx. Relatório Confidencial nº 467, *Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul*. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército, [1944].

AHEx. *Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul* (RGSPFEB), 1944. Arquivo Histórico do Exército, [1944].

BRASIL, *Decreto-lei nº 10.358*, de 31 de agosto de 1942. Declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo. Distrito Federal, [1944]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D10358imprensa.htm Acesso: 05 ago. 2022.

BRASIL, *Decreto-lei nº 6.438*, de 26 de abril de 1944. Criação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal: Correio Coletor Sul, [1944].

BRASIL, *Portaria Ministerial nº 4.744*, de 9 de agosto de 1943. Criação da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal, [1944].

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto 9.403*, de 18 de maio de 1942. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/?numero=9403&tipo_norma=dec&data=19420518&link=s> Acesso: 18 ago. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto-lei nº 4.130*, de 26 de fevereiro de 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4130-26-fevereiro-1942-414128-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 18 ago. 2022.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 10.406*, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil, [2002]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm Acesso: 09 out. 2022.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 12.527*, de 18 de novembro de 2011. Institui a Lei de Acesso à Informação no Brasil, [2011]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm Acesso: 09 out. 2022.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 8.159*, de 8 de janeiro de 1991, editada pelo Decreto nº 2.134, de 24 de janeiro de 1997. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18159.htm Acesso: 05 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Guerra. Exército Brasileiro. *Boletim do Exército nº 377*, de 25 de abril de 1927. Rio de Janeiro: CPOR/RJ, 1927.

BRASIL. Ministério da Guerra. Exército Brasileiro. *Livro Histórico do 1º Batalhão de Polícia do Exército (1º BPE)*. Rio de Janeiro: 1º BPE, 1944.

BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório do Ministério da Guerra de 1944*. Rio de Janeiro: AHEX, 1944.

BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 05 de outubro de 1988, de acordo com a emenda constitucional nº 115, de 10 de fevereiro de 2022. Sobre proteção e tratamento de dados pessoais, [1988]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc115.htm#:~:text=EMENDAS%20CONSTITUCIONAL%20N%C2%BA%20115%2C%20DE,e%20tratamento%20de%20dados%20pessoais. Acesso: 09 out. 2022.

Carta Censurada em 09 de abril de 1945. Remetente: (S. M. S.) 303 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Escrita na Itália em 03 de abril de 1945, postada em 07 de abril de 1945. Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção RJ, 2022.

Carta Censurada em 19 de maio de 1945. Remetente: (J. R. S.) 257 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.) Rio de Janeiro, Brasil. Escrita e postada em Alessandria, 17 de maio de 1945. Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção RJ, 2022.

CORREIO DA MANHÃ. *Decretos nas pastas da Guerra e de Marinha*. Distrito Federal: Correio da manhã, 3 fev. 1945, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_05&pagfis=26241&url=http://memoria.bn.br/docreader# >. Acesso em: 9 jul. 2022.

DIÁRIO DA NOITE. *Esta espada não ficará enferrujada na bainha*. Distrito Federal: Diário da Noite, 1º de dezembro de 1944, p. 9-16. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=30084&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 10 set. 2022.

DIÁRIO DA NOITE. *Notas e informações militares*: Oficiais convocados. Distrito Federal: Diário da Noite, 6 de maio de 1944, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=221961_02&pagfis=25543&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 10 set. 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. “*Liberatori*”, A FEB vista pelos italianos, documentário completo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=osMO9d77ZtI>> Acesso: 25 mar. 2022.

GENI, *Family tree and family history*. Disponível em: <<https://www.geni.com/>> Acesso em: 12 ago. 2022.

JOPPERT, Flavio. *Vozes & ecos*: cartas de guerra transcritas. Niterói: Flávio Joppert, 2011.

MESQUITA, Jerônima de. *Geni.com online*. Disponível em:<<https://www.geni.com/people/Jer%C3%B4nima-de-Mesquita/6000000017673066567>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MESQUITA, Jeronima Elisa de. Baronesa de Itacuruçá (1851 – 1917). *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jeronima-Elisa-de-Mesquita-Baronesa-de-Itacuru%C3%A7%C3%A1/6000000017663941060>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MESQUITA, Jerônimo José de. 1º Barão e Conde de Mesquita (1826 – 1886) *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jer%C3%B4nimo-Jos%C3%A9-de-Mesquita-conde-de-Mesquita/6000000017564202378>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MESQUITA, Jerônimo José de. *Geni.com online*. Disponível em:<<https://www.geni.com/people/Jeronimo-Jos%C3%A9-de-Mesquita/6000000017673491626>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MESQUITA, José Francisco. 1º Marquês de Bonfim (1790-1873) *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Francisco-Mesquita-1%C2%BA-Marques-de-Bonfim/6000000017564660297>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MESQUITA, José Jerônimo de. 2º barão do Bonfim (1856 – 1895). *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Jer%C3%B4nimo-de-Mesquita-2%C2%BA-bar%C3%A3o-do-Bonfim/6000000017673183288>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MESQUITA, José Roberto de. 2º barão do Mesquita (1857 – 1927). *Sfreinobreza online*. Disponível em:< <https://www.web.archive.org/web/20120825212333>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Zé Fortuna & Pitangueira. *O Selo de Sangue*. LP Mocambo, volume 01, lado b, 1956. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ze-fortuna-e-pitangueira/1036560/>> Acesso: 25 set. 2022.

Bibliografia

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphanie. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In: *História da Virilidade. Volume 3: A virilidade em crise?* Séculos XX-XXI. Organização de Jean-Jacques Courtine, tradução de Noéli Correia Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, Editora Vozes, 2013, p. 239-268.

ALVES, Vágner Camilo. Armas e Política: o Exército e a constituição da Força Expedicionária Brasileira. *30º Encontro Anual da ANPOCS*, 24 a 28 de outubro de 2006. Disponível em: < <https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt08-22/3282-valves-armas/file>> Acesso: 15 out. 2022.

ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência? In OLIVEIRA, Dennison. ROSTY, Cláudio Skora. *II Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira*, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX) [anais], Curitiba-PR, 2011. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/12571782-A-forca-expedicionaria-brasileira-e-a-segunda-guerra-mundial-estudos-e-pesquisas.html>> Acesso: 16 out. 2022.

BARBOSA, Michele Tupich. *Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)*. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BARONE, João. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996, p. 185-211.

BRAGA, Rubem. *Crônicas de guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

BRANDI, Paulo. *Getúlio Dornelles Vargas (verbete)*. Rio de Janeiro: CPDOC, s/d. Disponível em:< <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas> >. Acesso em 12 ago. 2022.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na era Vargas*. Brasília: EDUNB, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação in: PANDOLFI, Dulce, *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

SCLIAR, Carlos. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9898/carlos-scliar>>. Acesso em: 29 de out. 2022.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na segunda guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CASTRO, Hélio Portocarrero. Não podemos esquecer-lo: um herói da FEB. *In: Revista Correia Lima*. Rio de Janeiro: CPOR, 2002.

COSTA, Marcos Antônio Tavares da. A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB. *In: I Simpósio do Laboratório de História Política e Social - 70 Anos do Estado Novo*, Juiz de Fora: ICH, v. I., 2010, p. 1-11. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a16.pdf> Acesso: 25 jan. 2022.

COSTA, Marcos Antonio Tavares. *A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4984>> Acesso: 12 out. 2022.

CRUZ, Henrique Vasconcelos. O endereçamento no Serviço Postal da FEB in: A Filatelia Brasileira, *Revista FEFIBRA: Federação dos Filatelistas do Brasil*, ano IV, nº 8 dezembro de 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2002.

DEPOIMENTOS de oficiais da reserva sobre a FEB. Ipê: Instituto Progresso Editorial S. A. São Paulo, 1949.

DINIZ, Eli. Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais in: PANDOLFI, Dulce, *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX). *VIII Seminário sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Campinas, São Paulo. 03 e 04 de maio de 2019, s/p.

FARIA, Durland Puppim; PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos soldados cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). *In: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio De Janeiro*, v. 14. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2018, p. 103 – 121. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/09/AGCRJ_revista14-103-121.pdf>. Acesso em 28 set. 2022.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. 2002. 392 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina, Eduel, 2012.

FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves. O Serviço militar brasileiro na hora da verdade: a preparação para o combate em tempos de paz e a participação brasileira na Campanha da Itália. in: ARIAS NETO, José Miguel, RODRIGUES, Fernando da Silva, SOPRANO, Germán (Coords). *Fuerzas Armadas, fronteras y territorios en Sudamérica en el siglo XX: Perspectivas y experiencias desde Argentina y Brasil*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2021, p. 141-170.

FERRAZ, Francisco César Alves. Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira. in CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 343-364.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FREIXO, Adriano de; ALVES, Vagner Camilo. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 32, e0101, jan./abr. 2021.

HOBBSAWM, Eric J. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 11ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

LIMA, Rui Moreira. *Senta a púa!* Rio de Janeiro: BiBliEx, 1980.

MALATIAN, Teresa. Cartas-Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades em foco: a Masculinidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora da UFPR, n. 34, 2001, p. 45-63. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2658>. Acesso: 25 mar. 2022.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944-1945) in CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 343-364.

MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Tradução de Jaime Tadei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

NOGUEIRA, Natânia. *30 de abril é o Dia Nacional da Mulher, em homenagem à leopoldinense Jerônima Mesquita*. Leopoldina: Radio Jornal, 2019. Disponível em: <<https://radiojornal.net/noticia/472269/30-de-abril-e-o-dia-nacional-da-mulher-em-homenagem-a-leopoldinense-jeronima-mesquita>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

OLIVEIRA, Dennison de. Poder militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: a experiência histórica da psiquiatria militar brasileira. *História: Questões & Debates*, Editora

da UFPR, Curitiba, n. 35, 2001, p. 117-154. Disponível: < <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2677>> Acesso: 07 fev. 2022.

OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, Curitiba: Juruá, 2015.

PARENTE, Paulo André Leira. Uma nova História Militar? Abordagens e campo de investigação. *A defesa Nacional: ADN*, 3º quadrimestre de 2006, p. 64-69. Disponível em: < <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/ADN/article/view/6114>> Acesso: 22 nov. 2022.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. A História Militar Tradicional e a “Nova História Militar” *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Disponível em: < http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf> Acesso: 15 mar. 2022.

PEREIRA, Durval Lourenço. Os "germanófilos". In: *Operação Brasil: O Ataque Alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. Disponível em: < <https://www.operacaobrasil.com/single-post/2015/01/19/Os-german%C3%B3filos> >. Acesso em: 11 nov. 2022.

PEREIRA, Fabio da Silva. *As cartas dos ex-combatentes da FEB*, entrevista completa. Rio de Janeiro: Canal ArteCult, 27/07/2020. Disponível em: < <https://www.instagram.com/tv/CDKjlv8p6rl/?igshid=1jy85oawn7eso>> Acesso: 19 out. 2022.

PEREIRA, Fabio da Silva. História Militar: Perspectivas sobre a forma de se escrever a história. In: *Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil*, Vol. 1, N. 2, 2021, pp. 55-79. Disponível em: < <https://revistamilitarterrestre.com.br/wpcontent/uploads/2021/07/Revista-n2.pdf> > Acesso: 03 fev. 2022.

PEREIRA, Fabio da Silva. O impacto cultural na alimentação dos soldados da FEB e a logística de suprimento na Itália (1944-1945), *Revista do Exército Brasileiro (REB)*, v. 156 n. 1, mai. 2020, p. 29-41. Disponível em: < <http://ebrevistas.eb.mil.br/REB/article/view/4409>> Acesso: 27 out. 2022.

PIRES, Heloísa (org). *Cartas de um piloto de caça: O treinamento e o combate (1943 – 1944)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2012.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15. Disponível em: < https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso: 20 mar. 2022.

RAMOS, Roberto Pessoa. *Diário de guerra de um piloto de caça*. Rio de Janeiro: Adler Books, 2006. Disponível em: < <http://www.sentandoapua.com.br/portal3/phocadownloadpap/Documentos/diario.pdf> >. Acesso em: 12 set. 2022.

RECORD. *Cartas da 2ª Guerra chegam a parentes de soldados após 80 anos*. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/internacional/cartas-da-2-guerra-chegam-a-parentes-de-soldados-apos-80-anos-28042019>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

RIBEIRO, Patricia da Silva. *Em luto e luta: construindo a memória da FEB*. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2013. Disponível em: < https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/StartDocument/bitstream/handle/10438/11296/Tese%20completa_REV4.pdf?sequence=1> Acesso: 19 nov. 2022.

RODRIGUES, Fernando da Silva. Desafios históricos para organização, preparação e emprego da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, *Análise Estratégica*, Vol 5 (2) Jul/ Dez 2018, p. 47-64. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExArE/article/view/2098/1703>> Acesso: 12 set. 2022.

RODRIGUES, Fernando da Silva. *Indesejáveis: Instituição, pensamento político e formação profissional dos oficiais do Exército Brasileiro (1905-1946)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

RODRIGUES, Fernando da Silva. Organização, preparação e atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, *Análise Estratégica*, volume 12 (2) Mar/ Maio 2019, p. 39-52. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/2249> Acesso: 20 set. 2022.

SANTOS, Paulo Dumangin. Observações de um oficial de informações de batalhão in *Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB*. Ipê: Instituto Progresso Editorial S. A. São Paulo, 1949.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*, 2ª ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. *Assistência e modernidade nos boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945-1964)*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Orientador: Drª Zélia Lopes da Silva, Assis, 2018.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Editora Expressão e Cultura – Exped. Ltda., 2001.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes brancas: diário de um pracinha*. Prefácio de Pedro Calmon. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1997.

SILVEIRA, Joel. MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*. Joel Silveira e Thassilo Mitke. Rio de Janeiro, Record, 3ª ed, 1993.

VIDAL, Paulo. *Heróis esquecidos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1960.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. Volume 4, 1985. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410/8995>> Acesso: 17 mar. 2022.

Anexos

Anexo I: Análise resumida dos relatórios do Serviço Postal

Quadro 1- Análise do relatório confidencial nº 457.

RELATÓRIO CONFIDENCIAL Nº 457	
QUEM?	Remetente: (L. C.); Destinatário: Sargento (C. A.) 250 FEB. Censurada pelo censor 13 do grupo B, datilografada por (E. S.) Relatório autorizado pelo Chefe do Correio Coletor Sul, Major João Wellisch Júnior.
QUANDO?	Data da correspondência: 17 de novembro de 1944;
	Data do carimbo: 24 de novembro de 1944;
	Data do exame pelo censor: 27 e 28 de novembro de 1944;
	Data do relatório: 11 de dezembro de 1944.
ONDE?	Relatório do Correio Coletor Sul.
COMO?	Consiste em um relatório que possuía o caráter confidencial nos tempos da guerra e era um documento com uma matriz padrão. Ao ser utilizado pelos censores, era datilografada com as informações da carta e porque a mesma estava sendo censurada. Foi encontrado no AHEx com boas condições para a análise.
POR QUÊ?	Censurada por motivo “Político”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2- Análise do relatório confidencial nº 467.

RELATÓRIO CONFIDENCIAL Nº 467	
QUEM?	Remetente: (J. F.); Destinatário: 2º Tenente Médico (M. S.) 250 FEB. Censurada pelo censor 31 do grupo C, datilografada por (E. D. L.) Relatório autorizado pelo Chefe do Correio Coletor Sul, Major João Wellisch Júnior.
QUANDO?	Data da correspondência: 30 de novembro de 1944;
	Data do carimbo: 1 de dezembro de 1944;
	Data do exame pelo censor: 1 de dezembro de 1944;
	Data do relatório: 4 de dezembro de 1944.
ONDE?	Relatório do Correio Coletor Sul.
COMO?	Consiste em um relatório que possuía o caráter confidencial nos tempos da guerra e era um documento com uma matriz padrão. Ao ser utilizado pelos censores, era datilografada com as informações da carta e porque a mesma estava sendo censurada. Foi encontrado no AHEx com boas condições para a análise.
POR QUÊ?	Censurada por motivo de “Segurança Nacional”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3- Análise do relatório confidencial nº 412.

RELATÓRIO CONFIDENCIAL Nº 412	
QUEM?	Remetente: (A. N.); Destinatário: Soldado (R. M.) 254 FEB. Censurada pelo censor 18 do grupo A, datilografada por (S. V.) Relatório autorizado pelo Chefe do Correio Coletor Sul, Major João Wellisch Júnior.
QUANDO?	Data da correspondência: 1 de junho de 1944;
	Data do carimbo: 2 de dezembro de 1944;
	Data do exame pelo censor: 4 e 5 de dezembro de 1944;
	Data do relatório: 7 de dezembro de 1944.
ONDE?	Relatório do Correio Coletor Sul.
COMO?	Consiste em um relatório que possuía o caráter confidencial nos tempos da guerra e era um documento com uma matriz padrão. Ao ser utilizado pelos censores, era datilografada com as informações da carta e porque a mesma estava sendo censurada. Foi encontrado no AHEx com boas condições para a análise.
POR QUÊ?	Censurada por motivo “Militar”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Anexo II: Análise resumida das cartas censuradas

Quadro 4- Análise da carta censurada de (S. M. S.).

CARTA CENSURADA DE (S. M. S.)	
QUEM?	Remetente: (S. M. S.) 303 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.)
QUANDO?	Escrita em 03 de abril de 1945; Postada em 07 de abril de 1945; Censurada com carimbo 38.
ONDE?	Escrita e postada na Itália, com destino para o Rio de Janeiro, no Brasil.
COMO?	Correspondência escrita com tinta preta em papel de seda, atualmente amarelado em virtude do decorrer do tempo. Em alguns pontos são notados movimentos de tremulação das mãos, com grafia deslocada para a direita na parte superior das letras. No envelope constam remetente, destinatário e carimbos sobre a postagem e o motivo da censura (38).
POR QUÊ?	O Cabo escrevia para a Madrinha buscando desabafar sobre o seu cotidiano. Possivelmente veio a ser censurada pelo conteúdo da folha 2, linhas 12 a 15 (L12-15).

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5- Análise da carta censurada de (J. R. S.).

CARTA CENSURADA DE (J. R. S.)	
QUEM?	Remetente: (J. R. S.) 257 FEB. Destinatário: Srta. (E. A. F.)
QUANDO?	Escrita em 17 de maio de 1945; Postada em 19 de maio de 1945; Censurada com o carimbo 31.
ONDE?	Escrita e postada em Alessandria, comuna italiana na região do Piemonte, à margem do rio Tanaro, próxima a Turim e Novara, com destino para o Rio de Janeiro, no Brasil.
COMO?	Correspondência escrita com tinta preta em papel de seda pautado, atualmente amarelado em virtude do decorrer do tempo, com grafia deslocada para a esquerda na parte superior das letras. No envelope constam remetente, destinatário e carimbos sobre a postagem e o motivo da censura (31).
POR QUÊ?	Possivelmente veio a ser censurada por conter a localização do militar que a escrevia (Folha 1, L1); por revelar o moral da tropa na Itália (Folha 1, L10, L11 e L14); por mencionar um possível embarque (Folha 2, L30); e por mencionar um possível desembarque da FEB (Folha 2, L45).

Fonte: Elaborado pela autora.

Anexo III: Glossário.

Quadro 6- Glossário sobre tópicos analisados no trabalho.

Termo utilizado	Resumo
Aliados	Aliança firmada entre Reino Unido, França, União Soviética, EUA e suas alianças, dentre estas, inclui-se o Brasil. Obteve a vitória no conflito mundial após derrotar a aliança do Eixo.
Ataque a Pearl Harbor	Ocorrido em 7 de dezembro de 1941, quando o Japão imperial atacou a base naval estado-unidense, no território do Havaí, marcando a entrada dos EUA no conflito.
Eixo	Aliança firmada pela Alemanha nazista, Itália fascista e Japão imperial durante a II Guerra Mundial. O declínio aconteceu em 1945, com o suicídio de Hitler, a morte Mussolini e os ataques às cidades de Hiroshima e Nagasaki, com a rendição do Japão.
Força Expedicionária Brasileira	Consistiu na atuação do Brasil como 1ª Divisão do V (quinto) Exército norte-americano na II Guerra Mundial nas regiões do norte da Itália, ao longo da linha gótica estabelecida pelo exército nazista, entre 1944 e 1945, atingindo êxito nas missões até a rendição da 148ª alemã. Foi estruturada em 09 de agosto de 1943 e dissolvida em 06 de julho de 1945.
Getúlio Dornelles Vargas	Presidente da República Federativa do Brasil nos períodos: 1930-1934 no Governo Provisório, iniciado pela Revolução de 1930; 1934-1937 no Governo Constitucional; 1937-1945 no Estado Novo; e 1951-1954 no período da República Populista, até o seu suicídio em 24 de agosto de 1954.
Linha Gótica	Correspondia a uma das últimas defesas alemãs no território italiano. Sendo uma extensão de mais de 250km, estava localizada nos Apeninos, local de atuação em ataque do corpo expedicionário brasileiro, com o intuito de desmobilizar as tropas nazifascistas.
II Guerra Mundial (1939-1945)	Teve início em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pelo exército alemão nazista, e foi finalizado seis anos mais tarde, em 2 de setembro de 1945, causando a morte de mais de 50 milhões de seres humanos.

Fonte: Elaborado pela autora.